



INTER-AMERICAN DEFENSE
COLLEGE PUBLICATIONS

2023

JAN 11-13

FORT LESLEY J. MCNAIR

Proceedings



Featured Authors

Gral. Brig. (Ret) PhD. Boris Saavedra

PhD. Dawn Murphy

PhD. Theresa Sabonis-Helf

MSc. Michael Kugelman

MSc. Iñigo Guevara Moyano

PhD. Evan Ellis

**Colegio Interamericano
de Defensa (CID)**



**Inter-American Defense College
(IADC)**

Director:

Major General
James E. Taylor
U.S. Army

Vice Director:

General de Brigada
Carlos Eduardo Barbosa da Costa
Brazilian Army

Jefe de Estudios/Chief of Studies:

General de Brigada D.E.M
Jorge Ramírez Zúñiga
Mexican Army



Seminar Coordinators

Colonel, James Short,
Brazilian Air Force.
short.james@iadc.edu

Colonel, Marcelo Martini,
Brazilian Army.
martini.marcelo@iadc.edu

**Trips, Seminars, and Conferences
Department**

Lt. Colonel, Erick Silva,
Brazilian Air Force.
erick.silva@iadc.edu

Editorial Staff.

Head of Research Division

Capt. Marcio Borges Ferreira, PhD
Brazilian Navy
Marcio.borges@iadc.edu

Assistant Editor

Major, Paola Rios Hernandez, MSc.
Mexican Army.
rios.paola@iadc.edu

Lieutenant, Ricardo Figueroa Ibarra, MSc.
Mexican Navy.
ricardo.figueroa@iadc.edu

Design

Irene Szokolcai
Irene.szokolcai@iadc.edu

ISBN # 978-1-7379232-2-0

Index

Introduction

Col James Short.....1

Perspectivas de la tecnología digital convergente y el ciberespacio en la próxima década (2023-2033)-

General Brigadier (RET) PhD. Boris Saavedra.....4

Impact on the Security and defense environment in a/Taiwan-

Dr. Dawn Murphy.....18

South Asia’s Challenges and Threats: Politics, Economics, and Security/Defenses-

MSc. Michael Kugelman.....30

Europa Retos para la Seguridad y Defensa en 2023

MSc. Iñigo Guevara Moyano.....51

Russia and Its Impacts On the World and “On Russias Near Abroad”-

PhD. Theresa Sabonis-Helfl.....68

Dinámicas Estratégicas en Asia-

Dr. Evan Ellis.....87

Resumen Sobre los Grupos de Trabajo del Seminario: “Situación Mundial, Analizando la Geopolítica Global y el Impacto en el Hemisferio Occidental”

Tte. Nav. Ricardo Figueroa118

Conclusion

Tte. Nav. Ricardo Figueroa.....121

INTRODUCTION

Coronel James Short
Força Aérea Brasileira
Coordenador da Conferência

Inseridos em um contexto de grandes mudanças e desafios, o Colégio Interamericano de Defesa (CID) realiza um amplo debate sobre a situação mundial em uma conferência realizada em Washington, DC, de 11 a 13 de janeiro de 2023.

A World Situation Conference (WSC/2023) é composta por uma série de três dias de palestras que cobrem regiões e aspectos da atualidade mundial. O CID organizou o evento como parte do Comitê de Situação Mundial, um dos cursos do seu currículo acadêmico.

Este ano, renomados palestrantes de diferentes nacionalidades abordaram questões relevantes, utilizando sua expertise sobre as regiões do mundo e mostrando a influência destas no Hemisfério Ocidental. As palestras foram registradas, seja por artigos ou pelas notas do orador destacando a geopolítica global.

A Conferência de Situação Mundial do ano de 2023 (WSC/2023) tem por objetivo ampliar os debates acerca de eventos geopolíticos relevantes da conjuntura mundial com base em regiões globais. Assim, ao se reunir diversos especialistas para tratar do tema, espera-se alavancar as principais tendências que influenciarão as diversas regiões e nações individualmente, projetando seu impacto sobre os planos e a implementação das políticas de defesa, segurança e desenvolvimento do Hemisfério Ocidental nos próximos 10 anos.

A fim de se atingir tal objetivo, em três dias de intensas atividades, a conferência reuniu 12 especialistas de diferentes nacionalidades, onde foram abordadas diversas questões relevantes entorno da geopolítica mundial.

Iniciamos o primeiro dia, abordando temas relacionados à Defesa e Segurança Global, destacando o poder de capilaridade das novas tecnologias no âmbito social e seu impacto na sustentação dos complexos pilares do Estado Moderno. Também foram colocadas em tela questões acerca da segurança marítima mundial, destacando problemas como a pirataria, downloads ilegais, ecoterrorismo, entre outras discussões e, em seguida, discutiram-se as potencialidades do ambiente ciberespacial e seu desenvolvimento de caracterização com a inserção dos diversos Estados,

inclusive com o emprego de inteligência artificial e o risco quanto ao impacto em Defesa e Segurança. Por fim, analisou-se também a potência chinesa, como os esforços e os desafios colocados e vinculados à ascensão da China e os possíveis impactos para a segurança e defesa em toda a Ásia. Inclusive tratando da questão atual das regiões e o caso sobre Taiwan.

No segundo dia de evento e, tendo como pano de fundo, a retomada da economia global, a diversidade cultural, linguística, religiosa e variedade de diversos sistemas políticos em toda a macrorregião, abordou-se o continente Europeu e suas relações históricas e atuais, seguindo então para a África Subsaariana, onde foram destacadas as questões fronteiriças, a crise migratória, energética e inflacionária regional que leva a onda de violência e problemas sanitários de difícil solução. Neste mesmo contexto, seguiram-se as discussões acerca da região da Ásia Central, com destaque para a Rússia e seu contínuo esforço para se consolidar como uma potência global, inclusive abordando o impacto mundial da situação de guerra atual. Finalizando o dia com a abordagem sobre os desafios e ameaças do sul da Ásia, tratando sobre as vulnerabilidades e um legado de conflitos e problemas limítrofes que geram adversidades até os dias atuais.

No último dia de conferência, seguiram-se as apresentações com as discussões acerca das regiões do Meio Oeste e Norte da África, destacando a violência crescente de grupos extremistas, problemas vinculados a escassez de água e dificuldade de diálogo por diferenças ideológicas. Seguindo por e o Sudeste e Leste da Ásia, juntamente com a Oceania, onde foram evidenciadas o crescente aumento de tensão no Oceano Pacífico e, em particular, na região que cobre o mar da China, onde vê-se uma desconexão entre interdependência e crescimento econômico, e um marco de segurança instável. Entrou-se no debate sobre a influência da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na nova ordem mundial, inclusive abordando a interação dos Estados Unidos como um ator relevante para os desafios diplomáticos que o mundo vive atualmente. Finalizamos com um debate sobre as perspectivas geopolíticas, citando os principais atores, seus desafios e possíveis respostas para as questões que assolam o mundo atual.

Em termos gerais, os conhecimentos apresentados nesta conferência foram fundamentais para que os alunos desenvolvessem uma análise aprofundada nas áreas: política, econômica, defesa, segurança, ciência, tecnologia, impacto das principais nações, atores estatais, alianças ou iniciativas governamentais e de organizações não governamentais internacionais.

Certamente, a Conferência de Situação Mundial (WSC) atingiu o objetivo de permitir que os alunos da Classe 62 desenvolvam um melhor entendimento da situação mundial atual, consoante as regiões do mundo, e avaliem as características geopolíticas globais nas quais os países estão inseridos.

PERSPECTIVAS DE LA TECNOLOGÍA DIGITAL CONVERGENTE Y EL CIBERESPACIO EN LA PRÓXIMA DÉCADA (2023-2033)

General Brigadier (RET) PhD. Boris Saavedra¹
Profesor del Centro William J. Perry para Estudios Hemisféricos de Defensa²

“La vida no es lo que nos pasa, sino como reaccionamos ante lo que nos pasa. Las naciones prosperan o perecen de acuerdo cómo respondan a las crisis.”

Scott Galloway.

Introducción

La guerra de Rusia contra Ucrania se aproxima a su primer año y las consecuencias políticas, económica, sociales, energéticas y tecnológicas no se han hecho esperar. Adicionalmente, la tecnología digital exponencial y convergente ha incrementado el consumo de energía en forma vertiginosa. Sin embargo, nuestras fuentes de energía actuales no logran satisfacer la creciente demanda. La fusión nuclear, el proceso que alimenta el sol, podría ofrecer el tipo de energía limpia y abundante que necesitamos, si los avances científicos lo permiten. El Reactor Experimental Termonuclear Internacional (ITER por sus siglas en inglés), es el intento más grande y ambicioso realizado hasta ahora para aprovechar la energía producida, al obligar a dos átomos a convertirse en uno. El experimento de \$ 25 mil millones de dólares en Saint-Paullez-Durance, Francia, es un proyecto conjunto de la Unión Europea, China, India, Japón, Corea del Sur, Rusia y los EE. UU. Su

¹ Professor Dr. Boris Saavedra is a retired Venezuelan Air Force General Officer, having served in all operational positions in that service. He has devoted more than 30 years of his professional life to academic activities, both in Venezuela and the United States. His duties have ranged from flight instructor and professor to Director of the Armed Forces Basic School and Commander of the Air Defense Command in Venezuela. Dr. Saavedra is a graduate of the Venezuelan Air Force Academy, where he received a Bachelor's degree in Science and Military Arts, with an emphasis in Aeronautics. He successfully completed all courses and specializations in air operations as a combat pilot. He graduated from the higher Military Studies course at the École Supérieure de Guerre Interarmées of France (1983-1986) and the Higher National Defense Course at the Institute of Higher Studies in National Defense of Venezuela (1988- 1989). In addition to his doctorate from the Gutiérrez Mellado Institute at the National Distance Education University in Spain (2014), he has an MA in International Policy and Practice from George Washington University in the United States (2003). In his area of specialization, Peace and International Security, he has co-authored several books and articles in journals in Spain, England, Colombia, Chile, the United States, El Salvador and Venezuela on civil-military relations in Latin America, public and private security, transnational crime, terrorism, and strategic planning and military capacity, and new emerging digital technology in cybersecurity and robotics. Dr. Saavedra is currently a Professor at the William J. Perry Center for Hemispheric Defense Studies, located at National Defense University in Washington, DC, where he worked since 1998. Before joining the Perry Center, Dr. Saavedra was the Chief of Academics at the Inter-American Defense College (1996-1998). In Venezuela, his last position was Director of the Secretariat at the Ministry of National Defense (1995-96).

² **Nota:** Los puntos de vista expresados en este artículo son los del autor y no reflejan necesariamente los puntos de vista del Centro William J. Perry para Estudios Hemisféricos de Defensa, la Universidad de Defensa Nacional o el Departamento de Defensa de los EE. UU. de América. El artículo se fundamenta en fuentes abiertas indicadas en la bibliografía utilizada y de previas publicaciones del autor.

objetivo final es hacer lo que ningún experimento de fusión ha hecho antes: producir más calor del que consume. El pasado 5 de diciembre de 2022 alcanzó este gran objetivo de producir más energía de la que se consumió. Esto ha sido un paso muy importante para lograr generar energía en forma limpia. ¹

Estamos viviendo un momento único en la historia de la evolución tecnológica. Nos encontramos en la cúspide de una revolución que marcará el comienzo de una serie de empresas/industrias de billones de dólares. Es una situación que nos podría recordar una serie de períodos disruptivos y de grandes oportunidades como: El nacimiento de internet, la adopción de los teléfonos inteligentes y el lanzamiento de los servicios en la nube, entre otros. Los modelos de negocios están a punto de cambiar en las industrias, la economía, la sociedad y la seguridad y defensa. La convergencia de tecnologías digitales aceleradas y exponenciales, están impulsando estos cambios disruptivos. A escala global, en las dos décadas del siglo XXI se ha observado una sostenida evolución de la geopolítica, con su centro de gravedad constituido por la tecnología digital emergente y convergente, de aceleración exponencial, particularmente en el año 2020, producto de la pandemia del COVID 19. Es así, como la base fundamental de la competencia entre grandes potencias ha cambiado de un centro de gravedad en recursos industriales, económicos y fuerza militar para la geopolítica del poder, a un dominio en el que la tecnología de la información y las comunicaciones constituye el elemento clave más importante para el ejercicio del poder geopolítico global. ² *Este artículo está enfocado en el análisis político y estratégico de la convergencia de estas tecnologías digitales y su impacto a nivel global en la próxima década.*

Convergencia tecnológica

Se entiende como la noción de unión de tecnologías emergentes de aceleración exponencial, es decir, cualquier tecnología que duplique su potencial mientras baja el precio se forma regular. Esto quiere decir que en forma constante el potencial de la tecnología se duplica y cuando estas tecnologías se unen producen un efecto evolutivo acelerado y exponencial que generan cambios disruptivos del comportamiento humano a escala global.

1. Convergencia tecnológica y su impacto en las comunicaciones

Internet de las cosas (IoT, por sus siglas en inglés) e Internet de todo (IoE, también por sus siglas en inglés), en convergencia con el sistema satelital en órbita, impulsarán una economía de

billones de sensores y la capacidad de percibir y saber cualquier cosa, en cualquier momento, en cualquier lugar.

En los últimos dos años se ha incrementado la instalación de la infraestructura de las comunicaciones 5G inalámbricas. Sin embargo, al mismo tiempo se están desarrollando las comunicaciones 6G inalámbricas, que serán 100 veces más rápidas. En forma concomitante, en la órbita terrestre se están desplegando varios miles de sistemas de satélites que finalmente cubrirán cada metro cuadrado de nuestro planeta. Hasta el momento, Starlink es la red de satélites en órbita más grande del mundo, con más de 2500 satélites operativos y con la meta de alcanzar más de 30.000. Este sistema hoy ofrece velocidades de hasta 100 megabits/segundo. La conectividad global basada en el espacio agregará 2 mil millones de nuevos usuarios a la economía global y estimulará las comunicaciones de nuevos consumidores y creadores, que inyectarán decenas de billones de dólares a la economía mundial.

Además de conectar a los usuarios, las crecientes redes de comunicaciones terrestres y satelitales también están permitiendo el crecimiento de IoE. La humanidad está cubriendo el planeta con sensores. Los relacionados con la salud en tu cuerpo estarán midiendo tu fisiología 24x7. Los sensores en el hogar escucharán y vigilarán todas las actividades, brindando seguridad y apoyo. Los sensores industriales monitorearán cada aspecto de la cadena de suministro y de la fabricación, para optimizar la producción, eficiencia y seguridad. Los sensores de los coches autónomos visualizarán las carreteras y entorno a través de cámaras, LIDAR y radar, rastreando todas las actividades en nuestras ciudades y barrios. Flotas de drones en el cielo y constelaciones de satélites en la órbita de la Tierra. Finalmente, las cámaras con visión de futuro en sus auriculares AR (realidad aumentada) capturarán una imagen permanente de registro de nuestros movimientos y alrededores, lo que comemos y con quién interactuamos. Hoy estamos dando a conocer lo que será una "economía de billones de sensores" en la que todo está siendo monitoreado, fotografiado y escuchado en todo momento. Esta meta tendencia está impulsada por la convergencia de sensores terrestres, atmosféricos y espaciales, combinados con aprendizaje automático y redes de datos. En este futuro, no es "lo que sabes", sino "la calidad de las preguntas que haces" que será lo más importante.

Finalmente, tomando en consideración que a mayor volumen y velocidad de comunicación se incrementan las vulnerabilidades y que la globalización tecnológica actual facilita la adquisición de todas estas capacidades por cualquier persona, sin restricciones para su uso, es evidente que estos procesos pueden ser utilizados por individuos que operan al margen de la ley. Por tal razón, se

requerirá la revisión del marco legal existente a escala global, por los organismos internacionales competentes y a escala nacional; en cada país, para prevenir el empleo de esta tecnología por los grupos delincuenciales y del crimen organizado y su potencial impacto en la seguridad y defensa internacional. También deberá crearse una protección a los individuos, la sociedad y la nación como un todo, ya que produce cambios disruptivos en toda la actividad de la población a nivel mundial.

2. La convergencia de Inteligencia Artificial (IA), aprendizaje automático (ML, por sus siglas en inglés) y computación en la nube.

El uso generalizado de la inteligencia artificial en todas partes es una de las tecnologías más impactantes hoy día en la humanidad. La pregunta que surge es ¿Cómo deberíamos pensar en esto? Permítame compartir con usted algunas ideas de expertos empresarios y pensadores en la materia.

“La inteligencia artificial podría tener implicaciones más profundas para la humanidad que la electricidad o el fuego”. - Sundar Pichai, director ejecutivo, Alfabet empresa de tecnología digital.

“Las empresas tienen que competir mediante el empleo de IA o se volverán poco competitivas. “Esencialmente, si tu competidor emplea IA y tú no lo haces, te destruirá como competidor.” - Elon Musk.

"Habrá dos tipos de empresas al final de esta década... Las que utilizan completamente la IA y las que están fuera del negocio". Peter Diamandis, experto empresario y autor de varios libros sobre desarrollo de tecnología digital emergente.

La IA está a punto de ser la tecnología de empleo más grande del mundo y ahora es el momento de insertarse en esta disruptiva ciencia, que está cambiando nuestro comportamiento, ya sea personal, corporativo e institucional, como social y nacional. Esta es la oportunidad, sea como empresario de crecimiento exponencial, sea como inversionista, independientemente de su industria. Pero, si lo vemos con la óptica pública e institucional, es el momento de repensar el funcionamiento del gobierno y particularmente de la seguridad y defensa de la nación.

Según Zion Market Research, se espera que la industria global de inteligencia artificial crezca de \$59,7 mil millones en 2021 a \$422,4 mil millones para 2028. Prácticamente todas las industrias están siendo transformadas por la IA, la automatización y la robótica.³

El precio de los chips de aprendizaje automático (ML) especializado está cayendo rápidamente, a medida que aumenta la demanda mundial. Al mismo tiempo, la expansión de las redes 5G junto a mayor computación en la nube, significa que nos dirigimos hacia un futuro en el que todos los dispositivos de nuestro entorno se volverán inteligentes e interactivos. Esta meta tendencia se genera por la convergencia de las redes 5G de sensores integrados, redes de internet de las cosas e Internet de todo (IoT/IoE), computación en la nube y sistemas de aprendizaje automático ML en la nube. Esta meta tendencia afectará a una multitud de industrias, desde el comercio minorista, la seguridad, la salud, las redes de transporte y la educación hasta la vida en el hogar. ⁴

Esto podría llevar a pensar que la próxima década, los algoritmos de IA y las herramientas de aprendizaje automático serán cada vez más una fuente abierta y disponible en la nube. Ello, a su vez, permitirá a cualquier individuo con una conexión a Internet, la capacidad de amplificar su creatividad, mejorar su habilidad para resolver problemas y aumentar su capacidad de ingresos. Ejemplos de esto incluyen GPT-3 (y próximamente GPT-4), que son modelos de aprendizaje automático de red neuronal, entrenados con datos de Internet para generar cualquier tipo de texto) y DALL-E y DALL-E2, que son modelos de aprendizaje profundo desarrollados por Open IA para generar imágenes digitales a partir de descripciones en lenguaje natural, denominadas "indicaciones". DALL-E fue revelado por Open IA en enero de 2021 y utiliza una versión de GPT-3 modificada para generar imágenes. ⁵

La aparición de chatbots Chat GPT, impulsado por inteligencia artificial, atrajo el interés mundial y superó el millón de usuarios en menos de una semana, en diciembre de 2022. Esta plataforma puede completar las tareas de los estudiantes, lo cual podría conducir a una crisis en el aprendizaje, que obligará a los educadores a repensar la educación por completo, de acuerdo con experimentados pedagogos en los Estados Unidos. También es la primera vez que un generador de texto de inteligencia artificial de alto nivel, con una interfaz fácil de usar, se pone a disposición del público de forma gratuita. ⁶

Ejemplo como éste, es parte de la meta tendencia que será impulsada por la convergencia de Inteligencia Artificial, así como masivas cantidades de computación en la nube, gran cantidad de suministro de datos etiquetados y conectividad global de gran ancho de banda. Todas las industrias, tales como: atención médica, educación, el entretenimiento para el diseño, las finanzas y el comercio

minorista, el sector público y los individuos o grupos que se desempeñan al margen de la ley, se verán significativamente empoderados, ampliando sus capacidades.

3. Atención médica más barata, democratizada y preventiva

La pandemia de COVID-19 inició la interrupción y reinención de la atención médica, un proceso que continuará y se acelerará en la próxima década. Esta reinención está ilustrada por dos tendencias específicas: Primero, la transición de la atención médica del hospital y el consultorio médico, al hogar. Sensores biométricos usados en nuestro cuerpo, (implantes consumibles) y en nuestro entorno (hogar y oficina) alimentarán datos continuos a nuestros archivos clínicos con IA, y a través de nuestros médicos. Este seguimiento continuo permitirá que la medicina haga la transición de reactiva, a preventiva, permitiendo que la enfermedad sea detectada en sus etapas más tempranas. La segunda tendencia implica un mayor uso de la IA como nuestro principal diagnóstico y conocedor de salud, que permite que la medicina sea democratizada y más barata y preventiva. En esta próxima década, el aumento de las capacidades de la robótica, habilitada por AI, permitirá la cirugía robótica y tratamiento más personalizado. ⁷

4. Interfaces cerebro-computadora de gran ancho de banda

De acuerdo con el tecnólogo/futurista estadounidense, Ray Kurzweil, a principios de la década de 2030 se comenzarán a conectar redes de banda ancha entre la corteza neuronal humana y la computación en la nube, las cuales serán las primeras aplicaciones centradas en el tratamiento de una amplia gama de trastornos neurológicos (por ejemplo, lesiones de la médula espinal), con el objetivo de restaurar los sentidos y función de movimiento, para personas que sufren de disfunción sensorial o motora. ⁸

5. La colaboración entre IA y los humanos se disparará en todas las profesiones

El auge de la "IA como servicio" (AIaaS, por sus siglas en inglés) permitirá a los humanos asociarse con la IA en cada aspecto de trabajo, en todos los niveles, en todas las industrias. La IA está haciendo metástasis en la vida cotidiana, en las operaciones comerciales, sirviendo como

colaboradores cognitivos para que los empleados puedan apoyar tareas creativas, generar nuevas ideas y abordar innovaciones que antes eran insostenibles. En algunos campos, la asociación con AI se convertirá en un requisito. Por ejemplo, en el futuro, hacer ciertos diagnósticos médicos sin la consulta de AI, podría considerarse negligencia médica. Los autores escribirán sus blogs, historias y libros en colaboración con algoritmos como GPT-3/GPT-4, descritos anteriormente. Los artistas y los diseñadores utilizarán DALLE-2. Los programadores e ingenieros de software se asociarán con IA para producir código y prototipos de ingeniería.

6. Surgimiento de Web3.0/Metaverse (AI + RV/RA + Blockchain)

La idea de la Web3.0 es la propiedad y control descentralizados, al poner la web en manos de sus usuarios y la comunidad. El metaverso, por otro lado, es una realidad digital compartida, que permite a los usuarios conectarse entre sí, construir economías e interactuar en tiempo real, sin importar a quién pertenece. Estas dos tecnologías, aunque no son lo mismo, se complementan en forma articulada para lograr la autonomía funcional del usuario.

Estudios realizados por Citibank estiman que el potencial del metaverso podría tener un valor de \$ 13 billones para 2030 y tener hasta 5 mil millones usuarios. La Web2.0 nos permite transferir datos en forma de documentos, fotos y videos. La Web3.0 surgirá como la Internet del valor, basada en la tecnología blockchain, NFT (non-fungible-token) o sea, que no se puede intercambiar con otro tipo de moneda, DAO (Decentralized Autonomous Organization) organización autónoma y descentralizada y el metaverso, que permitirá transmitir valores de propiedades.

El metaverso que es una capa social y de propiedad en Internet, proporciona identidad, seguridad, y autonomía funcional conectando personas, lugares y cosas. La autenticidad está garantizada mediante la cadena de título de valor (propiedad) a través del tiempo y el espacio. W3.0/Metaverse utiliza la tecnología blockchain, que es una combinación de Realidad Virtual y Realidad Aumentada (RV/RA), redes 5G inalámbricas, blockchain e IA. Esta convergencia de tecnologías transformará la forma en que vivimos nuestro día a día, impactando en todas las industrias, desde el comercio minorista y la publicidad, hasta la educación y el entretenimiento. En esta década: “Los artistas y los contadores de historias serán para Web.3.0 lo que los ingenieros de software fueron para Web2.0”.⁹

7. La realidad virtual de alta resolución reinventará el comercio y la colaboración

Los visores de bajo peso y de alta resolución de Realidad Virtual, en combinación con conectividad de gran ancho de banda e IA, generarán imágenes que permitirán a cualquier persona comprar de todo, desde ropa hasta bienes raíces, desde la comodidad de su casa, de una manera fácil y altamente eficiente. ¿Necesitas un nuevo atuendo? tu IA conoce las medidas detalladas de tu cuerpo y puede preparar un desfile de modas, con múltiples copias de tu avatar (una representación informática de los usuarios en un mundo 3D generado por computadora), luciendo los últimos 20 diseños en pasarela. Serás capaz de ver como lucirían los muebles de tu selección dentro de una casa que estás viendo en línea. No hay problema, tu IA puede mostrarte y darte un buen recorrido.

8. La convergencia de tecnologías digitales emergentes y su impacto en el sector de la seguridad y defensa en la próxima década 2023-2033

Durante la Guerra Fría, las grandes potencias utilizaron amenazas de fuerza nuclear. Sin embargo, hoy día las amenazas se basan en el uso de la microelectrónica para el empleo armas de gran precisión. A nivel de las grandes potencias, el liderazgo chino se preocupa menos por el empleo de la fuerza nuclear o militar de Estados Unidos, que por las recientes regulaciones del Departamento de Comercio llamada la lista de Entidades, que limita la transferencia de tecnología estadounidense al extranjero. En el pasado, esta lista se había utilizado para impedir la venta de sistemas militares como piezas de misiles o materiales nucleares. Ahora, sin embargo, Estados Unidos está endureciendo drásticamente las reglas que regían los semiconductores (chips) de computadoras, que se han vuelto omnipresentes tanto en los sistemas militares como en los bienes de consumo masivo.

En pocas palabras, la rivalidad entre Estados Unidos y China está determinada por el poder de cómputo en la nube, la IA, y el aprendizaje automático (ML, por sus siglas en inglés). Las estrategias entre Beijín y Washington se dan con base en todos los avances de la tecnología digital emergente, acelerada y convergente. La supremacía militar estadounidense hoy día se sustenta en gran medida, por su capacidad para utilizar la convergencia de tecnologías tales como la IA, aprendizaje automático, y computación en la nube particularmente, los semiconductores en sistemas de armas militares de gran precisión y alta tecnología. De igual forma, algunos países de Asia durante el último medio siglo se han especializado en la fabricación de semiconductores y el ensamblaje de computadoras y teléfonos inteligentes, que los circuitos integrados hacen posible.

La fabricación y miniaturización de semiconductores ha sido el mayor desafío de la ingeniería de nuestro tiempo. En la actualidad, ninguna empresa fabrica semiconductores con más precisión que Taiwán Semiconductor Manufacturing Company, mejor conocida como TSMC. El 18 de febrero de 2020, TSMC fabricó más de 1 quintillón de transistores, es decir, un número con dieciocho ceros detrás. En el año 2021 la industria de los semiconductores produjo más transistores que la cantidad combinada de todos los bienes producidos por todas las demás empresas, en todas las demás industrias, de toda la historia de la humanidad.

Taiwán se ha convertido en el epicentro de la fabricación de semiconductores del mundo, lo cual, aunado a la reclamación de China continental sobre su estatus de país independiente, lo ubica en la agenda geopolítica mundial como un asunto muy sensitivo, por la postura de Beijing que se ha negado deliberadamente a descartar la posibilidad de que pueda invadir a Taiwán para reunificarlo con el continente. Para ello no se necesita solo de una acción militar armada, podría ser a través de la economía global e incluso un bloqueo parcial por parte de las fuerzas militares chinas, que desencadenaría perturbaciones devastadoras. Un solo ataque con misiles en las instalaciones de la fábrica de semiconductores más avanzada del mundo (TSMC) podría causar fácilmente cientos de miles de millones de dólares en daños, por las consecuencias en la producción de teléfonos, centros de datos, automóviles, redes de comunicaciones y otras tecnologías.¹⁰

Esta disputa política, que puede considerarse la más peligrosa del mundo, puede dejar a la economía global como rehén. Esta concentración de la fabricación avanzada de semiconductores en Taiwán, Corea del Sur y otros países de Asia, obedece a una serie de decisiones deliberadas de funcionarios gubernamentales y ejecutivos corporativos, que, por consideraciones geopolíticas y económicas del momento, crearon la gran cadena de suministros en la cual confiamos en la actualidad.

La complejidad de los sistemas de armas modernos digitalizados y los desafíos de la interoperabilidad, significan que cualquier actualización del alistamiento operativo, conducirá a la identificación de nuevos requisitos tecnológicos para las fuerzas de seguridad y defensa. Se requerirán, tanto en el presente como en el futuro, procesos y estructuras para identificar rápidamente estas necesidades y obtener las mejores soluciones. Esto incluye, entre otras cosas, poder dar a los comandos, a diferentes niveles de la cadena de mando, la autoridad para tomar

decisiones sin el enfoque actual tradicional de la cadena de mando para la creación de consenso, que puede ser razonable, aunque lento, en tiempos de paz, pero inaceptable durante la guerra.

9. Recomendaciones que podrían ser tomadas en cuenta para entender la IA y su evolución en los años por venir

Peter Diamandis, experto futurista en tecnología digital ya mencionado, recomienda algunas acciones que pueden considerarse y que están disponibles al público en general, independientemente de su experiencia o conocimientos de la IA.

10. Para inversionistas en IA

Si es un inversor en los mercados públicos, la elección es fácil. La mayoría de las verdaderas empresas de IA están significativamente deprimidas y tienen un gran potencial continuo. Las top 10 son: APPLE (AAPL), GOOGLE/ALPHABET (GOOG), AMAZON (AMZN), MICROSOFT (MSFT), NVIDIA (NVDA), TESLA (TSLA), PALANTIR (PLTR), SALESFORCE (CRM), META (META) e IBM (IBM).

11. Recomendaciones a los directores de instituciones públicas o ejecutivos de empresas privadas para aprovechar la IA

Durante los próximos 10 años, todo lo que nos rodea se volverá inteligente. Desde la IA en la automatización del hogar, la IA del cuidado de la salud en el hogar, la IA en el comercio minorista y la cadena de suministro habilitada para esta tecnología, hasta la IA en los asuntos de seguridad y defensa. Esta meta tendencia está habilitada por la convergencia de redes 5G, sensores integrados, Internet de las cosas (IoT), Internet de todo (IoE), redes, computación en la nube y sistemas de aprendizaje automático en la nube, que aumenta la demanda mundial. Al mismo tiempo, la expansión de las redes 5G junto con una computación cada vez mayor en la nube significa que nos dirigimos hacia el futuro. El precio de los chips de aprendizaje automático (ML) especializados está cayendo rápidamente a medida que todos los dispositivos de nuestro entorno estarán conectados y serán inteligentes e interactivos.¹¹

Los sensores integrados en su ropa, muebles y en su cuerpo, monitorearán constantemente sus datos biométricos, el tono de su voz y el movimiento de sus pasos para descifrar su salud y estado mental. Los electrodomésticos responderán a los comandos de voz y se anticiparán a sus

necesidades. Su entorno (niveles de iluminación, selección de música, temperatura deseada) se anticipará también a sus necesidades y responderá "automáticamente" a sus deseos. Cuando todo esté integrado con inteligencia artificial, tendrá, como ya se señaló, un impacto en casi todas las industrias: desde el comercio minorista, el cuidado de la salud, las redes de educación y transporte hasta los asuntos de seguridad y defensa.

Si usted está en el sector público o privado y busca las empresas privadas de tecnología de IA que todavía están en el ámbito de las inversiones de riesgo, querrá encontrar un nivel de riesgo más pequeño para contratar un proyecto o invertir. Es fundamental que, en la búsqueda de empresas de IA, al principio de su preselección usted solicite ver su historial. Pídales que le muestren sus informes de proyectos exitosos en etapa inicial. El hecho es que los fondos de riesgo que obtienen acceso anticipado a las ofertas seguirán obteniendo acceso anticipado y siempre saldrán ganando. Asigne algo de capital en algunos de los proyectos de inversión que tienen elementos de riesgos a los que puede acceder. Se mencionan fondos más pequeños aquí, porque puede ser difícil acceder a los fondos más grandes, sobre todo en el sector público y de inversionista en solitario. Puede encontrar detalles sobre rondas de inversión buscando las empresas emergentes en Crunchbase (página web para inversionistas). Asista los días de demostración a la Universidad de Stanford y al Instituto de Tecnología de Massachusetts (MIT) y pregúnteles a los estudiantes de posgrado a quién conocen que esté dirigiendo compañías de desarrollo de IA. Haga algunas inversiones menores. Manténgase en contacto y trate de agregar fondos en cada etapa, a medida que avanza el proyecto. El caso de Larry Page y Sergey Brin, que invirtieron 100.000 dólares cuando acababan de fundar Google en Stanford, es emblemático y muy exitoso.

CONCLUSIONES

La noción de tecnología de aceleración exponencial se refiere a cualquier tecnología que duplique su potencial mientras baja el precio de forma regular. La ley de Gordon Moore, quien predijo en 1965 que los transistores en un circuito integrado se duplicarían cada dieciocho meses, se ha cumplido, por lo cual se han logrado los grandes avances tecnológicos de hoy día.

En esta década que comienza en 2023, las computadoras portátiles promedio de mil dólares, tendrán la misma potencia informática que un cerebro humano (aproximadamente 10¹⁶ ciclos por

segundos). Esa misma computadora portátil promedio tendrá el poder de todos los cerebros humanos que hay actualmente en la tierra. La llamada ley de los rendimientos acelerados, las tecnologías que ahora se aceleran y este ritmo incluye algunas de las más potentes innovaciones que aún no hemos soñado: computadoras cuánticas, inteligencia artificial, robótica, nanotecnología, biotecnología ciencia de los materiales, redes de sensores, impresión 3D, realidad aumentada, realidad virtual, blockchain y otras. ¹²

Todo este proceso, por radical que parezca, es una noticia vieja. La nueva noticia es que estas tecnologías de aceleración exponencial están comenzando a converger con otras tecnologías independientes de aceleración exponencial, lo cual está creando cambios disruptivos, que en los próximos diez años aumentarán en cantidad y en escala en toda la actividad humana en la tierra.

Los investigadores de Stanford estiman que para el 2030 habrá 500.000 millones de dispositivos conectados (cada uno con decenas de sensores), lo cual, según ellos, generará, para ese año, una economía de 14.2 billones de dólares. Detrás de estos números está exactamente lo que se ha estimado: una capa eléctrica que registra casi todas las sensaciones de nuestro planeta.

Las comunicaciones 5G inalámbricas, en convergencia con IA y la tecnología satelital, han revolucionado el mundo de las comunicaciones en cuanto a velocidad y volumen, lo cual es un verdadero reto para la seguridad y defensa, tal cual la conocemos hoy día, ya que, en la actualidad, la baja latencia y el volumen hacen a las comunicaciones mucho más vulnerables a las actividades criminales en el ciberespacio.

El internet es la red de comunicación más grande del mundo. En 2010, aproximadamente una cuarta parte de la población de la tierra, (1.800 millones de personas) estaban conectadas. En 2017 la penetración había alcanzado 3.800 millones aproximadamente, lo cual, para ese año representaba la mitad de la población mundial. Pero, en los próximos años esta conexión se extenderá a todos los habitantes de la tierra, a una velocidad de un gigabit y a muy bajo costo. 4.200 millones de nuevas mentes adicionales están a punto de unirse al mundo.

Los robots ahora están entrando en casi todos los aspectos de la vida humana. Las versiones actuales están potenciadas por IA, lo que les permite aprender por sí mismos, operar solos y en enjambres, caminar en dos patas, mantener el equilibrio sobre dos ruedas, conducir, nadar, volar y, dar volteretas hacia atrás o adelante. Hoy en día, los robots realizan trabajos que son aburridos. Mañana, aprovecharán en cualquier lugar donde la precisión y la experiencia sean clave. En el

quirófano, los robots ayudan en todo, desde la reparación rutinaria de hernias hasta complicados desvíos cardíacos. En el campo, los robots recogen la cosecha y arrancan los frutos de los árboles, en fin, se estima que en los próximos años tendrán el control de la gran mayoría de trabajos manuales, así como aquellos que implican un alto riesgo para el ser humano.

Finalmente, como lo hemos descrito en este artículo, la IA, el aprendizaje automático (ML) y la computación en la nube son tecnologías independientes, que en la actualidad han convergido creando cambios disruptivos a nivel mundial, en todas las actividades en el planeta. Evidentemente, estos cambios han tenido efecto cascada en todas las actividades, desde la geopolítica mundial hasta el comportamiento individual de cada uno de nosotros. La próxima década se caracterizará por más cambios disruptivos, por la convergencia de otras tecnologías de gran aceleración y crecimiento exponencial, para lo cual todos, desde el individuo, la familia, la comunidad, la sociedad y la nación, requieren un proceso de adaptación progresiva y constante.

Bibliografía

1. Carla Moskowitz “World’s Largest Fusion Reactor Begins Assembly”, *Scientific American*, 1 de december 2020 <https://www.scientificamerican.com/article/worlds-largest-fusion-reactor-begins-assembly/>
2. Marr, B. “*The new global AI arms race: How nations must compete on artificial intelligence*”. Bernard Marr & Co. <https://bernardmarr.com/the-new-global-ai-arms-race-how-nations-must-compete-on-artificial-intelligence/>
3. Zion Market Research “Private think tank, research company” <https://www.zionmarketresearch.com/>
4. Chris Miller, “*Chip War, the fight for the world’s most critical technology*”. (Scribner in NY. October 2022.) ISBN 978-1-98217200-8.
5. Abundance 360 Top 20 Megatrends & Moonshots For 2022-2032, “Company for longevity” <https://www.abundance360.com/a360-resources-mindsets-and-moonshots>
6. Teny Sahakian “*AI bot that can do schoolwork could blow up education system, with youngest at most risk: former teacher.*” December 8, 2022 <https://www.foxnews.com/tech/ai-bot-schoolwork-blow-up-us-education-system-youngest-risk-former-teacher>
7. Top 20 Metatrends & Moonshots Abundance 360. “*Company for the meeting of entrepreneurs who seek abundance*” <https://event.abundance360.com/>
8. Ray Kurzweil, “*Predictions Persist*”. Now. Powered by Northrop Grumman, January 31, 2022 <https://now.northropgrumman.com/ray-kurzweil-predictions-persist-turns-70/>
9. Top 20 Metatrends & Moonshots Abundance 360. “*Company for the meeting of entrepreneurs who seek abundance*” <https://event.abundance360.com/>
10. Chris Miller, “*Chip War, the fight for the world’s most critical technology*”. (Scribner in NY. October 2022.) ISBN 978-1-98217200-8.
11. Peter H. Diamandis, “*Metatrend #1 Everything is smart & Embedded with Intelligence*” Peter H. Diamandis, November, 6, 2022 https://www.diamandis.com/blog/metatrend_1_everything_is_smart
12. Peter Diamandis and Steven Kotler *The Future is Faster than you Think. How converging Technologies are Transforming Business, Industries, and Our Lives.* (Published by Simon & Schuster Audio). ISBN: 978-1508-299523. January 2020.

IMPACT ON THE SECURITY AND DEFENSE ENVIRONMENT IN ASIA/TAIWAN

Dr. Dawn Murphy³
Associate Professor of National Security Strategy at the National War College.

I have been asked to speak very broadly about Chinese foreign policy, including Taiwan and security issues in Asia Pacific.

I am going to start with a very general introduction to China's geostrategic situation, politics, and economics. I will give a very basic introduction, and then I am going to do a deep dive into China's economy, and then talk about a number of territorial sovereignty concerns that China has, in particular territorial claims and disputes that it has in the East China Sea, South China Sea, and Taiwan. Then I will conclude with some final remarks.

I do want to say that I am speaking broadly about Chinese foreign policy today but my own expertise, as you heard in the introduction, looks at China, China-Middle East, China-Africa, and China in the global South more broadly.

I should also say that today these are my views only as an academic. They do not represent the National War College, the Department of Defense, or the US government.

First, when you think about China, you have to consider that it has a very complex geopolitical environment. It has twenty countries adjacent to it, including fourteen land borders, which means the only country in the world that has more bordering countries is Russia. China's bordered by four nuclear powers, India, Pakistan, Russia, and North Korea, and it's surrounded by a very wide range of regimes. So if you think about this, you've got a democratic Japan, you have a communist North Korea, you have a democratic India,

³ Murphy, Dr. Dawn Associate Professor, National Security Strategy Dr. Dawn Murphy joined the National War College as an Associate Professor of National Security Strategy in 2022. Prior to joining NWC, her academic appointments included Associate Professor of International Security Studies at Air War College, Visiting Assistant Professor of Political Science at George Washington University, and Postdoctoral Research Fellow with the Princeton (Columbia)-Harvard China and the World Program at Princeton University. Murphy specializes in Chinese foreign policy and domestic politics, US-China relations, and international relations. Her research analyzes China's interests and behavior as a rising global power towards the existing international order. She examines China's relations with the Middle East and Sub-Saharan Africa in her book *China's Rise in the Global South: The Middle East, Africa, and Beijing's Alternative World Order* (Stanford University Press, 2022). It analyzes China's foreign policy approach towards the Middle East and Sub-Saharan Africa regionally (e.g., political, economic, military, and foreign aid) and through detailed case studies of the China-Arab States Cooperation Forum (CASCF), the Forum on China-Africa Cooperation (FOCAC), the China-Middle East Issues Special Envoy, the China-Africa Issues Special Envoy, China's Special Envoy for Syria, China's naval base in Djibouti, and China's Belt and Road initiative. Dr. Murphy holds a B.S. in Industrial and Labor Relations from Cornell University, Master of International Affairs from Columbia University's School of International and Public Affairs, and Ph.D. in Political Science from George Washington University.

you have almost every kind of political system surrounding China. As you all know it has over 1.3 billion people. That forces China to deal with a number of domestic challenges of running a country that is that large.

And one thing that I ask my U.S. students in war college environments is to think about in comparison to the US. I know that each country in Latin America has a different situation regarding the number of bordering countries, but from a U.S. perspective, we have Mexico and Canada. So compared to the US geostrategic environment, China is quite complicated.

The next thing that I want to point out is that China is a diverse country. Although 92% of its population is Han Chinese, ethnically Han Chinese, there are 55 officially recognized minorities, including Uyghurs, Kazaks, Tibetans, and Mongolians. So, if you look at the northwest of the country, you find Uyghurs. They are ethnically Turkic but have a religion of Islam. In the southwest and center of China, you find Tibetans, and up in the north, you will find Mongolians. But the real point here is that China is concerned deeply with its own territorial integrity. Large portions of its actual territory have minority populations. It worries about insurgency in those areas.

If you consider a different geographical representation of China, you can see most of the bordering provinces, like Inner Mongolia, Xinyang, Tibet, and Guangxi, again are minority regions that are called autonomous regions.

I want to say a few words about history because I think when you are thinking about China today it is important to think about it from a comparative perspective. Many of you have heard of Mao Zedong and are familiar with him. But back from the founding of the PRC in 1949 all the way up to 1976, the PRC was both economically and politically communist, a one-party Leninist State. So, you had a planned economy and a very strong ideological basis associated with that.

China's role in the world was very different than it is today. Back during the Mao era, China was spreading ideology, it was supporting national liberation movements. It very much saw itself as leading an ideological revolution globally.

After Mao died in 1978, you had the rise of Deng Xiaoping, and from 1978 on into the 80s and into the 90s you had what is called reform and opening in China. Essentially, China started to open its economy, and encouraged foreign direct investment; it started to interact economically with the rest of the world. It pursued a number of political reforms, but economic forms were much more substantial than political reforms.

That was a quick snapshot because it is important to think about the historical trajectory of China's domestic situation and international relations.

It is more important to focus on China's contemporary interests and objectives. Considering in a hierarchical way and rank-ordered from the first to the last interest: China's most important interest both domestically and internationally is maintaining the power of the Chinese Communist Party. The second interest is territorial integrity and sovereignty. This includes ensuring that Xinjiang, Tibet, and Inner Mongolia, along with other territories that right now are formally part of the PRC, continue to be part of it, as well as Taiwan, Hong Kong, and Macau, and increasingly the claims in the East China Sea and South China. Compared to many other countries, China is deeply concerned that it will lose large amounts of its territory in these various disputes. The third objective is to prevent domination of Asia by others while expanding China's influence among its neighbors and establishing regional hegemony in Asia. Increasingly, there are scholars and analysts that would say that China wants to be a hegemon in Asia and the world leader. There is a lot of debate in the academic community and the policy community as well regarding this particular aspect of interest or goals. There are a number of analysts that do emphasize that aspect of interest as well.

The fourth objective is prosperity and wealth for China, continuing to grow China's economy. The fifth is to get a voice for China in the international arena, for example, having a voice in the United Nations, the World Trade Organization, and more informal groupings like the BRICS.

Finally, advocating for developing country causes. My research looks at China- Middle East, China-Africa, and China's relations with the global South. There is a particular interest from China in its relations with the global South which is advocating for developing country causes. So, that could be for more representation of developing countries in the existing international institutions, it could be for different treatment in relation to climate change, it could be associated with various aspects of foreign aid. There are many different dynamics of this. This interest comes from the Mao era and continues to this day.

When we talk about China's interests, one thing that you hear a lot, especially in dialogue with the Global South, is the Five Principles of Peaceful Coexistence. This needs to be examined because this is a norm that China considers the bedrock of its broader relations with the global order in general. I do not know how many of you are familiar with the concept of Westphalian sovereignty but essentially what this is referring to is a very strict interpretation of Westphalian sovereignty, respect for territorial integrity, as well as noninterference, and nonintervention.

Xi Jinping is the current General Secretary of the Chinese Communist Party and the president of China. Since 2012, Xi Jinping has consolidated power, becoming the most charismatic leader that China has had since Deng Xiaoping, many analysts say since Mao Zedong. Clearly, in recent history, Xi Jinping has been the most charismatic. He has inserted a lot of his control and emphasized control over the PLA. Under his governance, we could debate about the degree to which this is Xi Jinping driven versus being something that predates him, but during the Xi Jinping era, there is a real reinsertion of the Communist Party into all

aspects of society, and there is a real rollback of the political reforms that had been pursued for a number of years since Deng Xiaoping was in power.

So pretty much if you think about it across the board, freedom of religion, freedom of the press, freedom of assembly, freedoms more broadly, human rights protections, as well as a lot of the more responsiveness to public opinion, etc, the peak of that was in the mid-2000s. The Xi Jinping era has seen the consolidation of power in Xi, and on the foreign policy front increasingly there is a more assertive China.

There are a lot of discussions that there's been a movement away from hide and bide, an approach which basically was maintaining a relatively passive foreign policy stance during the Deng Xiaoping era into the Xi Jinping era with more assertiveness and more proactive behavior on the international stage.

Next is a review of China's economy. The numbers mentioned here are from 2021. One way to see China's economy is the gross domestic product which gives an idea of the actual size of the economy. It's at about \$17 trillion, whereas the US is \$23 trillion. Still smaller than the U.S. economy, but it's catching up. There is the GDP-purchasing power parity. What this says is it's equalized out taking into account foreign exchange rates, as well as various internal subsidies. This is the number where China's economy has surpassed the U.S. Analysts tend to be referring to this. It's slightly ahead of the U.S.

China has large amounts of foreign exchange reserves. Since 2011, it has been the second-largest economy in the world. It is the world's largest manufacturer, the world's largest net oil importer, and the number one trading economy. Despite all those factors, it still does on a per capita, per person, basis tend to be relatively low income. When you look at this, the GDP per capita which shows per person is about \$12,000 U.S. dollars per year, whereas the U.S. is \$70,000 U.S. dollars per year. When China says it's a developing country, when it says it's a poor country, when it says it understands the developing world, it's really referring to this. When you think about cities like Shanghai, Beijing, and, Tianjin, and they're really developed parts of China, you have a quality of life and standards of living that are quickly approaching the U.S. and the West. However, you also have large portions of the country that still have average incomes that are much lower than \$12,000 U.S. dollars per year. Moreover, in China's mind, they struggle with these issues. There are many analysts that look very skeptically at China's claims that it sees itself as part of the developing world. Although China uses this instrumentally and it tends to leverage it in certain ways, I do actually think in many ways China does consider itself still to be a developing country and a poor country that is struggling with many of these issues.

Another important thing is they have got very high savings rates, and up until recent years had incredibly high growth rates of over 10%. The 2019 number here at 6% is because of COVID. Really it is hard to look at the economic numbers right now because of the pandemic, but China's economy is slowing

down. So, this year being 2023 most analysts suspect China's growth is going to be 5% or 4% or 3%. China is not going to regain the previous growth rates.

Next, the topic will be trade as a percent of China's economy. Looking at it versus the U.S. in 2021, 37% of China's economy was trade, and the U.S. 25%. When people say that China is vulnerable to globalization, it has more of its economy tied to trade than the U.S., in a similar way to Germany from the standpoint of which trade is important. Looking back to 2008, they had over 65% of their economy tied up in trade. Nevertheless, since the mid-2000s, they have been taking many steps to try to decrease that reliance because the 60% of their economy was becoming too much of a vulnerability more broadly. Many discussions began about moving towards domestic consumption, balancing their economy, etc. Now you see this actually playing out in the numbers.

Looking at the foreign direct investment going out of China, meaning they are buying a portion of the real business. 10% of a real manufacturing company or other operations. This started in 1982, and it was really small. In 2000 it starts really spiking up, and in 2014 it moves up to \$220 billion a year, and this is when Chinese companies started investing all over the world, throughout the global South, etc., followed by a real fall starting in 2015-2016. What's happening there is in 2016 China implemented what's called capital controls. The Chinese government was worried too much money was leaving China going out in foreign direct investment into projects that may not have been profitable or sustainable that ultimately would corrode China's foreign exchange reserves. That is why you have a real clamping down on foreign direct investment from China. Started to go down again. This is a trend that needs to be observed because before 2016 there was this linear exponential growth in many ways of China's outbound foreign direct investment that manifested itself in Belt and Road, this adjusting may mean that China is going to be much more selective in the types of foreign direct investment that it pursues in the longer term, and part of this also is a function of those slowing growth rates and they don't have the same amount of GDP to be able to fuel that type of external investment.

Now looking at the investment coming into China from all over the world in the 2010s, it starts to get quite high. The top number is about \$300 billion, and then it's got this downward trajectory in early 2010 then it dropped to about \$170 billion but now you're seeing it go back up to where it's at \$334 billion. This is something that has not been closely analyzed yet. Analysts really need to look at and think through what this means, because a lot of the conventional wisdom right now is that China is worried about the vulnerability it's being careful about the degree to which it wants supply chains to be connected because with COVID-19 and with the trade war with the U.S. and a number of other factors that it's been turning inward. But these numbers indicate that although it may be turning inward it also is bringing in a lot more foreign direct investment. As far as where the money is actually coming from, it likely is coming from the Middle East,

from Europe, from a number of different sources of investment. Even though you may see China closing itself off in certain ways, there's definitely increased foreign direct investment coming in right now.

Now going into the economic tensions with the U.S. and with many countries in the world in Europe, Latin America, the Middle East, etc. They have similar concerns regarding China as an economic actor. These are just some of the concerns. One is the role of the state in the economy. The U.S. has a concern regarding the level of state-owned enterprises, the level of planning, and the level of government intrusion into businesses, which ultimately now are increasingly operating abroad. Another concern is Made in China 2025. It's an initiative that China has been pursuing to become the leader in a number of different sectors, like artificial intelligence. It's in many high-tech products, it's telecommunications, and approximately 10 different industries. China does not just want to domestically to grow those industries, but ultimately to become the world leader in those. Another point of tension has been intellectual property rights issues and protection as well as the perception from many countries that China is not providing a level playing field, and that it is discriminating against foreign enterprises including having them transfer technology to China. One sensitivity with the U.S. has been the trade deficit, and the growing concern has been that China has been using economic coercion towards some countries to pursue political goals, so this has occurred in relation to Australia, Korea, Japan, and Lithuania. There is a concern that increasingly China is tying what is economic power to some of its political goals and starting to use that.

Then finally, there are a number of security concerns, regarding Chinese investment in the U.S., dual-use technologies, and the degree to which China's economic growth could be enhancing its military capability.

Belt and Road: Originally announced in 2013 as two separate initiatives, there was a Silk Road Economic Belt and the Maritime Silk Road. The word Belt and Road officially started to be used in 2015, and it has been enshrined in the constitution. It is a key foreign policy for Xi Jinping.

When it was first announced, the geographical scope of the Belt and Road was Asia, Europe, and Africa but increasingly it now includes Latin America, the Arctic. When it was first announced, China made it very clear that the U.S., Canada, and North America were more than willing to join into Belt and Road activities. The first point here is that China envisions Belt and Road as a global initiative, not as certain individual countries that are signing up for projects. Belt and Road is focused on all different types of connectivity, so this could be in the policy realm, infrastructure, trade, finance, people- to- people. Increasingly there is also a focus on a Health Silk Road, a Digital Silk Road, a Green Silk Road, an Arctic Silk Road, etc. China sees this as all different types of connectivity, not just infrastructure projects or some of the more traditional aspects of Belt and Road. Another piece that is really important to keep in mind regarding building Belt and Road is China sees promoting economic development as a way to achieve peace and stability. It sees Belt and Road activities as a link between economic development and reductions in

terrorism or reductions in civil unrest, and so it sees these Belt and Road activities as contributing to stability in various regions of the world.

Talking about territorial integrity, territorial claims, and territorial disputes. The first point is Taiwan. The basics here to keep in mind would be that there was a civil war in China. You had the Chinese Communist party that was established in 1921. At the time when you had something called the Nationalist government in China and it was their governing regime, they were in tension with each other. During World War II, the communists and the nationalist joined forces to fight against the Japanese. Nevertheless, in 1945 when World War II ended, there was a full-blown civil war between the communist and the nationalists. In 1949, the nationalists fled to Taiwan, and the communists won the civil war and established the People's Republic of China. From 1949 to today, the nationalists have stayed in Taiwan, and there have been many changes in Taiwan. Now it a democratic country that has multiple political parties, that has free and fair elections, that now is an advanced market economy, but it is not the same Taiwan that it was at the beginning of the Cold War. From a Chinese PRC perspective, they see Taiwan as a lingering aspect of that civil war and an unresolved civil war. This is particularly important for a number of reasons. Taiwan this is incredibly complicated from a technical standpoint, not going into all the details, but Taiwan at this point has not declared independence, but it has many state-like qualities. Nevertheless, the PRC has made very clear from its own perspective, that if Taiwan actually declares independence the PRC will use military force to unify Taiwan with the mainland.

This is a very tense situation. The U.S. obviously switched its diplomatic recognition of Taiwan to the PRC from the Republic of China to the PRC. In 1972, it started that process and diplomatic relations actually changed all the way over in 1979. Since then the U.S. has what has been called the one-China policy. It is essentially that the U.S. acknowledges that the PRC and Taiwan consider themselves both part of China and that the U.S. wants to see that situation peacefully resolved, and does not take a stance on it otherwise. However, you also have something called the Taiwan Relations Act in U.S. law, which was passed in 1979 that obligates the U.S. from a legal standpoint to provide defensive capability to Taiwan. So, you have this one-China policy, and you have the PRC's perception is that a lot of the reason Taiwan continues to be independent is because of the U.S. intervention during the Cold War. All the way until 1972 the U.S. had a mutual defense treaty with Taiwan and to this day the U.S. provides a lot of support in various ways to Taiwan. China sees this, the PRC sees this, as key to its territorial integrity and sovereignty and vital national interest, and its perception is that the U.S. is purposely interfering with its territorial sovereignty by demonstrating certain levels of support for Taiwan. This a very politically charged situation. Ten years ago, there was not a lot of probability of actually having conflict across the Taiwan Strait, but you have a number of different factors that are occurring that ultimately could drive this to be a much tenser situation. One is with increasing PRC military capability. My own assessment would be at this point that the PLA does not

perceive that it has the capability to be confident that it would be successful in various military scenarios associated with Taiwan. Nevertheless, each year its military capability is growing. And on the flip side of that Taiwan has a vibrant political dialogue occurring within Taiwan. Increasingly you have a perception of the Taiwanese identity rather than Chinese identity, and a lot of what China has been engaged with and Xinjiang and Hong Kong has really even further soured perceptions of the PRC leading to the election of political parties in Taiwan that are even more pro-independence. The PRC's capability is increasing, Taiwan is not becoming more receptive to unification with the mainland, and relations between the U.S. and China are souring as well.

Compared to 10 years ago, the probability of conflict in this type of scenario is growing because this is the number one territorial integrity and sovereignty issue that the PRC has.

The next territorial dispute will be the East China Sea. In the area, there is Taiwan, there is the PRC, Japan is to the north. Both PRC and Taiwan claim the islands in the East China Sea, and essentially this is a territorial dispute between, Japan, and the PRC. The U.S. position is that we recognize the administrative control of the Senkaku islands by Japan, but we do not take a stance regarding sovereignty. The reason why this is an important territorial dispute is a potential for armed conflict between, Japan and, the PRC, and by extension the fact that Japan has a defense treaty with the U.S. that very likely could draw the U.S. into militarized conflict. This is another potential flashpoint between the U.S. and the PRC that could result in conflict. The dynamic on this is very much driven by historical experience and a lot of resentment from a Chinese standpoint about Japan's behavior during WWII, various atrocities that were committed like the occupation of large portions of China, perceptions that Japan has not been apologetic enough etc. Of course, there is oil, and there are these unoccupied features, etc., but most of this dispute is really about historical grievances between the PRC and Japan. And then increasingly the PRC sees this as a conflict where the U.S. is inserting itself, and it perceives that Japan is being used as a puppet of the U.S. to create tensions with the PRC.

The next set of territorial disputes is in the South China Sea. There are a number of claimants. You've got China, and Taiwan, as well as Vietnam, Malaysia, Brunei, and the Philippines. The important thing to keep in mind here is that this is also a potential flashpoint and you've got a real asymmetric relationship between the PRC and the other claimants. This is where many concerns about economic coercion come in. This is yet another dispute where the PRC perceives that the US is standing behind these other claimants. The US official position is that the U.S. does not take a stance regarding the sovereignty of any of these features, which is the official policy of the U.S. but the PRC's perception is that the U.S. is inserting itself and using these disputes to try to contain China and to prevent it from becoming a hegemon.

Xinjiang is another territorial integrity and sovereignty issue. Xinjiang is a province in China that is a Muslim-majority province. Historically you have had a number of human rights violations occurring out there in general, but in recent times starting around 2016, you had a large-scale movement of China forcibly taking Uyghurs, who are Muslim, as well as Kazakhs and other Muslim minorities, taking them, and putting them into camps. The Chinese refer to these as reeducation camps, and the U.S. officially in recent years used the word genocide to characterize the behavior. Essentially, you've got the situation where they've taken millions of Uyghurs and put them into these camps in an extrajudicial process, without any sort of trial, held them, and also during COVID this has become a lot quieter, as far as there hasn't been as much reporting on this. Arguably, millions of Uyghurs are still in these camps having their human rights violated. This really soured a lot of U.S. perceptions of China, as well as in the European Union, and other countries. This behavior is something that is important to think through what the PRC is willing to do to try to address security concerns.

The next territorial issue is Hong Kong. In 1997, Hong Kong went from being a British colony to reverting to the mainland. When that occurred there was an agreement that for 50 years that the vast majority of Hong Kong's political and economic system would remain intact. There were changes from day one in the political structure, with the presence of the PLA in Hong Kong, etc. The vast majority of the rule of law, freedom of assembly, and freedom of the press were supposed to stay in place until 2047. That has quickly, over the last several years, been taken back from the PRC, and essentially there is this situation where the PRC and the CCP have inserted themselves into every aspect of Hong Kong society, where arguably some of those freedoms still exist but the vast majority are no longer present. This has become another point of tension between the PRC and the U.S. as well as the UK, and Europe. Having these follow-on effects, when the people of Taiwan see this behavior in Xinjiang and Hong Kong, they also worry about what the future will look like if ultimately there is a unification with the mainland.

Going back to the beginning of this presentation, these were the interests that I tried to highlight: maintaining the power of the CCP, territorial integrity and sovereignty, preventing domination of Asia by other powers, prosperity and wealth for China, a voice for China in the international arena, and advocacy for developing country causes.

SOUTH ASIA'S CHALLENGES AND THREATS: POLITICS, ECONOMICS, AND SECURITY/DEFENSE.

MSc. Michael Kugelman⁴

Deputy Director of the Asia Program and Senior Associate for South Asia at the Wilson Center

The topic of this discussion is South Asia; its challenges and threats, particularly in terms of politics economics, security, and defense. Just very quickly, when we talk about South Asia, what do we mean. Afghanistan, Pakistan, India, Nepal; Bhutan, Bangladesh, Maldives, and Sri Lanka. These countries are viewed, through the U.S. perspective as South Asia.



Figure 1
South Asia map.

These eight countries are very diverse in terms of their geographies, their politics, their economic situation, and their culture. It is important to identify five key characteristics of South

⁴ Michael Kugelman is the Asia Program Deputy Director and Senior Associate for South Asia at the Woodrow Wilson Center, where he is responsible for research, programming, and publications on the region. His main specialty is Pakistan, India, and Afghanistan and U.S. relations with each of them. Mr. Kugelman writes monthly columns for Foreign Policy's South Asia Channel and monthly commentaries for War on the Rocks. He also contributes regular pieces to the Wall Street Journal's Think Tank blog. He has published op-eds and commentaries in the New York Times, Los Angeles Times, Politico, CNN.com, Bloomberg View, The Diplomat, Al Jazeera, and The National Interest, among others. He has been interviewed by numerous major media outlets including the New York Times, Washington Post, Financial Times, Guardian, Christian Science Monitor, National Geographic, BBC, CNN, NPR, and Voice of America. He has also produced a number of longer publications on South Asia, including the edited volumes Pakistan's Interminable Energy Crisis: Is There Any Way Out? (Wilson Center, 2015), Pakistan's Runaway Urbanization: What Can Be Done? (Wilson Center, 2014), and India's Contemporary Security Challenges (Wilson Center, 2013). He has published policy briefs, journal articles, and book chapters on issues ranging from Pakistani youth and social media to India's energy security strategy and transboundary water management in South Asia. Mr. Kugelman received his M.A. in law and diplomacy from the Fletcher School at Tufts University. He received his B.A. from American University's School of International Service.

Asia, to guide us in this conversation about the challenges of the region, and I am going to briefly comment on each of these five different characteristics.

The first geographic significance is the position of South Asia in the world and is easy to see that it is positioned very strategically.

GEOGRAPHIC SIGNIFICANCE

- *Gateway to the Middle East, Asia-Pacific, China, and the growing economies of Southeast Asia
- *Proximity to key sea lanes of trade
- *Indian Ocean Region—perhaps the most geopolitically significant region of the 21st century, and home to large shares of the world's people, wealth, and threats

Figure 2

It is often heard, these days that we are living in an Asian century and south Asia is very much in the middle of Asia and borders the Middle East, and Central Asia it is a very strategic region geographically. It is a gateway to the Middle East, to East Asia to China, and what is important about South Asia is that it is also a gateway to Southeast Asia and Southeast Asia.

This region has some of the fastest-growing economies in the world today. Countries like Vietnam and Singapore South Asia are geographically located in a way that is close to all of these countries, and all of these regions.

It is also central to a number of important sea lanes of trade including the Malacca Strait and Southeast Asia, but most importantly to the Indian Ocean, this region is to the South at the bottom the Indian Ocean region, is a critically important region it has been described by a top foreign affairs analyst Robert Kaplan as really one of the most strategically significant areas of the world in the 21st century.

For obvious reasons you see the countries that surround the Indian Ocean region, some of the most populous countries in the world, countries with growing economies, and the Indian Ocean region is an area where there is a lot of sea-based trade. There also is a fair amount of concerns and problems in the Indian Ocean, such as piracy and worries about great power competition; it is a very strategically significant region.

LACK OF CONNECTIVITY

- *World Bank: South Asia is the world's least integrated region (in terms of roads, railways, electricity, sanitation)
- *Poor intra-regional trade (just 5% of South Asia's total international trade)
- *SAARC: An ineffective regional organization
- *Paradox: Poor connectivity despite strong geographic linkages (shared rivers, relatively new borders)
- *The root cause: Bad political relations

Figure 3

Secondly, another key characteristic of South Asia is a lack of connectivity. The countries in South Asia are not connected, they are not integrated very well, and there are not many good roads, railways, and power grids linking the countries in South Asia. In fact, the World Bank has described South Asia as the world's least integrated region, and not surprisingly because there is not much integration and connectivity within the countries of South Asia.

There are low levels of trade between the countries in South Asia, these countries do not trade very much with themselves, and trade within the region accounts for only 5% of South Asia's total international trade, this means that South Asian countries trade more with countries far away from the region, than with countries that are just next door and that's very troubling.

The main regional organization, the equivalent of NAFTA, MERCOSUR, or ASEAN, is something called the SAARC, the South Asian Association for Regional Cooperation, it is a very ineffective regional organization, barely convenes, there are not many meetings, they're not many initiatives, and this organization does not advance its core goal which is to promote more regional connectivity and integration.

There is a paradox with this lack of connectivity in South Asia, there are no good roads linking countries, and not many transnational railroads, nevertheless at the same time, there are very strong geographic linkages, between the countries of South Asia. For example, you have many shared rivers, that flow from one country to the other the Indus River for example, flows from India into Pakistan, the Kabul River flows from Afghanistan into Pakistan, and the Brahmaputra River flows from China into India, even though the countries that share the rivers don't have other linkages, other connections besides that.

This is also a region that's fairly new, with a number of relatively newly independent countries in post-colonial states like Pakistan, and India so there are a number of new borders linking these countries together but again it plays out against a backdrop of lack of connectivity, lack of integration.

Why is the region so lacking in connectivity? It is very simple; it is bad politics, bad political relations, and bad diplomatic relations between these countries because so many countries in the region do not get along, especially India and Pakistan. This means that there is not enough political will to forge greater cross-border cooperation or trade, and discussions about how to cooperate do not really happen. This is another reason why the SAARC, the regional organization for South Asia is ineffective because India and Pakistan disagree on everything, and that makes it very difficult for the organization as a whole to move forward.

Another major characteristic of the region is natural resource stress there are significant shortages of water and energy, South Asia has about a quarter of the world's population but only 5% actually less than 5% of the world's total annual renewable water resources. In South Asia water availability was about 21,000 cubic meters in the 1960s, in more recent years it's gone down to 8000 cubic meters, and there are predictions that some parts of the country could be water scarce, meaning that there will be no more surface water supplies. This is especially true for particularly dry areas of South Asia, such as parts of southern Pakistan, for example, we are talking just two years away from that.

NATURAL RESOURCE STRESS

- *South Asia houses a quarter of the world's population, yet contains less than 5% of its annual renewable water resources**
- *Annual water availability: 21,000 cubic meters in 1960s; 8,000 cubic meters in more recent years**
- *Widespread water scarcity possible by 2025**
- *Rampant energy shortages**
- *Perfect storm for water insecurity in South Asia: High population growth, arid climates, climate change vulnerability, agriculture-dependent economies (precious water expended on ag)**

Figure 4

There are also major electricity shortages in South Asia, one reason for that is bad politics and another reason is simply that these countries have growing populations, growing economies, growing demand for energy resources, and so for many years these countries drew on their own energy resources, their own indigenous whole gas, and so on resources, but those resources have been exhausted there's nothing left and so this means that these countries struggle with energy supplies.

They are forced to import energy, in many cases; in other cases, they are trying to develop more capacity for solar or nonrenewable energy resources. That's going to take some time, so many countries in the region regularly experience power outages where there is no electricity for extended periods of time, and sort of looking forward, there is a perfect storm for water and security in South Asia.

The crisis can be for the reasons, mentioned before there is high population growth, some of the most populous fastest growing countries demographically are in South Asia, and there are climates that are in many cases dry and a lot of dry weather, which causes droughts. In addition, South Asian countries now are vulnerable to climate change, which again means that droughts are very common which obviously reduces water supply, and also many South Asian countries are very dependent on agriculture for their economies and of course, agriculture is heavily dependent on water. This means that in countries that already are struggling to maintain enough water supplies and many of those water supplies are allocated to agricultural production, which means there is even less water to go around.

CLIMATE CHANGE VULNERABILITY

- *Bangladesh/India/Pakistan/Sri Lanka/Maldives:**
Coastal states threatened by rising sea levels and flooding
- Maldives could become completely submerged
- A quarter of Pakistan's land area and half its population vulnerable to climate change-related disasters (eg 2022 floods)
- *Afghanistan/Bhutan/Nepal:** Landlocked states threatened by rising temperatures, drought, and glacial melt

Figure 5

Climate change vulnerability is the final main characteristic to describe; every country in South Asia is vulnerable to some type of climate change effect. Five of the eight South Asian countries are coastal States, and for that reason, they are threatened by rising sea levels, they are threatened by floods, they're threatened by a typhoon, and cyclones in which the seas create these terrible storms, the Maldives of course is a small island state could well be completely underwater within the next few years. Pakistan is one case study, there are estimates that a quarter of Pakistan's land area and half of its population which today is around 220 million, could be vulnerable to climate change-related disasters. This past summer, there was bad flooding in Pakistan some of the worst floods Pakistan has seen for years.

On the other hand, there are several South Asian countries that are not coastal, in their land look, meaning they are not adjacent to any water bodies, seas, or anything like that. These landlocked countries are threatened by other types of climate change manifestations, like rising temperatures, droughts, and especially glacial melts, there are some of the largest and most numerous glaciers in South Asia of any country, obviously, when those glaciers start to melt that have an effect it can cause flooding, in the immediate term, it can cause water shortages. Further down the road, many countries in South Asia are dependent on glaciers for water supplies, obviously when the glaciers are melting that's going to leave less water to be used.

LEGACY OF WAR AND CONFLICT

- *Pakistan and India: Fought multiple past wars**
- *Nepal and Sri Lanka: Post-conflict states recovering from recent brutal civil wars**
- *Afghanistan: Convulsed by 40 years of conflict**
- *Pakistan/Afghanistan/Bangladesh/Maldives: Islamist militants attempting to stoke conflict and sectarian war**
- *Low-grade insurgencies in present-day India and Pakistan and Afghanistan**

Figure 6

One main characteristic, this gets into the security considerations there is a very deep legacy of war and conflict in South Asia. Pakistan and India have fought three wars actually three and a half wars, over their existence of only 75 years, Nepal and Sri Lanka are countries that for many years have experienced brutal incredibly violent civil wars, they are no longer fighting wars and

they're still recovering from them. The legacy of civil war in Nepal and Sri Lanka is very deep, even today.

Afghanistan was until recently at war, in fact, Afghanistan was involved in war for about 40 years between 1979 when the Soviets invaded Afghanistan, through a period of civil war, that lasted until the U.S. invasion in 2001, and of course, that lasted until these forces had left Afghanistan in 2021 and the Taliban took over power again, Afghanistan has finally seen 40 years of war end for now.

Meanwhile, Pakistan, Afghanistan, Bangladesh, and Maldives, are countries that have had terrorists, and Islamist militants, that have tried to create conflict and sectarian war through their attacks and even though there is no country actively at war in South Asia, there are low-grade insurgencies in several countries. Pakistan there's a terrorist group trying to lead an insurgency there, in Afghanistan there is the Islamic state, the terrorist group is waging attacks and even in India, it has a history of rebel insurgents based in different parts of the country that have fought battles against the states.

SOUTH ASIA'S CHALLENGES AND THREATS: POLITICS

- *Afghanistan, Bangladesh, Pakistan, Sri Lanka:
Powder keg: repressive regimes, angry publics
- *India: Communal tensions and violence risks
- *Common themes: Polarization, nationalism,
nepotism, democratic backsliding
- *Domestic politics and geopolitics: Great power
competition impacting South Asian states'
domestic politics (Nepal, Sri Lanka, Bangladesh)

Figure 7

That is some context to set the stage for the discussion, the first type of challenge to discuss relates to politics many challenges related to politics in South Asia. In four countries, in half the region right now Afghanistan, Bangladesh, Pakistan, and Sri Lanka they have a very volatile dynamic, with governments, and regimes that are repressive in terms of their tactics, in some cases

completely undemocratic but you also have populations, people that are fighting back against governments that they view as unpopular or dangerous or whatever the case.

Afghanistan is the extreme case, the Taliban is in power now it has returned to power after being out of power for about 20 years, and it is using very severe policies, very strict policies, which include of course banning women from going to high school or university. There have had some forms of protest and resistance from Afghans, and because of these policies of the Taliban have come out with many Afghans are not only angry with the Taliban, and very scared of the Taliban.

Pakistan the other cases are a bit different, actually, Sri Lanka first over the last two years experienced mass protests against the government, especially last year as economic stress got worse and worse in Sri Lanka, and so last year the government or the president of Sri Lanka his name was Gotabaya Rajapaksa he resigned, he stepped down, a new government came to power not through an election, but through a parliamentary process to bring a new government to power. The new government is not very popular, because the new president has close ties to the previous governments, and many in Sri Lanka want a completely new government with no links to the previous governments, they want elections, but elections are not scheduled until 2024.

Sri Lanka is also experiencing severe economic stress so a very volatile situation. It's similar in Pakistan, the current government in Pakistan is very unpopular it is a new government it came to power in April, after the last government had to resign after a parliamentary no-confidence vote, against Imran Khan the Prime Minister at the time, the new government like in Sri Lanka has been dealing with terrible economic stress, it is struggled to strengthen the economic situation and so there have been protests against the government, the government in Pakistan has also cracked down against opponents.

Bangladesh this has been more recent Bangladesh's government is repressive, it has cracked down very hard against dissent, and while Bangladesh had experienced significant levels of economic success in recent years, over the last few months economic problems have set in, and the opposition has had new series of protests.

Now the government in Bangladesh is under stress, and both Pakistan and Bangladesh are expected to have elections, Pakistan's elections are scheduled to be in October and Bangladesh's elections are scheduled to happen by January. The opposition forces and protesters have demanded that elections happen sooner, it is a very precarious, very volatile state of affairs.

India is a bit different. Actually, India's government is quite popular, and the Prime Minister Narendra Modi has a very large amount of popularity within the country. Even though it is a very controversial government, because like several governments in South Asia, it is autocratic in many ways, it is not democratic because it has been cracking down on dissent, arresting critics of the government, and the government in India is a Hindu nationalist government. This means that it is trying to strengthen the cause of the Hindu majority in India, and so this has been very concerning to the Indian Muslim minority, especially because some government leaders and some leaders of the ruling party have been in their speeches, and in their messaging, very critical of Indian Muslims and in some cases even threatening violence against Indian Muslims.

All this makes a volatile political situation that is a bit different from those other countries mentioned, in that there are the policies of the government, the rhetoric, and the messaging of the government, risking communal religious violence and religious tensions. India has national elections next year, and the government is already preparing for those elections unfortunately, the government has concluded that this type of divisive rhetoric against religious minorities has actually helped it win some local and state elections over the last few months. It is very possible that this rhetoric will increase, over the next year.

The common themes in the politics of countries in South Asia these days include polarization, nationalism, democratic backsliding, and nepotism. In many South Asian countries, you have political dynasties that dominate politics it is not like this everywhere in India, for example, Modi is not attached to a political family nevertheless in many other countries Bangladesh, Sri Lanka, and several others have the same families in power for many years. Is something that causes more nepotism where a member of the political dynasty, that is in power or other powerful political dynasties' best way to join politics can become powerful is to be a part of those families or close to those families. This has some troubling implications for democracy in this in this part of the world.

In addition, geopolitics has had an impact on the domestic politics of the South Asian states, where it is beginning to be seen that great power competition directly affects the domestic politics of South Asian countries. In Nepal for example, there is a strategic rivalry between India and China.

Nepal in recent years has tried to influence political parties in Nepal, including trying to bring different leftist parties, and communist parties in Nepal together into a union to make them stronger, because these leftist parties in Nepal are pro-China, so China has directly sought to

influence politics in Nepal. In Sri Lanka, there are India and China competing for influence there, by offering their own types of economic assistance plans. It has been similar in Bangladesh, as well, where both India and China are trying to get Bangladesh to move closer to them, and this is happening in Maldives as well. It does not happen in Pakistan, because Pakistan is a close ally of China and of course, it is a rival of India. In many of these other countries, we are starting to see geopolitics directly impacts domestic politics which is very significant.

Providing a broader geopolitical context, in a regional context India, of course, is a rival of Pakistan, India is trying to isolate Pakistan regionally, and it does not want Pakistan to be able to have influence in countries around the region.

REGIONAL CONTEXT

- *India leading campaign to isolate Pakistan regionally: Subregionalization factor**
- *Power dynamics: India is most powerful country in South Asia; perceived by some states as a regional bully seeking to assert will over weaker neighbors**
- *South Asia an emerging battleground for great power competition (US-China, India-China, US-Russia)**

Figure 8

What India has tried to do is work more closely with countries in South Asia, which are part of other organizations that do not include Pakistan. There is another regional organization, which is called BIMSTEC this regional organization includes Bangladesh, Nepal, India, Maldives, Myanmar, and Thailand; includes some countries in South Asia and a few countries in Southeast Asia, except Pakistan.

India is trying to isolate Pakistan, by working multilaterally with these other countries in the region to try to promote the very type of regional connectivity that is lacking in South Asia. India has sought to work with these countries to develop electricity-sharing arrangements, this looks like a sub-regionalization effect, having these efforts by India to separate the region.

Some countries are working together and then separately other countries in the region are working together while this has been happening, Pakistan has been working more closely with Afghanistan, especially through some efforts to promote connectivity and integration through a series of activities. Pakistan and Afghanistan are working on developing a transnational railway with Uzbekistan, this would allow there to be more connectivity by bringing this railway across Uzbekistan and Afghanistan into Pakistan.

There are eight countries in South Asia, but they are not all working together many of them are working separately, and that is because of geopolitics and great part, in terms of power dynamics this is important to note India is the most powerful country in South Asia as the most powerful military, the wealthiest country in South Asia.

Some countries in South Asia, and not just its rival Pakistan but some countries perceive India as a bully, as a country that tries to assert its will over its weaker neighbors and it is very important to perceive South Asia as really emerging as a battleground for great power competition.

What is happening with India, China rivalry, U.S. China rivalry is also playing out in South Asia, we are starting to see the U.S. trying to engage more closely with some of the smaller countries in South Asia, like Maldives, and Nepal, to try to get those countries to reduce their engagement with China and also seeing U.S., Russia rivalry play out in South Asia.

Bangladesh is an interesting case study, Bangladesh is a country that has had a good relationship with Russia for many years and it has continued to depend on Russian investments in the nuclear energy center in Bangladesh, and the U.S. has been trying to get it to stop doing that.

It actually caused an incident just last week, where a Russian ship was coming to a port in Bangladesh with materials for a Russian-sponsored nuclear power plant in Bangladesh, but the U.S. embassy in Bangladesh told the Bangladesh government that this ship was sanctioned by the U.S. because it was doing work for the Russian military and so than Bangladesh, had to decide how to handle that situation, in the end, it sent the ship away, only to have it go to India to transfer the products to another ship, the other Russian ship which is not sanctioned by the U.S. government went to Bangladesh.

The situation is very complicated and it puts these countries in South Asia, in a difficult position as they tried to manage their relations between the U.S., Russia, China, and India.

Moving on to economics, what are the economic challenges for South Asia? There are many, and poverty is one of the lingering challenges for South Asia, in some countries, especially India poverty levels are worst actually, lower than anywhere in the world, even South Sahara Africa. There are many countries in South Asia that for a long time had very vulnerable economies that simply do not perform well and have not seen high levels of growth and there are many reasons for this.

- *The evergreen challenge is poverty: In some parts of South Asia, poverty levels lower than those in sub-Saharan Africa
- *Legacy of vulnerable economies (drivers: debt, corruption, poorly performing exports, labor shortages...and bad policies)
- *Vulnerability=Susceptibility to global shocks (from COVID and Russian invasion of Ukraine)
- The Sri Lanka nightmare—also Nepal, Pakistan, even Bangladesh in crisis

Figure 9

It all comes down to bad policies at the end of the day, this has led to a lot of debt, a lot of corruption, export policies that tend to emphasize small numbers of exports, that oftentimes are not competitive globally, not enough labor, shortages labor, because education and healthcare systems are not strong enough to produce well educated healthy young people ready to work in the labor economy.

There are a lot of reasons why they had economies that have been so vulnerable, the fact that the countries of South Asia have these vulnerable economies, means that they have been particularly susceptible and, particularly vulnerable to the global economic shocks that it is been seen over the last year. Adding to that the pandemic and the Russian invasion of Ukraine so the supply chain shortages, the increases in global oil prices.

These events overseas have all impacted South Asian economies in a big way, Sri Lanka is the extreme case, following what happened to the Sri Lankan economy over the last year it has been terrible, and Sri Lanka had to default on its worst economic crisis since independence.

Sri Lanka is a country that for many years had carried out a series of very damaging economic policies, the first one frankly in the years after Sri Lanka was trying to rebuild after its civil war ended back in 2009 Sri Lanka was looking to secure large numbers of loans, including especially from China.

It was taking on so many loans, that it simply could not keep up with paying them back there had other problematic policies in Sri Lanka, trying to use foreign reserves to pay off debt which did not work, and new stimulus plans, that involve providing a lot of support to people, which sounds good, even though this was happening at moments when the economy was not doing well. There were also efforts to lower taxes at a moment when the government badly needed revenue and the most damaging economic policy decision.

In Sri Lanka in recent months was interestingly a decision to ban fertilizer, in Sri Lanka, because of the view that it was not environmentally friendly. The problem is that banning fertilizer in Sri Lanka causes major shortages of food security, and agricultural production is reduced because the government did not provide alternatives to farmers when fertilizers were banned and that happened right as the pandemic was playing out and the Russian invasion of Ukraine happened, Sri Lanka is in a lot of trouble.

We have seen the same types of manifestations of economic stress in South Asia, in many countries over the last year, this pattern of debt, rising food costs, high inflations, and low foreign reserves, was seen in Sri Lanka in the most dramatic fashion, it was also seen in Pakistan, it was seen in Nepal as well, and Bangladesh more recently.

Another economic challenge, in most countries of South Asia, is that agriculture is the major economic contributor, it's been the largest source of employment, agriculture sectors are really struggling in South Asia, they're not getting as much investment as they used to from the public sector, water shortages, and energy shortages, mean that the industry has been inefficient, that has damaged productivity and this is a problem when a major contributor to the economy is struggling economically.

ADDITIONAL ECONOMIC CHALLENGES

- *Struggles within agriculture sector and urbanization challenges**
- Reductions in public sector agricultural investment**
- *Climate change impacts (Pakistan floods)**
- *Discrimination; women struggle to achieve education/employment->failure to maximize economic potential of women (Bangladesh exception)**
- *An unwillingness to empower the masses**
- *Lack of regional integration: A lack of trade**

Figure 10

As I mentioned before climate change is starting to have major impacts on economies in South Asia, Pakistan floods are the biggest example last year, floods that meant 1/3 of Pakistan was underwater, 30 million people were affected, it caused \$40 billion in damages and that really had an impact on the economy. In addition, the floods damaged or destroyed so many crops and livestock in Pakistan that food security was affected, in a big way, and this happened at a moment when Pakistan was already experiencing high levels of food inflation, because of the global economic shocks from the Russian war in Ukraine. India, Bangladesh, Afghanistan, and other countries in South Asia, have similarly catastrophic weather events that affect the economy.

Another key reason for economic problems is discrimination and what, I would describe as the poor status of women, things have changed in recent years to an extent, in many countries in South Asia economic empowerment of women, is very low they do not have enough women that are properly educated, healthy in a position to contribute to the economy.

There are also challenges with society's cultures that are patriarchal, and that expect that women should not be working, this is especially a problem in rural areas, in poorer areas. Things are changing for sure to a considerable degree, especially in countries like India and Pakistan, certainly Bangladesh, and some other countries where you are seeing more urbanization, and urbanization has brought more liberal and progressive views on cultural factors, including gender.

There have been more women working in urban settings but, still, this is a major problem, this is why Bangladesh has long been viewed along with India as one of the economic success stories in South Asia.

Bangladesh, from its very early period its existence starting in the 1980s, just a few years after Bangladesh, became an independent state, Bangladesh made very strong efforts to empower its women economically, and that meant that you had very large levels of women in Bangladesh working across many industries even back in the 1980s when this was a major problem a major challenge for other South Asian countries. In addition, that is one reason why Bangladesh has seen some of the fastest economic growth, in the world over the last few years.

India has also been an economic success story; the reasons are different and complicated. India has been able to enjoy some major fast-growing globally competitive sectors, especially services, technology tech, and so on.

Another reason why we have seen these economic troubles in South Asia, for so long is the unwillingness of the ruling elites to empower the masses. There have not been; with some exceptions, there really have not been strong efforts to launch universal education, and universal health care campaigns. The government simply, political figures don't think that they have an interest in doing those things and it's very sad, this is why they have very significant levels of poverty, education troubles, and just not enough people that are in a position to compete with the global economy and to fill the important positions across the economies. Finally, the lack of regional integration and the lack of trade within the region has affected economics as well.

Talking about security challenges is need it to divide them into traditional and nontraditional security challenges. Traditional security challenges are things that we have talked about for decades, war, conflict, terrorism, nontraditional or those that tend to be more unconventional, unconventional factors can be triggers or causes of destabilization and conflict; natural resource stress, climate change vulnerability, and their impacts on stability those are nontraditional security challenges.

TRADITIONAL vs. NON-TRADITIONAL SECURITY CHALLENGES AND THREATS

***Traditional: war, conflict, terrorism**

***Non-traditional: unconventional risks and triggers
for destabilization and conflict**

-natural resource stress

-climate change vulnerability

Figure 11

In terms of traditional security, challenges need to talk about, war and conflict, the good news is there are no wars happening in South Asia, there are no nation-on-nation wars, and the only two potential threats of war are unlikely India and Pakistan have fought many wars, but since they both became nuclear weapons states in the late 1990s, you know we haven't seen the full-scale wars that we did before. We have seen some cases of a limited exchange of hostilities, and cross-border violence, and there still is a chance of that, we have seen that India and Pakistan are willing to engage in low scale low level military conflict even with both countries being nuclear.

Afghanistan and Pakistan are different and are a bit different, two countries that do not get along the Taliban is now in power in Afghanistan and it had previously depended on support from Pakistan when the Taliban was fighting its war. Now the Taliban and the Pakistani state are experiencing tensions because Pakistan believes that the Taliban is not helping, Pakistan address terrorism threats that are based in Afghanistan. There is a possibility that Pakistan, could launch a military offensive in Afghanistan to target those terrorists, but this is not something that would be a full-scale war.

It could be worse but not be complacent because India and Pakistan both have nuclear weapons. India and China both have nuclear weapons, and these are deep rivalries, these are countries that have fought wars against each other in both the case of India, and Pakistan, and India, and China there are disputed borders that have not been addressed.

As I mentioned before, the Taliban insurgency has over after 40 years but does this peace in Afghanistan come at a great cost? There's no war, but now they have terrorism from Islamic states, they have a terrible brutal Taliban regime, they have large-scale hunger in the country, they have essentially the Taliban which is the same Taliban that was in power in the 1990s banning girls from going to school, all these things that mean the Taliban are sanctioned and they're not getting a lot of assistance, a lot of financial assistance from the world.

The problem is that Afghanistan is heavily dependent on financial assistance, so there is a terrible situation in Afghanistan the war has ended, but people are experiencing a brutal regime, they are experiencing terrorism threats and they are experiencing a terrible humanitarian crisis. Many critics think that it was a mistake for U.S. forces to leave when the Taliban took over, even though, I still think it was right for the U.S. forces to leave.

In addition, Kashmir is another flashpoint a Muslim-majority region in a Hindu-majority country, there has been a long history of militant Islamists fighting Indian control, and the Indian military is present in Kashmir. Pakistan has historically provided support to these Kashmir militants, but a lot of the insurgency in Kashmir is driven by rebels, it's a low-grade insurgency there's no open fighting right now, but it's looming right there, there's the possibility that they could have this new phase of militancy rebellion of Islamist militants fighting Indian controlled Kashmir. Kashmir is a large region some of it is controlled by India, some of it is controlled by Pakistan, and both Pakistan and India claim all of Kashmir, which is why it is a very dangerous situation.

There is another Taliban, it has called the Pakistan Taliban, and it has it for many years ago carried out many terrorist attacks across Pakistan, one of the most violent anti-state movements in the world. It has been weaker, over the last two years, since the Pakistani counterterrorism offensive but after the Taliban took over in Afghanistan, the Pakistan Taliban, which is, based in Afghanistan it uses Afghanistan as a sanctuary was strengthened.

END OF TALIBAN INSURGENCY: PEACE AT GREAT COST?

- *An end to 40 years of war
- *A new war: Terrorism, repression, hunger
- *Threat of IS-K and Pakistani Taliban (threat to Pakistan, Central Asia)
- *The myth of "Taliban 2.0"
- *Sanctions and severe humanitarian stress
- *Was it right for the US to leave?

Figure 12

The Taliban has been willing to protect the Pakistani Taliban in Afghanistan, and this means that if there have been more attacks the Pakistani Taliban has crossed the border into Pakistan and carried out attacks. Pakistan has tried to negotiate with the Pakistani Taliban, but they failed the Taliban is not willing to help Pakistan go after Pakistani Taliban in Afghanistan. It is a problem for Pakistan and is possible that we may see a conflict; we may see the Pakistani military go into Afghanistan to go after this terrorist threat.

Terrorism as a whole is a reality, Islamic state Khorasan that is the South Asia chapter of the Islamic State terror group regularly carries out attacks in Afghanistan, it also carries out attacks in Pakistan, and it has even carried out a few attacks in Central Asia.

There are a number of other terrorist threats that are faced in the region most of them, are Islamist militants, nevertheless in India, they have Hindu extremists who quite frankly, I think support the government in India and they're willing to carry out violence against Muslims.

Al Qaeda we don't hear much about, Al Qaeda in South Asia, has been weakened a lot over the years, but keep in mind that there are many terrorist groups operating in Afghanistan, Pakistan and they are all allies with al Qaeda, and they have the capacity to provide support, manpower, arms to al Qaeda. Now that the Taliban is back in power in Afghanistan, this will make al Qaeda feel even safer because the Taliban has always been a close friend of al Qaeda.

AL-QAEDA IN SOUTH ASIA

- *Has been degraded in Afghanistan/Pakistan (due to drone strikes and counterterrorism operations) but it remains a threat**
- Most local terror groups are loyal to AQ and can provide it with material support**
- Opportunities for new AQ safe havens in Afghanistan, with Taliban return to power**
- Discovery of Ayman al-Zawahiri in Kabul**

Figure 13

Last year Ayman al-Zawahiri the head of al Qaeda was discovered in Kabul, he was living there, and he was eliminated in a U.S. military strike. Clearly, al Qaeda is still around, Islamic state Khorasan or ISIS as it's known, it's very present in Afghanistan and the region. The Islamic state was strengthened by the Taliban takeover in Afghanistan, after the Taliban took over, and freed all of these terrorist prisoners including Islamic state prisoners, the Islamic State was able to seize weaponry left behind, by the collapsed Afghan military in 2021, and weaponry left behind by NATO forces when they were leaving.

The Islamic State Khorasan has really benefited from the departure of U.S. forces because, when U.S. forces were in Afghanistan, they were using air strikes to go after Islamic State terrorists,

that's not happening now, the Taliban are going after Islamic state because the only terrorist group in Afghanistan that is a rival of the Taliban. However, they are struggling to do so, they do not have the capacity to carry out air strikes, it is not working very well, and so the Islamic state is quite a threat.

Very briefly just to wrap up, Border crises are very serious in South Asia, India, and Pakistan signed a border truce in 2021, which lowered tensions, but there is still there has been no dialogue between India and Pakistan, so things are tense.

Their border tensions between Afghanistan and Pakistan because of cross-border terrorism, Taliban do not recognize the Afghanistan, Pakistan border known as the Durand line, no Afghan government has recognized that border since Pakistan became a country. India and China, there a very sharp border dispute there was a war in the 1960s between, India and China that did not resolve the border conflict; there have been several deadly border conflicts in recent years. There are some lower-grade border tensions between India and Nepal and between India, and Bangladesh.

Very briefly the climate change problems, the climate change stress in South Asia, and the water shortages have created a series of risks, it's important to think of these newer potential triggers for tensions and even conflict, between the likes of India and Pakistan, especially with climate change causing displacement and refugees there are concerns that that can be destabilizing. If you have large numbers of marginalized vulnerable communities, moving around can be very problematic.

It is, also notable that a number of global conflicts have had spillover effects into South Asia, there is the Rohingya Muslim community in Myanmar, which has been hit very hard by the Myanmar military there are millions of Rohingya Muslim refugees, coming into Bangladesh next door to seek support and this has put a big burden on the Bangladesh governments.

The rivalry between Saudi Arabia and Iran has played out in South Asia because both Iran and Saudi Arabia are looking to get more support from Pakistan, which puts Pakistan in a difficult spot.

Finally, the Taliban takeover in Afghanistan has meant high levels of refugee flows into Pakistan, Iran, and other countries, and as I've noted before more terrorism risks from Pakistan and Central Asia.

To conclude this is a region, that will continue to be significant, because of great power competition, because of China's increasing influence there, because of the climate change problems that I mentioned before, and certainly because of the unresolved border disputes, and the nuclear weapons issue again India and Pakistan the biggest rivalry in South Asia, is a nuclear rivalry.

CONCLUSIONS

SOUTH ASIA'S CONTINUED SIGNIFICANCE

- *Geographic significance: To increase amid China's rise and great power competition, but also economic growth
- *Natural resource stress/climate vulnerability: Rapid consumption, growing populations (and economies) ensure more acute natural resource problems and climate threats
- *Unresolved border disputes (India-Pakistan, India-China, Afghanistan-Pakistan) and nukes

Figure 14

EUROPA: RETOS PARA LA SEGURIDAD Y DEFENSA EN 2023

MSc. Iñigo Guevara Moyano⁵
Nonresident Senior Fellow
Scowcroft Center for Strategy and Security

Muchísimas gracias por la invitación, gracias al general Zúñiga por la invitación muchas gracias General Carlos Eduardo por la amable recepción, este definitivamente es un honor para mí poder, tener esta ponencia con ustedes, el Colegio Interamericano de Defensa, es la principal casa de estudios tenemos en el Hemisferio y es el lugar en donde realmente logramos llegar a este punto no solo de unión, sino una combinación de militares y civiles lo que es una joya, ya que todos estamos interesados en la defensa de la región, por lo que los felicito mucho. Sé que se encuentran a la mitad de los estudios, sepan que metiéndole pasión a sus estudios, lo que les apasiona y sus estudios tendrán un impacto.

Yo soy una criatura un poco extraña, tengo múltiples sombreros, la verdad es que los que llevamos mucho tiempo en Washington por lo general llegamos a este punto en donde nos apasiona el tema, del comercio internacional de armamento. Me parece que es una manera muy interesante de ver como comercian, como se aplica las políticas de defensa y cooperación de múltiples países alrededor del mundo. Esto es algo de lo que voy a presentarles el día de hoy con un enfoque muy específico, hacia cuál es la situación para la seguridad y defensa de Europa en este 2023.

⁵ Transatlantic Security Initiative Inigo Guevara is a nonresident senior fellow at the Transatlantic Security Initiative in the Atlantic Council's Scowcroft Center for Strategy and Security. He is also responsible for the growth of the Janes Strategic Services practice in Washington, DC. In this role, Guevara leads a global team that provides strategic consulting on market identification and opportunity assessments to private companies and government entities. Guevara is a subject-matter expert in international arms trade, defense spending, and offset policies. He is an adjunct professor at Georgetown University, where he teaches a graduate-level course on international arms trade at the Security Studies Program. Guevara has traditionally had a regional emphasis on Latin America and particularly on the US-Mexico defense and security relationship. Since 2015 his focus has broadened to the global stage, working closely with defense and intelligence agencies in NATO member and partner countries. Guevara began publishing defense-sector analyses in 1999 and has since held several positions in the public and private sectors, from managing groups from business-intelligence units to state-level law enforcement and working for national security entities. Prior to joining Janes, from 2010 to 2015 Inigo worked as senior analyst for the DC-based public-sector contractor CENTRA Technology, where he gained extensive experience in drafting actionable intelligence products as well as delivering tradecraft training. From 2006 to 2010 Inigo served as advisor and later director of analysis at the Office of the National Security Council/Office of the President of Mexico, where he advised the Mexican government on infrastructure, technology, and equipment options available in the international market. Before this role, Inigo served as chief of statistical analysis at a state-level law enforcement agency in Queretaro, Mexico. Guevara has an MA in international security from Georgetown University's Security Studies Program, is a graduate of the Strategy and Defense Policy course from the Center for Hemispheric Defense Studies at the National Defense University in Washington, DC, and holds a BA in international business from the Tec de Monterrey.

Si estuviéramos hace un año, la percepción habría sido un poco diferente, estaríamos hablando de una amenaza por parte de Rusia, de cuáles son las intenciones por parte de Rusia y estaríamos poniendo apuestas básicamente sobre si Putin iba a decidir invadir o no. Esas eran preguntas que yo realizaba en mis clases y fue muy curioso conforme pasaban las semanas y se acercaban a febrero como el número de manos de los que creían que iba a haber una invasión comenzaban a bajar. Hubo definitivamente una invasión ese 24 de febrero y con eso lo que estamos viendo, los que estudiamos las relaciones internacionales es que fungió como un parteaguas tan significativo como lo fue el 11 de sept, es un cambio verdaderamente en cuanto a las políticas de seguridad y defensa.

Que muchos argumentan que esto es un retroceso o un regreso de alguna manera, hacia la guerra fría. ¡Bueno fuera! ya que me parece que estamos ante una situación aún más compleja, porque la situación de seguridad internacional en cuestión del terrorismo, en cuestión de inestabilidad social, que se había venido plasmando tras el final de la guerra fría, no ha terminado eso continúa, entonces para aquellos de ustedes están encargados, que son la primera línea de defensa de las distintas naciones, ahora tienen que recordar tienen que volver a sacar los manuales de cómo realizar operaciones convencionales, de cómo operar en esos escenarios y al mismo tiempo continuar con toda esa evolución que les había llevado hacia operaciones pues de fuerzas especiales, a operación quirúrgicas, de contraterrorismo hacia la contrainsurgencia muy específica.

Si en algo les puedo ayudar, es nada más aclarar el panorama que su trabajo ahora es más complicado.

El conflicto en Europa, ahora es más concentrado y ahora a todos nos acapara el estar volteando al mismo, la imagen de soldados peleando en trincheras ha sido muy icónica, porque se llegó a comparar con una imagen de la primera guerra mundial en la guerra de trincheras, en donde estamos empezamos a hablar de todas las doctrinas de guerra juntas en un mismo escenario, se están viendo ataques quirúrgicos por parte de servicios de inteligencia muy probablemente ucranianos dentro de Rusia, asimismo se está viendo la primer guerra con uso constante de vehículos no tripulados, de sistemas robóticos que son enviados; hasta ahorita no con mucho éxito, pero de alguna manera sí es evidente como se están desarrollando.



Figura 1

Al final de cuentas la guerra por más que hemos estado invirtiendo en sistemas de ciberdefensa, en sistemas espaciales, etc. La guerra muy rápido evolucionó hacia un conflicto entre artillería, ataques entre artillerías, por supuesto con toda una nueva generación de armamento que va de la mano con es.

Esta es la situación y el problema que se nos viene encima, es que el con esta guerra continuando al ritmo en el que va, existe la posibilidad de que empiecen las hostilidades más allá de Ucrania y que el resto de Europa se empiece a ver afectada por este tipo de conflicto.

Entonces vamos a ver cuáles fueron realmente las consecuencias de esta invasión rusa a Ucrania. En donde los rusos francamente creyeron que iban a tener una operación militar, así fue como le llamaron una operación militar especial, relativamente sencilla en la que iban en un par de días o en una semana podrían llegar con columnas blindadas a tomar la capital y el resto del país, muy probablemente se iba a ir desdoblado, iban a continuar ciertos espacios de apoyo, pero ellos preveían en ese momento que el gobierno Zelensky iba a huir hacia algún país en Europa o bien hacia Estados Unidos y se convertiría en un gobierno en el exilio, cediendo a Ucrania dentro de la capa de la antigua Unión Soviética pero con una visión distinta de reconstituirla dentro de una federación rusa mucho más fuerte.

Ese era el plan, lo que podemos deducir por las acciones de las fuerzas militares rusas y las decisiones de Putin del kremlin, era que ellos creían que tenían unas fuerzas armadas de primer nivel, creían que con la cantidad de inversión que habían incurrido dentro de desarrollo de nuevas tecnologías, de la adquisición de nuevos sistemas para el para el ejército ruso iban, a tener una ventaja operativa significativa.

Muy curioso para todos aquellos que estudiamos la doctrina militar moderna, fue ver que los rusos tomaron una visión completamente distinta, en vez de enfocarse en obtener superioridad aérea para después poder entrar muy bien protegidos, algo sucedió en cuanto a su sistema de inteligencia que les hizo pensar qué era más fácil obtener superioridad terrestre y que la superioridad terrestre en ese momento iba a ser nula a la superioridad aérea. Ellos básicamente pensaron al revés y que iban a poder cambiar en esa doctrina que hemos venido generando a partir de los últimos 30 o 40 años y no fue así.

Una de las consecuencias principales a las que se enfrentaron fue que no tenían lo que creían que tenían, la corrupción el sistema logístico, el sistema de compras ruso que ejercieron durante tantos años se convirtió básicamente en uno de sus peores enemigos. Muchos de los comandantes rusos creían que tenían cierta cantidad de vehículos en buen estado, creían que tenían suficientes llantas para los vehículos y se enfrentaron con que no. Esto siendo producto de un sistema muy corrupto, en el cual los comandantes a nivel táctico estaban de alguna manera robando los fondos del estado, sin comprar lo que tenían que comprar.

Eso debe de ser un punto de mucha atención para los comandantes militares en este hemisferio, tener mucho cuidado en cuanto a las prácticas de adquisición no solamente de equipos, de sino avituallamientos de refacciones etc. Porque en momento que necesite su unidad ser movilizada hay que tener todo muy bien inventariado lo que se gastó, ya que una falla así puede convertirse en su peor enemigo.

Otro gran enemigo para los rusos, tuvo que ver con que no calcularon bien, la gran cantidad de apoyo que obtendría Ucrania. El perfil psicológico que tenían los servicios de inteligencia rusos sobre Zelensky, iba sobre la línea de alguien que en realidad no es un político, es un actor verdad, es un comediante, es un bufón, él va a querer huir de su país y se toparon con un actor que está actuando el mejor papel de su vida y que logró convencer al resto de Europa y a Estados Unidos

que, él va a poder defender a Ucrania y que vale la pena invertir en eso que vale la pena invertir en su lucha, apoyando la Independencia de Ucrania, este fue el segundo error garrafal.

Ahora me voy a mover de alguna manera por las distintas regiones de Europa.

¿Qué fue lo que pasó? los primeros que estaban verdaderamente muy nerviosos fueron los bálticos, previo a la segunda guerra mundial los bálticos fueron arrasados y absorbidos dentro de la Unión Soviética y nadie hizo absolutamente nada ellos, nadie sabía dónde estaban, vayan en occidente cuando menos. Entonces estos 3 países, que formaron parte de la OTAN, de la expansión que ha tenido la OTAN en los 90s principios de los 2000s, rápidamente han redoblado su inversión en capacidades militares.



Figura 2

Ellos se enfrentan de alguna manera a la muy difícil situación de que no tienen suficiente población para resistir una invasión como está haciendo Ucrania, son países realmente con poblaciones muy pequeñas y viejas tiene realmente problema para tener suficiente personal.

Su estrategia ha sido, uno la unión, los 3 países comparten inteligencia, los 3 países absorben una doctrina de no intentar detener a los rusos en sus fronteras, sino dejarlos entrar, la famosa doctrina de defensa a profundidad, muy similar a la que tiene Finlandia y mucha interacción con los países escandinavos con Suecia, con Finlandia, con Alemania etc.

Lo que han hecho ellos es invertir y desarrollar sus capacidades para medios no tripulados, viendo estos como un multiplicador de fuerza, porque saben que, pese a una población pequeña, pueden desarrollar mejores capacidades de defensa.

Una de las empresas con mayor éxito en estos momentos es una empresa en Estonia que se dedica a sistemas robóticos de combate, de nombre Milrem, la cual está invirtiendo significativamente para poder tener una flota de sistemas de defensa no tripulados.

Al mismo tiempo declararon su apoyo incondicional a Ucrania en el caso de Lituania ellos decidieron que ya tenían bajo pedido estos aviones no tripulados de combate turcos, que han sorprendido a todo el mundo en los últimos 2 años y decidieron donárselos a los ucranianos en lo que adquieren sistemas nuevos, ni siquiera los habían recibido pero desde la misma fábrica los donar a Ucrania. Va a ser muy interesante, porque se pueden observar casos muy similares en países alrededor de la región europea.

La otra consecuencia y probablemente la trascendental hasta el momento, ha sido que esta invasión que de alguna manera era para intentar apaciguar o desincentivar a los países que estaban en la periferia de Rusia, de unirse a la OTAN causó completamente una opción completamente distinta.

En este caso vemos que tanto Finlandia como Suecia, que han sido centrales durante los últimos 70 años por lo menos, en el caso de Suecia un poco más, decidieron a partir de esta invasión, que no incluso con la economía muy fuertes, incluso con fuerzas militares también fuertes, porque ambos cuentan con fuerzas militares, muy bien organizadas y muy bien equipadas decidieron que se iban alinear con occidente, que se iban a alinear con el resto de la unión europea y sobre todo con Estados Unidos.



Figura 3

Estos dos países que habían sido de alguna manera reacios a adquirir equipo militar americano, en el último año cerraron comprando en ambos casos; uno por aviones F-35, el otro por sistemas de defensa aérea patriot y de esta manera entran de lleno a la órbita estadounidense.

Entonces si Putin lo que quería era alejarlos, esto no funcionó y recuerdo a principios de año cuando Finlandia y Suecia anunciaron estos, se hacía burla con un meme en redes sociales de una placa que la OTAN le daba a Vladimir Putin, por ser el Salesman of the year.

Vemos que esto es la situación en el norte de Europa, en Suecia y Finlandia se unen de manera definitiva a la OTAN, esta semana la OTAN, con un anuncio de prensa diciendo que continúan las negociaciones y Turquía hasta ahora es el único que ha puesto algún tipo de condición para, que estos dos países se una por completo a la alianza.

El segundo país que estaba realmente preocupado era Polonia, por razones históricas los polacos han estado en una especie de zona de guerra, entre Rusia en ese entonces la unión soviética y Alemania fueron el campo de batalla durante la segunda guerra mundial y los polacos definitivamente no están dispuestos a volver a serlo, entonces Polonia que también estaba bastante cerca de Rusia de manera geográfica, anuncia que va a invitar al quinto cuerpo del ejército de Estados Unidos a que establezca su cuartel general en su territorio, invitando que haya una mayor presencia de Estados Unidos en su territorio al mismo tiempo que también, cierra este pacto con un par de adquisiciones muy fuertes, tanques M1 comprando 250 tanques para equipar una división

blindada y compran 96 helicópteros apache de ataque, este tipo de contratos son contratos muy a largo plazo, que más allá del obtener equipo militar de lo que se está hablando es una relación de una alianza de militar, más cercana. Al mismo tiempo también invita a las fuerzas británicas, a que tengan más cooperación con ellos.



Figura 4

Adicionalmente Polonia se ve en la gran necesidad de buscar, otros proveedores que puedan de alguna manera ayudarlos a expandir sus fuerzas militares, de una manera muy rápida, encontrando en Corea unas industrias de defensa, que han desarrollado equipo militar occidental, así como licencias americanas que se han desarrollado ahí.

A mí me gusta mucho comparar la industria automotriz coreana con su industria de defensa, han seguido los mismos principios de negocio, los principios comerciales, a principios de año del año pasado cuando estaba yo considerando un auto nuevo para mi familia era entre Kia y Hundai, básicamente porque ofrecían el mejor precio, ofrecían las mejores capacidades, la mejor tecnología integrada etc.



Figura 5

Eso exactamente es lo que están intentando hacer las industrias de defensa coreanas, seguirle el paso a su industria automotriz, a su industria de electrodoméstico ofreciendo la mejor calidad que pueden. Cerrar un contrato por casi \$15,000 millones de dólares, es una relación de 15 a 20 años, para entregar una flota de 1000 tanques, en este momento el tanque coreano es el K2, parece ser que se encuentra entre los mejores del mundo, así mismo buscaron adquirir una gran flota de artillería, el sistema este de artillería autopropulsado K 9, que en estos momentos está rompiendo récords de venta al a nivel internacional y los aviones de combate FA 50 también llegan a reforzar de una manera inmediata, curiosamente mucho de la producción estaba en camino para ser entregado a las fuerzas coreanas y ahora ha sido reenviadas para poder avituallar a las fuerzas polacas.

Vale la pena que se analice de esto, que además de querer una relación militar, muy cercana con Estados Unidos, Polonia está buscando modernizar sus regimientos, sus batallones y sus escuadrones lo más pronto posible y esta fue la opción más rápida que encontró para esto.

Ahora en el centro de Europa observando lo que sucede en Alemania, como pieza central de Europa es definitivamente la pieza central del Banco Central Europeo.



Figura 6

Sin duda Alemania inmediatamente revisa su capacidad militar y se encuentra que ha sido verdaderamente disminuida de una manera significativa, al final de la guerra fría Alemania contaba con una flota de unos 5000 anques, el año pasado tenían 300. Alemania había reorientado sus fuerzas militares, para una serie de operaciones más allá de las fronteras europeas y en este momento buscan regresar a Europa. Tras haber enfocado la mayoría de sus adquisiciones y de su política de adquisición, para apoyar a la industria alemana en la industria europea principalmente durante los últimos 15 a 20 años. Este año anunciaron contratos multimillonarios con los Estados Unidos, para comprar aviones como el F-35, para comprar una flota de helicópteros Chinook y sobre todo anunciar que tienen un programa de \$100,000 millones de euros para comprar equipo militar, porque eso es lo que ven que va a ser necesario, para poder modernizar sus fuerzas armadas.

En contraste el presupuesto de todas las fuerzas armadas de América latina equivalen a \$49,000 millones de dólares, siendo esto \$ 50,000 millones de euros, lo que demuestra que Alemania, ve la necesidad de invertir el doble de lo que invierte toda América latina, solamente en equipo, contraste es con sueldos, con salarios y de todos los gastos de los presupuestos de defensa de América latina, esto para llegar a esos niveles y obviamente que son conscientes que se requiere un cambio en su política de defensa de una manera significativa.

Otra consecuencia observable con Ucrania, es que precisamente una serie de países que estaban la mayoría en el este de Europa, pero que incluía también a Grecia, tenían una gran cantidad de equipo de origen Soviético aún dentro de sus filas, que no los habían reemplazado porque no veían la necesidad, creían en muchos de los casos que simplemente se iban a retirar sin tener el reemplazo adecuado y en estos momentos se encuentran; uno que ya no va a haber fuentes de repuesto, dos que las sanciones que se le están ejerciendo a Rusia, se convierten en este momento un problema para poder obtener repuestos para este este equipo en el largo plazo, por lo que están viendo la des rusificación de los inventarios europeos.



Figura 7

Esto va a ser un problema, si no es que ya es un problema, también en los inventarios de América latina en las flotas de helicópteros, por lo general los MI-17. Pese a que son muy queridos, que son robustos, porque son helicópteros de uso rudo y muy económicos para su adquisición. Desafortunadamente, varios países de la región habían invertido recientemente grandes cantidades significativas y muy probablemente la mejor opción ahora es deshacerse de ellos, lo más pronto posible, porque muy pronto no van a valer nada.

Resumiendo, muchos de estos equipos están fluyendo hacia Ucrania y en su lugar varios de estos países en Europa, sienten que quedan desprotegido, lo que lleva a que busquen armamentos y se pueden observar donaciones por parte de otros países europeos.

Es curioso que se está viendo algo que sucedió al final de la guerra fría, que en la OTAN se le llamó la Operación Cascada, en cuanto a que los países más ricos, con los equipos militares más modernos empezaron a transferir grandes cantidades de su equipo hacia los otros países de la alianza, algo similar a lo que se observa en este caso.

Francia buscando espacios, donando incluso y vendiendo algunos de sus aviones de combate de última generación, como el Rafael a Croacia y a Grecia, también vemos Alemania que buena parte de esos 5000 tanques que ahora los tenía ya en retiro, los revendió a la industria alemana y la industria alemana los está mejorando, modernizando y regresando al servicio lo más rápido que puede, todos esos talleres están a marchas forzadas en cuanto a trabajo y están intentando reclutar a todos los ingenieros que ya se habían ido al retiro, para que regresen a trabajar.

Noruega por ejemplo están reemplazando sus aviones F-16 y se los están vendiendo a los aliados de la OTAN.

Está claro que está sucediendo un rearme por parte de los países la unión europea y por parte de los países de Europa del Este, sobre todo, que están muy preocupados por su capacidad de defensa. Al mismo tiempo en el centro de Europa y en el Este de Europa, países como Eslovaquia, que en los últimos años han tenido unos avances económicos significativos, están ahora buscando adquirir equipo militar de punta para poder tener sus sistemas de defensa a tope.

Qué es lo que está sucediendo, pues que el resto de los países está viendo de alguna manera a Ucrania, como una buena forma de deshacerse de muchos equipos que ya estaban en sus límites de vida, que tenían 40 o 50 años en servicio y al donarlos apoya a su vez la causa de Ucrania. Se está viendo desde equipo muy nuevo, hasta lo que se podría considerar como basura, llegando a Ucrania, pero para ellos es lo que francamente necesitan en este momento.

En verano, a finales de verano un análisis que hizo mi compañía JANES, identificó que había por lo menos 40 tipos distintos de piezas de artillería, que estaban en servicio con el ejército ucraniano. El ejército ucraniano tuvo que incrementar de 145,000 a 700,000 y ahora esta última es la fuerza que está peleando la guerra en contra de Rusia.

Pero aquí vienen una serie de interrogantes; ¿qué está sucediendo? ¿Quién va a poder mantener control sobre todos estos tipos de armamento está llegando a Ucrania? Es relativamente fácil mantener control sobre sistemas como este el HIMARS, que es un sistema lanzacohetes

múltiples que fue entregado por Estados Unidos, ya que son plataformas muy grandes. Pero ¿qué va a suceder con los miles de misiles portátiles están llegando a esta región? si se considera la historia de Ucrania, después de la guerra fría en los noventas, Ucrania se convirtió en el almacén más grande de armamento de la Unión Soviética y todas esas armas, o una buena parte de esas armas desaparecieron y aparecieron en zonas de conflicto alrededor del mundo, incluyendo en América Latina.

Entonces sí todo lo que está sucediendo ahorita en Ucrania, es muy relevante incluso para los países de nuestro hemisferio, porque sabemos que eventualmente vamos a tener que lidiar con este tipo de problemas y consecuencias de alguna u otra forma.

Hablando de los números de los presupuestos de defensa en Europa, que incrementaron un 4% este año, de una manera total a nivel mundial, el incremento fue del 2% aproximadamente, sé que se ve como peccata minuta, como un crecimiento muy pequeño, pero en realidad los presupuestos europeos crecieron el doble que el resto del mundo.

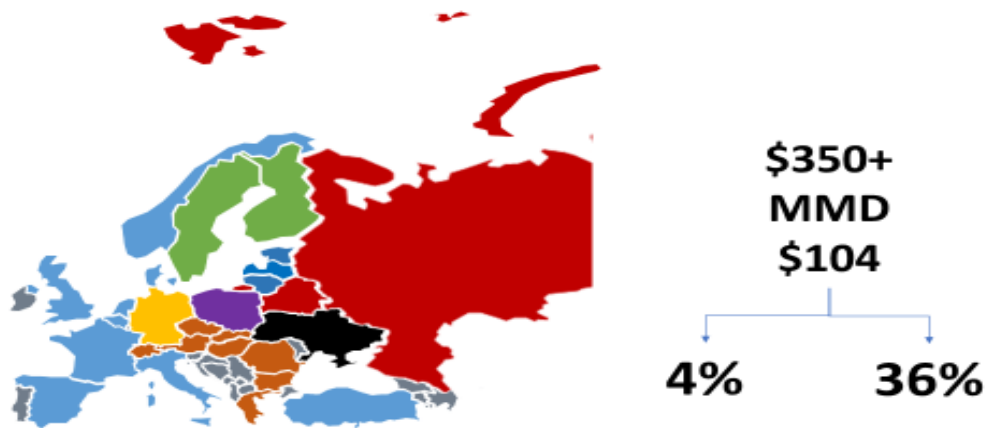


Figura 8

En el caso de Europa del Este en este año los presupuestos de defensa incrementaron en 36% imagínese que sus presupuestos de defensa, pudiera incrementar en 36% de un año a otro. Eso habla de cantidad y calidad de atención se le está poniendo a la defensa Europa, para tener una idea los

países europeos firmaron o están a punto de firmar contratos el año pasado por más de \$100,000 millones de dólar en conjunto y eso estamos esperando que va a incrementar en 2023 aproximadamente un 5%. Por lo que el 2023 va a continuar siendo un año de mucho enfoque para para la defensa.

Para hacer una comparación previamente mencione que en América latina el total enfocado a la defensa es de \$49,000 millones de dólares y el total enfocado a adquisiciones esa aproximadamente \$5,000 millones de dólares, entonces en Europa se está invirtiendo \$100,000 millones de dólares más en un solo año.

¿Qué pasa con los otros países que están aliados con Rusia? en este momento vale la pena identificarlos, Rusia creó su propia OTAN, no tuvieron mucha imaginación, utilizaron los mismos colores, símbolos similares, crearon la Organización del tratado de Seguridad Colectiva, que está encabezada por Rusia obviamente y los otros miembros son Armenia, Bielorrusia, Kazajistán, Kyrgyzstan y Kajikistan, Curioso porque al mismo tiempo tanto, Kyrgystan como Kajikistan tiene problemas de seguridad que han llegado a, intercambios de artillería entre ellos, porque Armenia la semana pasada también anunció que ellos no iban a permitir el despliegue de tropas rusas, en su territorio o participar en ningún tipo de ejercicio militar con Rusia.



Figura 9

Por esto es que esta mini OTAN tiene serios problemas, no sólo dentro de ellos sino hacia fuera y al mismo tiempo Rusia había creado este espacio alternativo que era la unión económica euroasiática, para ser una especie de espejo hacia la unión europea, el gran problema ahí es que la

economía principal de esos países no es Alemania, sino que es Rusia y la economía rusa en estos momentos está atravesando por severos problemas significativos.



Figura 10

Otros dos aliados en este momento es Irán, se han visto los drones iraníes y cómo se están tratando de crear una fábrica de drones en Rusia, que puedan absorber esa tecnología, obviamente las agencias de seguridad occidentales están revisando minuciosamente todo lo que sale, todos los componentes en su mayoría provienen de compañías de occidente, pero obviamente se van a incluir licencias chinas y tecnología China en el momento que se le empiezan a cerrar esos espacios a las compañías occidentales están proveyendo de alguna manera en algunos casos sin saberlo a estas flotas. El segundo aliado es Corea del Norte que al mismo tiempo está proveyendo aparentemente una gran cantidad de equipo, de municiones de artillería, sobre todo, porque a la artillería rusa ya se les acabaron las municiones.

¿Qué le queda a Rusia? Pues, de alguna manera el buscar una cercanía con China, ya que, para Rusia, China es su principal fuente de exportaciones y su principal fuente de importaciones.

En 2020, China era en ese momento la principal fuente de importaciones y exportación, para Rusia sin embargo para China no lo es, para China, Rusia no pinta ni siquiera entre los principales 20 socios comerciales del mundo para China su principal fuente de importaciones es Taiwán y su principal fuente de exportaciones es Estados Unidos.

Eventualmente la alineación geopolítica nos va a llevar hacia otro momento, ¿a China que le interesa? le interesa poder obtener la última tecnología desarrollada por Rusia, en cuanto a sistemas de defensa antiaérea, en cuanto a reactores nucleares y en cuanto a aviación, ellos sienten que al poder obtener estas patentes estas licencias van a poder tener una mayor proyección dentro de su propio desarrollo tecnológico.



Figura 11

¿Por qué es importante esto para Europa? Es importante definitivamente para Europa y Europa inmediatamente anunció o inmediatamente llevó a cabo, durante el año pasado varias incursiones o varios despliegues estratégicos, para lo que se dice, de mostrar la bandera, vemos que Reino Unido envió su portaaviones a un despliegue de largo plazo para mostrar la bandera, curiosamente ese portaaviones llevaba un componente de los Marines de Estados Unidos a bordo, para demostrar una combinación de ideales y de opciones.

Francia ha desarrollado y ha enviado también a sus varios territorios en el Sureste de Asia un contingente de aviones con capacidad de ataque nuclear para anunciar que estaban en la región y lo que nadie vio venir fue un despliegue de aviones alemanes, un contingente de aviones tifón a Indonesia y simplemente para anunciar, tenían la capacidad también de mover sus músculos hasta cierto punto.

RUSSIA AND ITS IMPACTS ON THE WORLD AND “ON RUSSIAS NEAR ABROAD”

Dr. Theresa Sabonis-Helfl⁶

Professor in the Georgetown School of Foreign Service Master’s Degree program

Today, I’m going to talk about Russia at war, and what impact the Russian situation has had, both on the world and on what Russia calls the near abroad, and is useful to understand, that the countries of the former Soviet Union find this an offensive phrase, by Near Abroad, Russia means it’s close neighbors who used to be in its empire, and the near abroad does not like being referred to as the near abroad.

The conferences today will be about the impact of Russia's war on its closest neighbors and to a certain extent on the world.

States function in a world system that serves them differently depending on their power:

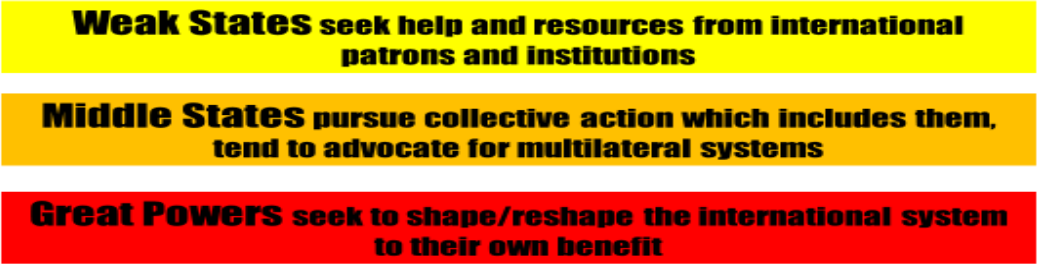


Figure 1

First, from the international relations perspective, usually how states behave in a world system is different, depending on how much power they have, and so what we see is that weak states

⁶ Theresa Sabonis-Helfl is a Professor of the Practice at Georgetown University. She is based in the Georgetown School of Foreign Service Master’s Degree program, and serves as the Inaugural Chair of the Science, Technology and International Affairs concentration. Prior to joining Georgetown, she was a Professor of National Security Strategy at the National War College in Washington DC for 18 years. She has lived and worked in seven countries of the Former USSR, has assisted two nations with the development of their first National Security Strategies, has written a textbook on Caucasus regional energy issues, and has co-edited two volumes on Central Asia's political and economic transition. She has also published and lectured extensively on energy security, climate change policies, critical infrastructure resilience and security, post-Soviet energy and environmental issues, regional water politics, energy transition, and the politics of electricity. She is a frequent advisor to the US Department of State and USAID and is also a member of the Council on Foreign Relations. She holds a PhD in Political Science from Emory University, and an MPA in International Affairs from Princeton University.

tend to focus on trying to get help and resources from the international system. Middle states are great fans of collective action and try to involve group decisions because it is in collective action that middle states have the most power.

It is only the great powers that have a historical tendency to seek to, shape or reshape the international system to their own benefit.

Sometimes the way a nation sees itself in the world system may be different, from how other nations see it. Certainly, we can recognize a state that has great power ambitions, a state that wishes to behave as if it were a great power, and what we see is that over the past, particularly the past ten years Russia has been doing some extraordinary things.

They've become increasingly involved through the Russia Africa summit in reaching out to Russia, they were involved in Venezuela by providing Maduro of Venezuela, with arms, credit, and with bodyguards, and they became very heavily engaged in the most dominant power in Syria in 2019, and they continue to lead the world in nuclear power plant construction and financing, and they lead the world in state-of-the-art cyber attacks on governments and critical infrastructure.

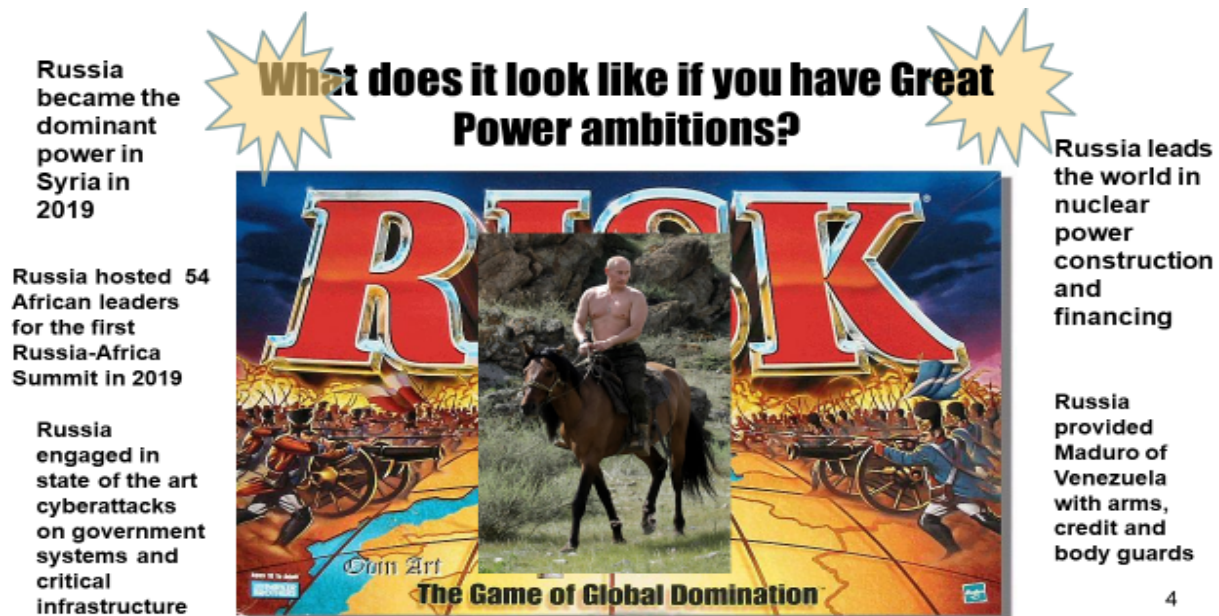


Figure 2

So what we see are many signs that Russia, sees itself as a great power, and even back in 1991 when Russia was at its weakest time, we recognized that Russia had four critical great power endowments. They have the largest nuclear stockpile in the world, with nuclear weapons, they are

close enough to Europe, to matter very much to Europe, they also border China, they are a permanent member of the UN Security Council, and Russia has long been a lead producer of oil and gas and the largest exporter of natural gas. Therefore, what we are seeing is that Russia does have some great power endowments.

Russia's Great Power Endowments

- **The Nukes:** With an estimated 6,800 nuclear weapons, Russia has the largest stockpile in the world. (The US is estimated to have 6,185)
- **The Location:** Proximity to Europe enables Russia to support or disrupt success of key Western allies and economies (Germany, the UK, and France economies ranked 4th, 5th and 7th in 2020). To the East, Russia borders on China (2nd rank)
- **The Veto:** As a permanent member of the UN Security Council, Russia can endorse or block collective action
- **Natural Resource Endowments:** In 2019, Russia was the 5th largest producer (and second largest exporter) of oil, and the second largest producer (and largest exporter) of natural gas.

Nuclear weapons estimate from the Federation of American Scientists, size of economies from Business Insider, natural resource endowments from BP Statistical Review of World Energy 2020.

5

Figure 3

But we also see that Russia has some great power disadvantages, their economy is 11th in the world, and is dropping they've been pampered by sanctions, for many years now their population continues to decline, and there are a number of neighbors who don't like them. In addition, Russia is a Petro State where both GDP and government revenues, are more than 50% dependent on oil and gas. So when the price of oil or gas goes up, their fortunes go up, when it falls their fortunes fall.

Russia increasingly has perceived that it is in a dangerous world, and I highly recommend to those of you who have ever been involved in your own country's national security strategy; the national security strategy of Russia of 2015 told us everything that was going to happen. Because in that strategy, which was approved in December late December 2015 Russia pointed out two very

important things, the practice of overthrowing regimes and provoking Interstate instability and conflict, is becoming more widespread.

“Russia in the Modern World”

“The position of the West aimed at counteracting integration processes and creating hotbeds of tension in the Eurasian region has a negative impact on the realization of Russian national interests... **The practice of overthrowing legitimate political regimes, provoking intra-state instability and conflicts is becoming more widespread.**”

“The process of forming a new polycentric model of the world order is accompanied by an increase in global and regional instability.... The competition between states increasingly covers values and models of social development...**In the struggle for influence in the international arena, the whole spectrum of ...instruments is involved...the role of the force factor is not diminishing.**”

Section II, Russia in the Modern World: National Security Strategy of the Russian Federation, Approved December 31, 2015

Figure 4

Certainly, Russia was already playing a role in this, but they perceived that it was more and more widespread. Contrasting this amazing sentence to the national security strategies of many European states, Russia very explicitly said: *in the struggle for influence in the international arena, the role of the force factor is not diminishing*. Russia explicitly rejected the idea, that great powers of the world were using force less and less often, and Russia proceeded with its planning accordingly.

The interesting problem that Russia had, was even though they were perceiving, that the outside world was becoming more dangerous, they were also facing a near abroad. In other words, the countries that were their neighbors that were formerly part of the Soviet Union were becoming less and less interested in being connected with Russia, what we saw is that there was a rise in the discussion about colonialism.

The Soviet Union always argued, that their union was best for the poor nations and that it was helping raise them, by 2015, these countries were looking at their own history and saying actually this looks more like colonialism.

There was a big movement away from the Russian language in many countries and away from the Cyrillic alphabet, in countries that used a Cyrillic alphabet to express a Turkic language.

Is evident that a lot of cultural change began, and we were seeing lots of growing unrest and instability, in Belarus, Armenia, Azerbaijan, Kyrgyzstan, and Kazakhstan on the Tajik border. There is unrest all over the place and although Russia was relatively successful in Syria, they were not very successful in their own near abroad.



8

Figure 5

Russia always argued that it was most important as a security partner, China was growing as an economic partner, but Russia always said it was the most important security partner for its near abroad.

Russia recognized it was also going to have to be involved in other ways of bringing forward the near abroad if it wanted to retain influence, there are two international organizations that Russia was involved: The first one is the Shanghai Cooperation Organization, which was together with

China, and the second one, the Eurasian Economic Union that was an effort to build a large economic space, similar to the European Union.



**Eurasian Economic Union:
Est. 1 January 2015**

The EAEU now includes Armenia, Belarus, Kazakhstan, Kyrgyzstan, and Russia.

It is an integrated single market of over 180 million people. Members of the EAEU have been allowed to honor pre-existing trade agreements.



Shanghai Cooperation Organization : Est. 2001

The SCO now includes 8 member states (China, Kazakhstan, Kyrgyzstan, Russia, Tajikistan, Uzbekistan, India and Pakistan) and 4 observers Afghanistan, Belarus, Iran and Mongolia

It is a mutual security organization

Figure 6

However, there was a problem with each of these, with the Shanghai Cooperation Organization, India, and Pakistan, both join and now it is a massive organization, difficult to make decisions, has a number of members that disagree with each other and although it is a mutual security organization, it's hard to define what that means. The second one, the Eurasian economic union had another problem, the idea of joining into a large common market of 180 million people sounded attractive to small states, but Russia's been under major sanctions, since the moment it was created, so all the nations that dreamed of trading more with Russia, through this organization have not seen very big benefits for it.

In fact, the most important benefit for Armenia and Kyrgyzstan in this union was that they could more easily send their migrant labor to Russia because Russia has different rules for labor coming from countries that are members of this union, but between the sanctions and COVID-19, there have not been very many benefits, even to migrant labor.

The economic organizations that Russia sought to lead were not very helpful, that rising unrest in the region Russia was unable to find a role to manage it, and then in September 2020 war broke out between Armenia and Azerbaijan.

For many years, there was a decisive war in 1994 and at that time Armenia took control of a large piece of the territory that was Azerbaijan, in addition to getting control of an ethnic enclave that was located in Azerbaijan but was overwhelmingly ethnically Armenian. Armenia was renowned in Soviet history for having all the military geniuses, Armenia sees the ground around Nagorno Karabakh so that they could have the high ground and defend it easily, but over the years Armenia’s ability to retain that territory was more and more questioned.

Azerbaijan proudly announced almost ten years ago, that the size of its defense budget was larger than the size of the entire federal budget of Armenia, the population of Azerbaijan is nine million, and Armenia is less than two million, and all that was essentially holding Azerbaijan back was Russia.

The Nagorno-Karabakh War 2020 (Sept-Nov)

- Azerbaijan was successful in seizing territory controlled by Armenia and its allies since 1994.
- Russia historically armed both sides of the conflict, but has a defensive pact with Armenia.
- Russia brokered the ceasefire and will have peacekeepers in Nagorno-Karabakh
- Turkey engaged in military exercises before the conflict, armed Azerbaijan during the conflict and joined Russia in peacekeeping

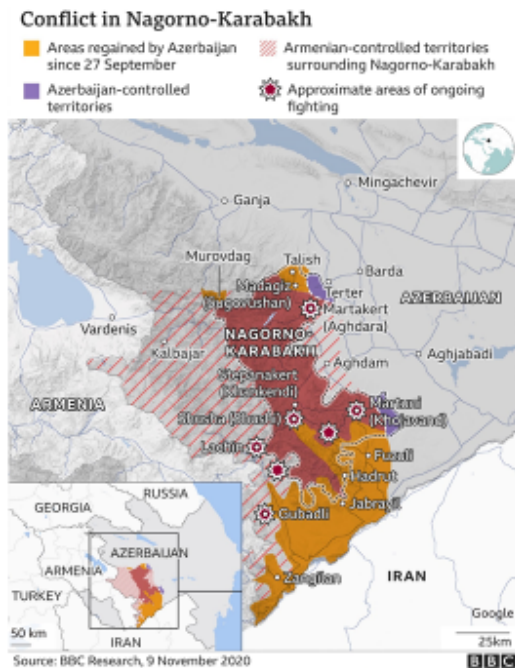


Figure 7

Nevertheless, by 2020 popular opinion in Azerbaijan, was so overwhelming, the cry on the streets as people were marching was, *End the lockdown start the war*, and COVID ended in Azerbaijan with an attack on this territory. In the 44 days of the war, Azerbaijan won back a huge

chunk of the territory, and although historically Russia had been the most important mediator of this conflict, Turkey supplied the drones in the military advice to Azerbaijan, and Turkey helped lead Azerbaijan through victory. In the piece that was negotiated, there are Russian peacekeepers in the territory and there are also Turkish peacekeepers, and with this war, Turkey firmly established itself as an important potential military ally in the region.

Although the 44 days of the war the Nagorno Karabakh war, was an open conflict with decisive battles, this war took place in the middle of another war, that was unfolding slowly but that had been happening since 2014.

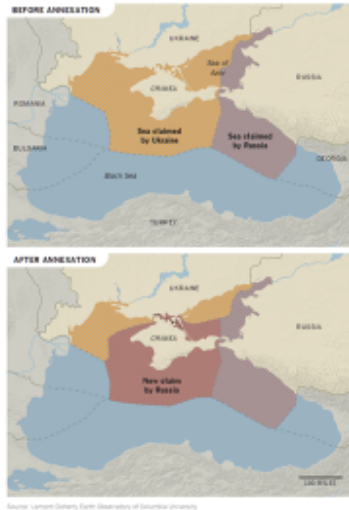
I am going to walk you through, not all the aspects of the early Russian-Ukraine war, but because, I am an energy scholar, and because Russia is a Petro state and energy is always involved in some way in the decisions they take. I am going to call your attention, to some of the energy pieces of this war.

Now in 2014, Crimea declared that it no longer wanted to be part of Ukraine and that it wanted to ally itself with Russia and Russia gave them large support to do this, the fact that sounded an awful lot like the 1994 Armenia vs Azerbaijan, Crimea was a client of Russia and Russia helped them in their effort, and why did Russia help them? Well, Ukraine had just discovered large offshore deposits of oil and especially natural gas and if Ukraine developed those, it would reduce Ukrainian dependence on Russia significantly and make Ukraine a competitor with Russia for energy supply to Europe. By annexing Crimea, now the territory of the Black Sea that is rich in oil and gas, no one can figure out how to develop because ownership is now contested.

The other thing that was a growing source of crisis between Russia and Ukraine is that Ukraine had brought itself, and was legally bringing itself fully into compliance with European energy law, they were changing laws and regulations making it harder for Russia to do some of the things in energy that they have historically done.

The reason, I list these things, obviously, are not the only reasons why this war began, but you should understand, that energy from the beginning was one of Russia's objectives in this conflict, and in the energy objectives that Russia established early on they were partially successful, not believable partial.

Energy and Crimea



see: Ariel Cohen, "As Russia Closes in on Crimea's Energy Resources" *Forbes*, Feb 28, 2019; and Todd Prince, "After Years of Stalling, Can Ukraine Finally Become Energy Self-Sufficient?" *RFE/RL* Sept 15, 2019, map from Columbia Univ

- Ukraine lost an estimated 80% of its oil and gas deposits in the Black Sea due to annexation of Crimea (March 2014).
- Extensive offshore development underway would have reduced Ukraine's energy dependence on Russia.
- Coming shifts in Ukraine energy law negatively affected Kremlin interests.

Figure 8

However, the energy was not only an objective, we also saw from the very early part of the conflict, the energy got involved in an extraordinary way that we are now seeing play out huge scale all over the conflict zone. It turned out that, although Crimea declared that it was no longer part of Ukraine, Crimea was still dependent on Ukraine for 80% of its wartime electricity, they did not have many power plants, and they did not have a strong grid.

In November 2015, after a year of trying to convince Crimea to come back to the fold, and not succeeding, actors loyal to Kyiv, so not the Ukrainian government but actors who thought they were supporting the Ukrainian government, blew up the wires that connected Crimea to the Ukrainian grid and plunged Crimea into Darkness. Because there was no infrastructure to supply Crimea from Russia, and because there were no power plants in Crimea, Crimea was plunged into Darkness.

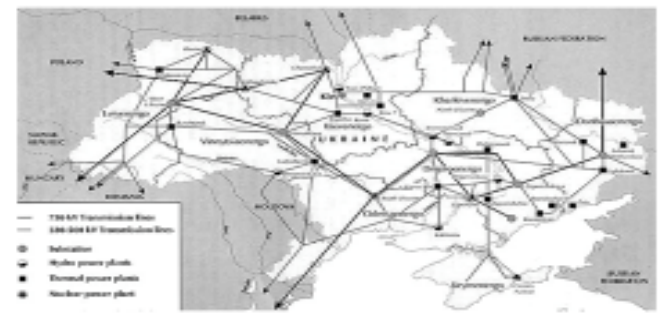
Russia had a creative and historically important response in December, so a month later a cyber-attack against Ukraine was the largest and first major attack on the grid of another country using cyber means. The cyber-attack was relatively sophisticated, it dumped a quarter million citizens of Ukraine off the power grid, they were able to restore power within about 6 hours, but some of the substations were so damaged that they were not fully operational for several months,

Ukraine was very proud and the United States and NATO worked with Ukraine to help them on this so everyone was very proud of how quickly they had recovered.

Almost exactly a year later there was another attack, In the second attack Ukraine was able to stand itself back up in one hour, and everyone thought well done Ukraine. But when the forensics on that cyber-attack was completed, it was a much scarier story, the second cyber-attack on Ukraine was an IT to OT attack, in other words, an attack of the same style as Stuxnet, as an IT to OT attack when you use cyber means to convince large mechanical systems to destroy themselves.

- Dec 23, 2015, a cyber attack took 30 substations offline in Ukraine, leaving 230,000 residents without power.
- Power was restored in 1-6 hours, but grid control centers were not fully operational for several months.
- December 2016, a second cyber attack caused a larger blackout than the first, taking down a significant portion of Kiev.
- Ukenergo rebooted the systems within an hour, but later analysis revealed a more ambitious attack.

Attacks on the Ukraine Grid



http://www.geni.org/globalenergy/library/national_energy_grid/ukraine/ukrainiannationalelectricitygrid.shtml

Figure 9

Russia launched an attack with a deliberate attempt to permanently destroy major infrastructure in Ukraine, by cyber means, it failed because they got one line of the code incorrect.

What this reminds us of, is that energy was not only part of the objectives, it has been a tool in this conflict since almost the beginning, and a tool used with increasingly devastating effect, there's a third strategic issue about energy in the early war that I need to call your attention to. That is you are all probably familiar with the Kerch Strait Bridge when you look at this close-up of Crimea, Russia built a bridge across the Sea of Azov, they built it low enough to mess with shipping, and they physically connected Crimea to Russia. Long before they did that, in the middle of that winter when Crimea was blacked out, Russia spent enormous amounts of money to build undersea

cables to connect Crimea to the Russian grid, and they went on to invest in building new power plants in Crimea, and Crimea is now an exporter of electricity to Russia.

That reminds us of something important if you have a society that is urbanized, that is used to light, heat, and electricity you cannot remain in power if you cannot keep the lights on. Energy particularly electricity is imperative in governance and keeping the lights on become strategically overwhelmingly important, Russia is aware of that and that's why the current era of the Russian war is against Ukrainian energy infrastructure.

There is an element of the war that is very confusing to everyone who is not close to, it and it is terrifying for everyone who is close to it, and that is of course the attacks on the nuclear power plants. Very briefly, I want to clarify this for you Ukraine has more nuclear power plants than any other country in Europe, with 15 operating nuclear power plants, and although Russia's occupation of Chernobyl was probably, an effort to make sure it would not sustain collateral damage.

Ukraine is home to 15 operating NPPs, located at 4 sites (and the non-operational site of Chernobyl). Russian forces fought to secure control over two facilities in early 2022: Troops took over control of Chernobyl on 25 Feb. 2022, and Zaporizhzhya on 4 March. The latter facility continued to operate at the level it did before the attacks. Chernobyl was returned to Ukraine control on 31 March. Zaporizhzhya remains the site of fighting. An IAEA expert team arrived at the facility in late August, and the facility was subsequently closed.



Figure 10

That situation is environmentally terrifying and strategically interesting, the Russians began dropping bombs closer and closer to Zaporizhi until the U.S. government said to Ukraine, *we're really sorry but we think you should close Zaporizhia*, the Ukrainians said we'd like to get some

advice from the International Atomic Energy agency the IAEA arrived and they assessed it and they said *you need to close this thing*.

Why would a country, Russia is a lead exporter of nuclear power plant technology why would they play this game? The answer is a little bit surprising, the answer is; Ukraine because of its nuclear power plants has a lot of surplus electricity and inside their own country, there is a lot of infrastructure damage, one of the ways that Ukraine was paying for the war, was by exporting electricity to Europe. By forcing the complete closure of the largest nuclear power plant in Europe, Ukraine is no longer able to supply itself with electricity, and by the way, if you have a nuclear power plant that is offline but has nuclear fuel inside of it, becomes a net consumer of electricity you have to supply electricity to it to keep the fuel safe.

Therefore, Russia was able to convert one of Ukraine's major economic assets, into an economic and security liability, and they did this not only for Ukraine, they did this for yet another reason that is poorly understood.

The European Union has the goal of moving to 50% dependence on electricity for all of its energy needs, now what does that mean? well currently about 19% of the energy that we use as a world, we use in the form of electricity, the remaining 81% we use oil, we use in industry, we use it in mobility, but the goal an effort to reduce our greenhouse gas footprint is to make more, and more of the energy that we use, to be used in the form of electricity. Environmentally this is very logical, from an engineering perspective this is very attractive, from a security perspective this creates extraordinary new vulnerabilities.

Electricity Emerging



- The EU is expected to lead the energy transition. EU Climate Law (2020) requires a cut of GHG emissions to 55% below the 1990 baseline by 2030.
- In 2018, electricity accounted for 19% of total world energy consumption. The IEA has set a target of 50% by 2040.
- This will lead to more cross-border trade in electricity, has already led to a prioritization of infrastructure projects that address electricity, and EU policy goal of >30 million electric vehicles by 2030.
- EU has already moved Ukraine and Moldova into the ENTSO-E and is pursuing movement of the Baltic states into the European grid.
- The shift towards electrification provides clear climate advantages but also brings new risks.

Figure 11

The reason why Europe was courting Ukraine way back before Crimea started was that they knew that Ukraine had surplus electricity; they knew that Ukraine could be one of the engines of the energy transition, and Russia is making sure that Europe has to rethink and worry about this transition.

People who look at climate change, refer to it as the energy transition, but it's not it's actually representing Europe's third major modern transition, they transitioned from cold toward to oil beginning with the Navy, but then following with their economies, they transitioned again from oil to gas, following the major crises in the Middle East.

Now they're beginning to transition again, and every time a nation or a region transitions, the security risks become different when you move from coal to oil, the new risk is that you have to supply it from as many different places as possible, because coal was domestic, and oil is not when you move from oil to gas, that's much more infrastructure dependent so you've got to build a lot of redundant and complex infrastructure.

Until we mastered the art of liquid natural gas, it also meant that you had to have long-term relationships with your supplier because gas does not move around as easily as oil, when we moved from gas to electricity, yes incredible efficiencies and some incredible new vulnerabilities particularly ones like the cyber one that I described before.

As we move into a new world, the best estimate of energy experts is that Europe is leading this, but Europe isn't the only one, the International Energy Agency, not the Atomic Energy Agency International Energy Agency which is a treaty organization predicts that the rest of the world by 2040 we'll move increasingly towards electricity.

This will bring with it, new vulnerabilities and new challenges but it will also help bring us into a new era, and some people myself included, like to refer to the Ukraine war as the first war of the energy transition, because amid all the other challenges that we see what we're watching is a major Petro state, through actions on the ground, and through conflict make it harder to move away from the preferred form of energy.

The war in Ukraine has created the longest energy crisis in modern history 73, 79 neither one of those lasted more than five months; we are now ending the ten months of the crisis created in Ukraine.

The First War of the Energy Transition?

- Russia believed that Europe would be unable to sustain objection to its goals in Ukraine.
- The war in Ukraine has precipitated the longest energy crisis in modern history.
- European stores will be sufficient to get through this winter, but refilling stocks for the winter of 2023-24 will be problematic, especially as China's economy recovers.
- Energy price shocks have depressed European economies.

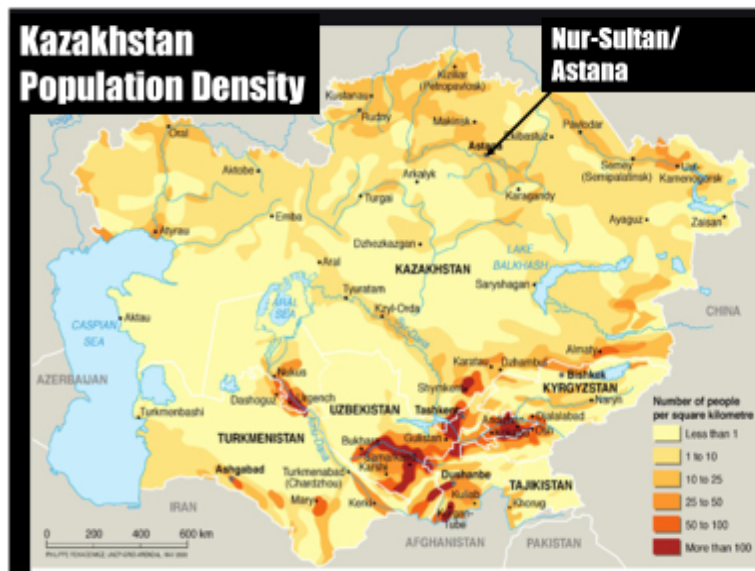
Figure 12

We know that Europe put many complex policies in place and put enough emergency stores to get themselves through this winter, but we do not know, how they are going to lay up the stores they need to get through next winter unless this war ends. Particularly because we expect the Chinese economy is going to recover, most of the gas that got here through this winter was gas that China did not use because of their lockdowns, because of their depressed economy, now we see the European economies are depressed by the prices going up very high planning for the future is really problematic. What we see is Russia enjoying its status, as one of the nations that can make it warm.

I do not think that the energy transition is going to be full of Interstate wars, I think there may be some but, I think a lot of what we're going to see are domestic political crises, caused by transition, and I want to point out one of them because it is my region it happened almost exactly a year ago.

Is a very weird, energy-related domestic political crisis that was quite severe, Kazakhstan's Energy Crises of early January 2022, they produce twice as much energy as some of their neighbors, they have coal, they have oil, gas, and they have more uranium than any other country in the world, they have lots of different sources of energy, they are a petro state. However, they were among the fastest growing economies, when in January of 2022 suddenly there were riots and demonstrations, what were they about? they were about the Kaza government raising the price of liquid petroleum gas, the sort of thing that you use for your grip, just good old compact gas, it turned out that compact

gas was the last sector in Kazakhstan where they had not yet risen any prices.



19 million people in a territory of 1 million square miles

Map from GRID-Arendal

Heating season is 4-8 months.
Urban areas have district heating (75%)
Rural homes use coal (70%)

Low oil and gas prices compared to their region but the government has been liberalizing markets. LPG was the last sector with strong price controls. The government had been trying to liberalize the LPG market since 2019. Household use and cross-border illegal trade continually rose.

Coal-heavy grid (80%)
40,000 km of power lines
Relatively high losses (10%)
Blackouts took place in September/October and again in January.

Fear that electricity would be curtailed, combined with rising prices of LPG initiated the demonstrations... but why were there blackouts and why did the government raise

Figure 13

They thought they could afford to give it away, mostly because it is a byproduct of natural gas and oil development and they had enough of it. However, what happened in September and October the grid of Kazakhstan collapsed, and people who have lived through the 1990s knew that if the government cannot keep the lights on in the fall, it was going to be a bad winter. There was lots of panic buying of liquid petroleum gas, and the neighboring states were also panicking too, so lots of people were buying it cheap, and pushing it across the border for a profit, demand for that compact gas was so massive, that Kazakhstan was running out, and they didn't want to have to import it so they started trying to raise the price. Raising the price caused wages to bubble out, and there were many other problems in Kazakhstan but this shocking price caused rage and it ended with Russia sending troops to help keep the Kazak government from falling.

Now, the interesting thing for my purposes, because I am intrigued by electricity, I wanted to know why the grid collapsed in September and October. The answer is, the Chinese Communist Party put a policy in place for China, that completely screwed up Kazakhstan, what did China do? They actually did something that I think was smart. They banned the manufacture of Bitcoin, turns out that Bitcoin is incredibly energy intensive, and in China's new five-year plan, they said this is

consuming an increasingly huge percentage of our energy and we do not think its adding value, we are going to stop it.

The CCP 14th 5-Year Plan & Bitcoin

- 2020: China produces 75% of world bitcoin.
- The 14th Five Year Plan (March 2021) names cryptocurrency as a dangerous form of speculation
- April 2021: China announces a ban on Bitcoin.
- September 2021 China outlaws cryptocurrency transactions and mining
- The CCP asserts that crypto-mining jeopardizes China's pursuit of carbon neutrality and has little benefit to the economy.
- National Development and Reform Commission (NDRC) is tasked with leading the crackdown, commits to raising electricity prices on any institution abusing its access to subsidized power to participate in crypto mining.
- Digital Chinese Yuan (e-CNY), a state-backed and tightly regulated currency, is now available in 23 cities. It does not operate on blockchain.



Figure 14

Moreover, in September they outlawed owning the equipment to manufacture Bitcoin that equipment is small, so entrepreneurs unbolted it and put it pushed it across the border to Kazakhstan, China used to produce 75% of all the world's Bitcoin. So there was a huge market disruption, so the price of Bitcoin was very high entrepreneurs in Kazakhstan got so enthusiastic about producing Bitcoin, they crashed the grid repeatedly, the grids in Kyrgyzstan collapsed as well, and the grids and Tajikistan collapsed as well.

We see this in countries that are cold, where electricity is weakly regulated, and where the price of electricity is cheap because Bitcoin electricity is the single largest cost of producing it. So essentially, crypto miners typically spend about 60% of their revenue, just paying for electricity, so think about that a Chinese decision to stop making something, that they think adds no value, causes grids to collapse in Kazakhstan, which causes stockpiling of liquid petroleum gas in Kazakhstan and all the neighboring states, which leads to riots and demonstrations.

What you see is that the energy systems of the world, are linked in ways where shocks can travel, and one of the things that we know about energy prices, is that if we look statistically from

2005 to 2018 what we see is that mass protests, ending in riots where at least two people died, occurred in 41 countries.

We know that it's not only energy-rich countries like Iran, we know that the yellow vest movement in France, started as a protest against rising diesel taxes, and it spun out into a very long-term almost two-year crisis only ended by covid-19.

Energy Prices & Unrest



Paris Yellow Vest movement: 2018-2020
Began as a protest against rising diesel taxes

- **2019 Iran tried to reduce gasoline subsidies: death of approx. 180 people resulted.**
- **2005-2018, major episodes of fuel riots affected 41 countries. Mass protests resulted over removal of subsidies.**
- **The Paris Yellow Vest movement began as a protest against rising diesel taxes – and continued for two years.**

Figure 15

So what we know, is that as we try to make this transition it's going to be a lot of dislocations along the way, Russia and the Russia-Ukraine war is not entirely about energy, but energy factors into it in some really profound ways, and this change in the energy world is going to affect many nations often in highly unpredictable ways.

As a scholar of this region, but also as a scholar of energy, I would say here are my takeaways about the world situation:

First, in terms of Russian behavior, the current war did surprise people, but it is well grounded in Russian doctrine and practice, it was clearly communicated that this was the direction they were going.

One of the surprises though, or one of the groups of nations that were surprised was Russia's near abroad, many countries like Kazakhstan and Armenia, believed that if they cultivated good

relations with Russia they would be protected, but in the speech that Putin gave for a domestic audience on the eve of the war, he clearly said *we consider all the Soviet boundaries to be relevant*. So countries like Kazakhstan, with large ethnic Russian populations along borders, are now terrified at what Russia will do next.

We know that although the collapse of the Soviet Union was largely peaceful, there are many border areas, and there are many population concentrations, where there is the potential for conflict, where Russia stop conflict in the past, and where we see conflict bursting out.

One of the most interesting things about Nagoron and Karabakh was the 44 days of the war, Russia did not want that, and I do not think even the government of Azerbaijan wanted it but there was so much built-up anger and rhetoric that it was almost inevitable.

When we look specifically at the impacts of the Russia-Ukraine, we see some clear geostrategic impacts, what we see is Russia divorcing Europe or Europe divorcing Russia, but what we see is that Russia as they get more, and more mired in this conflict, and as they continue to pursue assaulted her strategy. Europe is less, interested in a long-term relationship with Russia, so Russia is going to be forced to shift more, and more to the East.

We also know that the war has changed how we think about critical infrastructure; we used to be a NATO footnote, but now critical infrastructure both in cyber terms and in physical protection terms, is greatly elevated in our military thinking. In addition, we know that the war has had a huge impact on European economies, and on how they are thinking about the future of energy.

I would encourage you, to also think about the world situation in terms of this energy transition, it creates phenomenal opportunities, and make no mistake it is going to happen. But there are all kinds of new vulnerabilities, that as security professionals it will be called upon you to think about more seriously than we've had in the past, and the energy transition is likely to be associated with domestic unrest in many places and with cross-border tensions in some other places.

The World Situation:

- **Russian Behavior**

- The current Russo-Ukraine war came as a surprise, but is well-grounded in Russian doctrine and practice.
- Russia's 'near abroad' has reacted with dismay (even when states are afraid to oppose Russia).
- The collapse of the USSR was largely peaceful... but a number of border conflicts persist and have been supported by Russia.

- **Impacts of the Russo-Ukraine War**

- Geostrategic
- Impact on our thinking about critical infrastructure
- Impact on European economies and energy policies

- **Energy Transition**

- Creates new vulnerabilities as well as opportunities
- Is likely to be associated with unrest

Figure 16

DINAMICAS ESTRATEGICAS EN ASIA

Dr. Evan Ellis¹

Profesor de investigación de estudios de América Latina y el Caribe para el Instituto de Estudios Estratégicos del Colegio de Guerra del Ejército de los EE.UU.

Para mí es un gran honor estar con ustedes, para presentar mis perspectivas sobre los temas de seguridad en Asia, China y la relación de Asia con América Latina. Reconozco la cantidad de experiencia representada en el Colegio, siento humildad en poder hacer esta presentación aquí.


Me gustaría iniciar, con el entorno estratégico de Asia. Es importante reconocer el tamaño de Asia en la comparación global con un 30% de tierra y obviamente el 60% de la población global considera a India y China como los más poblados de globalmente. Asimismo, se debe de considerar el desarrollo ya que se encuentran tres de las cinco economías más desarrolladas globalmente. En los últimos 40 años, ha sucedido una transformación económica en esta región, la cual ha sido liderada en parte por China, Japón y Corea, por ejemplo, hace 40 años tenían un nivel de 80% de pobreza extrema en ciertas partes de Asia, reduciéndose recientemente a un 4%. Esto ha sido un gran logro, al sacar personas de la pobreza extrema.

Sin embargo, al igual que en América Latina y otros países el estrés económico producido por el encierro que generó el COVID-19, produjo que muchas personas de clase media cayeran a situaciones difíciles económicamente, recurriendo a la informalidad. Al menos 5000 millones de personas fueron impactadas y cayeron de clase media a la pobreza en este tiempo.


¹El Dr. Evan Ellis es profesor de investigación de estudios de América Latina y el Caribe para el Instituto de Estudios Estratégicos del Colegio de Guerra del Ejército de los EE.UU. Sus estudios enfocan en las relaciones entre América Latina y actores externos como China, Rusia e Irán, crimen organizado y populismo izquierdista, entre otros temas. El Dr. Ellis ha publicado más de 400 trabajos, incluyendo cuatro libros: *China on the Ground in Latin America*, *The Strategic Dimension of Chinese Engagement in Latin America*, *China in Latin America: The Whats and Wherefores* y *Transnational Organized Crime in Latin America and the Caribbean*. Su 5to libro, *China Engages Latin America: Distorting Development and Democracy?* se publicará en Mayo 2022. El Dr. Ellis ha servido como miembro del grupo de planificación de política del Secretario del Estado (S/P) con responsabilidad para América Latina y el Caribe (WHA), y el Bureau de Contra-narcóticos (INL). El Dr. Ellis ha dado testimonio frente al Congreso de los Estados Unidos en varias ocasiones, y ha presentado su trabajo en una amplia gama de foros de negocios y gobierno en 27 países en cuatro continentes. Es un conferencista frecuente en instituciones militares estadounidenses, tales como el Defense Institute of Security Cooperation Studies, y U.S. Air Force Special Operations School. Ha hecho apariciones en distintos programas de radio y televisión, y es citado regularmente en los medios de los Estados Unidos y América Latina. En 2018, Dr. Ellis fue otorgado el Orden de Merito Militar José María Córdova por el gobierno de Colombia para su trabajo académico en temas de seguridad de la región. El Dr. Ellis tiene un doctorado en ciencia política con una especialización en política comparativa.

Claramente los controles en Asia, ante el COVID-19 ha sido mucho más fuerte que los controles establecidos en los Estados Unidos o América Latina. Todo esto ha producido crecimientos muy lentos en todas las economías.


Se tiene que reconocer que en cuestión económica hay cierta forma de competencia informal entre modelos o conceptos de cómo integrarse al mundo, supuesto que parte del logro de los países de Asia ha sido su integración en el mundo, pero por ejemplo cuando hablamos de APEC o de los países que participan en el Trans-Pacific Partnership (TPP 11) lo que queda después del retiro de los Estados Unidos, es una institución en la que se aplica una institucionalidad última fuerte y protección de propiedad intelectual, mecanismos de resolución de disputas, mientras que existe otra organización alternativa principalmente promocionada por China y basada en Asia el RCEP, que tiene menos del enfoque en mecanismos de institucionalidad y protección de capital intelectual etc. Lo menciono porque, aunque hay un esfuerzo por buscar una integración económica y este ha sido muy importante, la cuestión ¿cómo integrarse? ¿bajo cuáles tipos de reglas? y ¿quién gana y quién no gana? todavía es un tema de contención y digo de este modo ya que se trata de una contención estratégica.



Asia - Introducción



- 30% de tierra global, 60% de su población
 - 4.4MM (1.38MM RPCh)
- Al llegar 2025, 3/5 economías mas grande del mundo, 5/10 de países mas poblado se encuentran en Asia-Pacífico
- **Transformación** económica-social
 - 80% pobreza extrema 1981→4%, pero 75M por Covid-19
 - Pero PIB solo ↑3.5% en '2023
- Múltiples conceptos de **integración económica**
 - APEC, TPP, RCEP, etc
- Gastos en **defensa** ↑3.6%
 - Por RPCh... También Japón, Taiwán, Vietnam, etc.



↑Desconecto entre *interdependencia y crecimiento económico*, y un *marco de seguridad inestable*

Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 1

Otra cosa interesante de Asia, es el aspecto que, con el alza de China en el crecimiento de su poder militar, económico y ciertos objetivos que se presentaran más adelante ha generado una reacción entre los países de la región, que incluso han aumentado de forma general sus gastos de defensa, incluyendo Japón, Taiwán y Vietnam.

Lo interesante para mí de las características Asia, es la manera en que hay algo de desconexión entre esta interdependencia económica y el crecimiento económico ya que se piensa en Asia como un ejemplo de desarrollo, sin embargo ha tenido muchas dificultades internas, en cuanto a conflictos étnicos en varios países también conflictos políticos e incluso conflictos bélicos entre los países, por lo que hay cierta desconexión entre cierto tipo de éxito económico e interconexión con las dificultades que encontramos persistentemente en muchas partes de Asia.

Bueno siguiendo esta conversación sobre el entorno general, cuando hablamos de política interna para hacer una leve comparación con América latina, para mí es muy interesante, especialmente cuando hablamos de países como Myanmar u Indonesia. Es que tienen una situación que se observa en muchos los países de América Latina y en sus historias, que es cuando nuevas fuerzas económicas y étnicas han construido nuevos gobiernos, digamos de tinte populista tienden a ser una respuesta de los militares que sienten una responsabilidad para mantener la institucionalidad de sus países y poner orden. En cierta forma lo menciono porque en algunas partes de Asia es similar a lo que vivió América Latina hace 30, 40 y 50 años y por supuesto también la reacción popular.

Cuando hablamos por ejemplo de Myanmar y otros estados de la región van a reconocer, patrones que no les parecerán tan ajenos.

Hablando un poco del tejido social de la región es interesante que siempre hay diversos tipos de grupos conformados por mezclas, que terminan por conformar las poblaciones. Por ejemplo, hay varias poblaciones musulmanas de la cual existe una amplia diversidad de estilos y tradiciones de la cultura musulmana.

Por ejemplo, en las Filipinas, Indonesia y en Malasia, no es exactamente igual como el estilo islam Chiita, ni Sunní del medio oriente, asimismo hay varios grupos de etnicidad china, en varios lugares como Indonesia y Malasia, por lo que mucho de la historia de la región, tiene que ver con las diferencias económicas y contenciones políticas que han llevado hasta, violencia de

gran escala. En lugares como Indonesia, en su historia estos conflictos étnicos son parte de la historia que construye el tejido social de esta región.

Otro tema muy relevante para estudios de seguridad de esta región, es la nuclearización, el hecho que no solo a la china continental, sino que India, Pakistán y Corea del Norte, incluso ayer el nuevo Presidente de Corea del Sur, está hablando de la posibilidad de crear un proyector nuclear, si Corea del norte continua con su propio proyecto nuclear. Es mi opinión personal, que no existe ninguna otra parte del mundo donde hay tantos países con temas de seguridad y de armas nucleares, realmente es una situación muy dinámica. Más adelante se hablará con más detalle, más tarde sobre Corea del Norte.

El rol político de China continental es cada vez más asertivo respecto a sus vecinos, esto claramente ha impactado las alianzas y posturas de muchos países en la región. Vamos a identificar dos tipos de reacciones de los vecinos, una es por la palanca económica de China, países como Tailandia y otros como Myanmar que buscan incorporarse en estas oportunidades chinas y por otro lado los que tienen experiencias más contenciosas con China históricamente, por lo que observan a china como una amenaza y por supuesto Japón, hasta cierto punto Corea, junto con otros países, como Vietnam que también ha tenido una guerra en contra de China. En ocasiones, buscando una amistad y cooperación a la vez que buscan su propia seguridad a veces mirando hacia otros actores como los Estados Unidos y los países europeos.

El alza de China y este cambio de su comportamiento generado por su creciente poder a impactado hoy las dinámicas de seguridad, las alianzas y pensamiento de todos los países de esta región.

Hemos hablado de conceptos diferentes de integración económica, por supuesto que es importante hablar sobre el COVID-19, considerando que en la región de Wuhan donde fue el origen de alguna manera u otra manera, sumando a esto que los controles para la pandemia en los países de Asia, como Japón y otros lugares, fueron de los más estrictos en todo el mundo impactando muchos sus economías.

El cambio es observable ahora que China, transito de forma rápida desde una política de cero COVID-19 a dejar la mayoría de los pruebas y restricciones avanzando a una política más abierta donde dejan a los turistas en el Año Nuevo Lunar viajar, por ejemplo a Tailandia y otros

destino, otorgando la oportunidad que se impacte positivamente las economías de la región por la integración de China, sin embargo por otro lado, también representa un peligro de distribuir una nueva contaminación con la posibilidad de nuevas variantes de este Omicrón.

Antes de meternos en disputas de país a país, creo importante mencionar la cuestión de las disputas existentes en el mar del sur de China y Mar China oriental. Esto sin entrar tanto detalle es en reflexión de los reclamos históricos de muchos países, que en alguna parte de su historia era más poderoso o menos poderosos por lo que podría extenderse más con sus flotas.



Disputa en el Mar China Sur (1)



- **Geografía compleja:** Físicamente, e historia de expansión de muchos países
- **Estratégica RPCh para proyectar defensa (empezando 2012)**
 - **Línea de 9 rayos (RPCh):** muchos reivindicaciones súper-posicionados
 - RPCh, Vietnam, Filipinas, Taiwán, Malasia, Brunei
- **Vietnam:** RPCh desplegó un **taladro** de petróleo 120 mi de Vietnam en mayo 2014
- **Malaysia:** 2015 acuso buque de guarda costa china de zarpar en **Luconia Shoals, Jones shoal** in ZEE
- **Filipinas:** Disputa sobre **Recife Scarboro**

Análisis personal del presentador: [Dr. R. Evan Ellis](mailto:Dr.R.Evan.Ellis) +17033287770 Robert.e.ellis78.civil@army.mil revanellis.com



Figura 2

Lo importante es entender cuál es el reclamo de cada país que en algunas ocasiones se hace de manera muy informal prácticamente trazada con una pluma o un lápiz, sin embargo, es tomado como una en realidad propia, como el reclamo que China tiene en casi todos los territorios marítimos, de practicante de todos sus vecinos. Es importante mencionar, que no se trata únicamente del mar sino de sitios y estructuras que no se les considera bajo la ley internacional como islas habitadas permanentemente, sin embargo, si son estructuras con nuevas tecnologías que se puede convertir desde en un arrecife a una isla.

Lo que ha pasado básicamente, es el reclamo de este territorio, China ha empezado a construir bases militares que le permite convertir sus reclamos territoriales en una proyección de fuerza por un perímetro de cientos de millas más, de las que podría hacer desde su territorio propio. Así mismo otros actores más débiles, tienen sus propios reclamos, por ejemplo, Vietnam, Malacia, etc.

Una dificultad, entre China y sus vecinos en los últimos años, es que China a través de algunos vehículos como su guardia costera y su milicia marítima china, que tiene un estatus un poco ambiguo, pero los ha utilizado junto con su flota de pesqueros chinos para que realicen actividades en las áreas que en China reclama. Si encuentran pesqueros de otros países como Vietnam, la guardia costera china interviene para notificarles que están en su territorio por lo que deben de quedarse lejos, es una manera suave, pero de forma indirecta China a presentando su control sobre esta área. Incluso Vietnam ya tuvo problemas con China al haber explorado, gas por medio de una plataforma en esta área. Pueden ver que hay dimensión económica tanto como militares en estos reclamos.



Disputa en el Mar China Sur (2)



- Construcción por **RPCCh** de **bases militares**
 - **RPCCh: 7**, incl. **recife Mischief**, **recife Subi**, **recife Fierly Cross** (con pistas, hangares, aviones y defensas militares), **Isla Woody** (con bombarderos H-6, Su-30s), **Recife Cuarteren** (base de comunicaciones/telemetría?)
 - No solo aseveraciones de soberanía, sino **control territorial**
 - **Vietnam**: reclamando **Recife Occidente**, **Isla Spratlay**
- Tránsitos por EE.UU, UE, UK, otros: "libertad de navegación" (**FONOPS**)
- Decisión por **UNCLOS** (ONU) en Julio 2016 a **favor de filipinas...pero** RPCCh lo **rechazó**.




Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civil@army.mil revanellis.com

Figura 3

Si hablamos de bases militares, empezando más o menos como en 2003 y 2014 con la transformación de algunos arrecifes, ahora son islas con pistas suficientes para bombarderos HC, incluso con edificios donde se pueden mantener batallones o brigadas de personas, de manera permanente, estas realmente se ha convertido en bases para proyectar poder y no solo extender, sino proteger el perímetro de China contra otros países, como los Estados Unidos que podría tener un interés en la región y estar involucrado.

Por otro lado, países como los Estados Unidos, la Unión Europea con Francia o Reino Unido seguimos manteniendo lo que se llama FONOP, Freedom of Navigation and Operations para pasar en nuestros buques de guerra por allá, para mostrar simbólicamente que esta comunidad rechaza el reclamo chino, pero por supuesto esto siempre crea vulnerabilidades que, si alguien desafía el paso de un buque de guerra de otro país, podría provocar el comienzo de hostilidades.

Otra cosa que para mí es interesante, hablando personalmente como alguien que trabaja para las fuerzas armadas, es el proceso que había en la corte internacional que bajo United Nations Convention of the Law of the Sea (UNCLOS) en la cual básicamente les dijeron a los filipinos que su reclamo por mar territorial fue legítimo y el de China no fue legítimo. El problema es que después de básicamente ganar en la corte internacional, es como lo que pasa con entre Chile y Bolivia o entre Colombia y Nicaragua, les puede disgustar, pero obedecen, así es como funciona la ley internacional, pero en el caso de China, básicamente a ignorado esta decisión de UNCLOS y sigue explorando y expandiéndose de forma ilegítima, lo que demuestra la posición de China en la ley internacional, en la cual sólo obedece cuando le conviene y no cuando no recibe beneficios.

Es relevante mencionar que un poco más al norte, sin quitar importancia a los países del sur, damos cuenta que en el norte también hay otra serie de reclamos en el mar oriental. Principalmente tiene que ver con Japón y China, basada en la extensión de las islas en el sur de Japón y hasta donde extiende esta proyección versus el territorio chino. Pero lo interesante es Taiwán que también tiene cierto reclamo de estas islas. Realmente desde más o menos 2014, se ha calmado un poco a estos a esta contención, pero al igual que el mar del sur hay cuestiones de recursos naturales, como gas natural. Repitiendo la situación del mar del sur esto sigue funcionando como contención para los países ocupan estos espacios.



Disputa en el Mar China Oriental



- Principalmente **RPCh – Japón**
 - Pero también **Taiwán** un partido
- Septiembre 2012, Gob. de Japón **compró** islas Senkaku/Diaoyu del dueño privado
- RPCh creó un **Zona de Identificación para Defensa Aérea** en Noviembre 2013
- Se **calmó en 2014** con reasunción de dialogo de alto nivel... hasta 2016 cuando **fragata de RPCh acercó dentro de 24 km** islas.
- Uso de **presión económica** por RPCh
 - Corte de abastecimiento a Japón de **metales tierra-rara** (2010)
- Cuestión de **gas natural?**



Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770

Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 4

En mi presentación principal, quiero realmente hablar de los países de la región, obviamente iniciare con China, especialmente en los últimos años el Presidente Xi Jinping ha cambiado de deforma fundamental a China, a pesar de que esta había estado creciendo y transformándose y desde la apertura al mundo en 1978 con Deng Xiaoping. Pero realmente el nivel de poder prosperidad fue capturado por Xi en su discurso sobre el sueño chino, al pasar el año 100 del nacimiento del partido comunista de China en 1921, pero la idea es que al llegar el aniversario 100 de la toma del poder de China continental en 1949 en la cual China se convierte en un poder medianamente próspero y esto implica varias cosas, por ejemplo, incorporar a Taiwán como parte de China continental. Obviamente también el Presidente Xi ha cambiado un poco el discurso de China volviéndolo un poco más agresivo en la búsqueda de sus intereses políticos y económicos,

Otro elemento clave que coincidió con la llegada del Presidente Xi Jinping fue el arribo del concepto de one belt, one road, basado en el auto concepto y en la historia de China de la ruta de la seda, aparte de algo físico como una ruta para el intercambio comercial entre China, medio oriente, Europa y Asia central, forma parte de un concepto dentro de la civilización china donde China, funge como el centro del universo, en relación con el resto del mundo, que las riquezas del resto del mundo fluyeron hacia China, para enriquecer económicamente en cuanto a ideas etcétera

a China a su vez que China también iba a compartir la grandeza de su civilización, logros y pensamientos al resto del mundo, se trataba de algo de autoconfianza surgido de un mito de como China se relacionaba desde el centro del universo con el resto del mundo.




Republica Popular de China




- **"Sueno Chino"** de Xi Jinping
 - *Prosperidad + Poder* (2021, 2049)
- **FyR** ('13): *Mito*→*Mensaje* al mundo
 - Ahora con fracaso de FyR→**IDG**
- **Deceleración** de crecimiento (10%→**3.1%**)
 - Cambiar a modelo mas basado en **demanda interna**?
 - Distorsión de **deuda** (eg. **Evergrande**)?
 - Infraestructura por **dinero fácil**
 - **Fragilidad** de sistema de **salud, educación publico**
 - ↑ **controles en capital, iniciativas tecnológicos** (**Jack Ma**)
- **Nacionalismo, Materialismo**
- **Confucianismo** – Relaciones→**Tian Xia**
- **Han, vs. Nacionalidades** y **"terrorismo"** eg. Uighurs y Asia Central




Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 5

Por esto es que no fue una gran sorpresa que, en 2013, durante la administración de Xi adoptar el concepto de la ruta como una representación de la naturaleza de ganar en la relación de China con el mundo. Esto es un aporte del auto concepto chino, tanto como el mensaje de diplomacia público en mi opinión.

Bueno ustedes saben, que por ejemplo en América latina comenzando con Panamá en 2018, que históricamente nunca fuer parte de la ruta de la seda, pero se incorpora en este contexto mundial moderno como parte de esta conexión de China, en infraestructura con el resto del mundo. Ahora se cuentan 21 países de América latina que son parte de esto y aunque no es muy claro lo que es la obligación de China, hacia los países que firman su participación, ni de los países hacia China, pero por lo general es como una declaración de interés en tener una relación, es como los novios antes de casarse, al entregar el anillo ya hay una declaración de interés y sus acciones sigue mostrando el interés, pero la obligación legal no es tan clara. Aproximadamente un billón de

dólares de dólares en el proyecto, de los cuales una tercera parte, son de problemas económicos con sus préstamos, etcétera.

Entonces con los problemas mencionados anteriormente, aunque China no ha abandonado la política de one betl, one road, si ha sido un problema que muy calladamente no se menciona, ya en las presentaciones públicas incluso en el último congreso del partido comunista número 20, ahora ponen mucho más énfasis en algo que se llama la iniciativa del desarrollo global, no es que una remplace a la otra, sino que esta iniciativa de desarrollo global es vista con mayor consistencia en este mercadeo de China, como un apoyo al desarrollo y beneficio de otros países no desarrollados, entonces se nota que ahora se usa mucho más este este idioma y esta este lenguaje que otro.

Aparte de esto, un gran desafío que China ha tenido especialmente en los últimos al 5 a 10 años especialmente en los últimos 5 años antes del COVID-19 era la desaceleración de su economía, desde tasas del 10% cada año a como del 3% justo en el tiempo de COVID-19, gran parte de esto se debate en la cuestión sobre si China puede o no puede traicionar su modelo de circulación y o el modelo de solo exportación liderando al desarrollo de tecnología de un modelo basado más en demanda interna.

Esto es algo problemático por porque depende en reestructurar la naturaleza de la demanda. Por ejemplo, en medicinas hay altas tasas de oros, hay también dificultades en el sistema de salud, de educación pública lo que causa que los chinos no gastan tanto, su dinero como en algunos otros países por las preocupaciones de sus necesidades.

Sí existen eso desafíos estructurales, pero por encima de eso, está el liderazgo de la economía por el estado ha introducido algunas distorsiones y una parte clave de esto tanto, en el nivel de empresas estatales y otras empresas que han tenido acceso al dinero muy barato y de esta forma ha invertido en proyectos que quizás no tienen sentido económico, pero como el capital era casi gratis entonces y también ellos tenían exceso a socios bancarios de confianza entonces, había muchos préstamos para muchos proyectos cuestionable. Pero también había gobiernos locales provinciales que tenía acceso a proyectos de infraestructura etc., que igualmente fueron pidiendo prestado dinero.

Entonces lo que ha sucedido con esta empresa de bienes raíces Evergrande en China, fue que el tema estructural en China ha producido un auto alto nivel de endeudamiento para los gobiernos locales y empresas etc. que ponían en jake este dinamismo de la economía de China y todo esto por supuesto estando en medio del COVID-19

Existen otras dos dinámicas que están ocurriendo; una es con el Presidente Xi Jing Pin que está intentando reponer el control del Partido Comunista y de entidades estatales por encima de entidades más de índole privado. Esto ha abierto la puerta a un enfriamiento de la economía más puramente privada, entonces hay ciertos controles de capital hay también ciertas maniobras contra empresas de tecnología como Di Di chuxon, Bo Xilai como algunas de las otras empresas de tecnología de por ejemplo Jack ma o como el grupo Hormiga y otras de innovación tecnológica, los que son algunos de los motores de inversión tecnológica de China en todo el mundo, pero ahora quizás por los controles que Xi quería poner en esas empresas, para asegurar que realmente todas esas grandes empresas estaban formalmente bajo el control del estado y Partido Comunista y que no puedan ser como rivales políticos y económicos para el Presidente Xi y entonces todo esas maniobras crean un efecto, de enfriar una parte clave de la innovación de la economía.

El punto es que hay temas estructurales, hay temas que salen de la política que han cambiado un poco el dinamismo chino justo en un momento clave de transición que he comentado y bueno por supuesto justo en el medio de esto ha llegado el COVID-19.

Pero antes de regresar a ese capítulo me gustaría mencionar algunos otros atributos relevantes de la cultura China, sabiendo que siempre es peligroso tachar a un país entero o liderazgo, sin embargo, es útil considerar algunas generalidades que para mí han sido interesantes.

Lo primero es reconocer el espíritu de nacionalismo dentro de China, y en parte esto es a veces exagerado por el control mediático del Estado, la percepción de que China debe defender su derecho a de defender sus reclamos sobre el territorio etc. Incluso podemos ver en películas como el Guerrero lobo uno y dos, que no solo es un término para los diplomáticos, eran dos películas estilo Rambo muy populares, pero el tema de estas películas era todos los trabajadores chinos o en el mundo y el derecho chino de no solo agachar su cabeza ante todos los malos del mundo, sino que más bien deben de absorber y defender sus derechos que acompañan a esta gran civilización y derechos de personas chinas.

Lo menciono porque a veces en medios sociales, estos temas que retroalimentan y aumenten la fuerza del discurso oficial a veces es utilizado, en las comunicaciones oficiales al decir, nosotros y nuestro reclamo chino, pero por otro lado el discurso oficial también aumenta las fuerzas de sus reclamos.

Sí hay una realidad en China que hay un sentido de nacionalismo, que es parte de este nuevo y dinamismo a que impulsa a Xi Jinping.

Otra cosa que es interesante es el nivel de materialismo en la sociedad china y no quiero ser crítico, porque también tenemos nuestro materialismo acá en nuestros países, pero es interesante que si ustedes han pasado un poco de tiempo en China, se dará cuenta que en ninguna otra parte del mundo, se encuentra más tiendas Rolex, Hermes, Coach, Luis Vitton y todo y realmente con el alza ,en la prosperidad ha sido algo intrínseco en la cultura China, que entre los que tienen plata les gusta comprar las cosas de marca, para mostrar el poder adquisitivo que tiene, posiblemente el lugar donde yo he comprado el café de Starbucks más caro en el mundo es en Shanghái, esto es irónico, porque por un lado esto ha sido impulsor importante y dentro de la economía China y su política pero también esto va muy en contra de discurso del Partido Comunista.

De cierta forma Xi Jinping ha hecho campañas en contra del materialismo, lo que también tiene el efecto de ir en contra de ciertos de sus rivales dentro del partido.

Menciono lo anterior como dos dinámicas relevantes para entender a China. Posiblemente otras dinámicas sumamente relevantes para entender a este país son sus antecedentes históricos en cuanto a sistemas de creencias. Del mismo modo que cuando buscamos explicar aspectos de las dinámicas políticas de América Latina, debemos de hablar de los sistemas de la colonial española o portuguesa o de Holanda, o se puede hablar del impacto de la iglesia católica en las actitudes hacia las autoridades etc.

Igual en China uno puede identificar que ciertos aspectos, a pesar del comunismo, tienen su origen en este sistema confuciano y taoísta. Para mí lo más relevante es el concepto de la relación entre personas, que es condicional a la posición de las personas, para simplificarlo en confucianismo se habla de las relaciones de autoridad y deber, por ejemplo, entre a líder y sujeto o padre e hijo, jefe a subordinado, esposo a esposa. Lo que es interesante es que también estos

conceptos de relaciones tienen implicaciones relativas, por ejemplo, cuando uno está débil uno tiene que agachar la cabeza, pero cuando uno llega a ser poderoso tiene el derecho a esperar cierta reverencia de otros y lo que yo acabo de mencionar sobre el mar sur y el mar oriental, yo creo que creo que lo que hemos visto estos 20 años es la transformación de una China que se percibía en una posición débil, de esconder sus posibilidades a una China que ya se siente más poderosa, que se siente con el derecho de esperar ciertas cosas de sus propios vecinos de Tailandia, de Vietnam etc.

A veces, cuando yo veo cómo se comporta China en África o China en ciertas partes de América latina se le ve como en la etapa de transición, cuando China se siente débil o como el invitado o el huésped, especialmente cerca de los Estados Unidos, como si dijeran, estamos acá para no molestar a nadie, para no desafiar a nadie, pero cuando yo veo cómo se comporta la Guardia Costera China en el mar del sur de China, me lleva a considerar que el desarrollo de su poder bajo su sistema de crecimiento, también transformar su comportamiento, con actitudes similares a las que presento en UNCLOS. Porque en el occidente pensamos que hay un sistema de ley nacional e internacional que aplica a los débiles y los fuertes, aunque no sean al 100%. lo relevante que yo veo es que la forma de pensar sobre las leyes y obligaciones en China es un poco más relativo al poder, lo que considero algo clave para entender el comportamiento y saber que esperar de China, siento que esta es mi opinión personal.

Después de esto me gustaría hablar de la etnicidad en China, como saben hay una gran cantidad de etnias en China, pero quizás lo más central especialmente en esta región oriental han sido las personas de etnicidad Han y hasta hoy día, se nota la preferencia en lugares como Xinjiang donde se colocan a personas de la etnia Han en posiciones de poder y de control a diferencia de ver otras etnias como las más lejanas, por ejemplo, los musulmanes Uigur y Xinjiang a los que se les ve como un problema de control esto ha sido un parte de su política interna muy relevante en lugares como Xinjiang.

En cuanto a la situación política los puntos importantes son los siguientes; número uno obviamente después del congreso 20 del Partido Comunista de Xi Jinping, está claramente en control, va por su tercer periodo en la oficina de Presidente, algo que es sin precedente desde los tiempos de Mao. Asimismo, se notan algunas cosas simbólicas de esto, por ejemplo, la eliminación de las facciones rivales que quedaban en el comité central, por ejemplo, su medio rival Chung o

por ejemplo la manera en que su antecesor el Presidente Hu Jintao fue casi humillado en una sesión cerrada, también como lo mencione otras cosas que se han hecho, como controles en contra de la corrupción o controles en contra de empresas tecnologías o de realmente eliminar a ciertos rivales.

En cuanto COVID-19 también había hablado un poco de esto, pero es muy relevante y para regresar al tema, debido a que ha sido un gran cambio desde hace 3 años de controles fuertes con la política cero COVID, hasta hace unos días que se hizo el cambio del status del virus de Clase A hacia la Clase B, que puede ser tratado y no controlado, ni siquiera están metiendo con controles nacionales a quien se infecta y han levantado mucho de esas restricciones.

Para mí esto muestra algunas cosas, número uno, irónicamente el haber podido mantener exitosamente estos controles durante tres años muestra realmente la capacidad de control que el Partido Comunista tiene y aunque en al final decidieron cambiar esta política, es casi impensable que en los Estados Unidos y América latina se pudieran mantener tres años de una política como esta. Sé que en Colombia había controles estilo pico y placa de COVID-19 y muchos países tuvieron muchas dificultades. Sin embargo, en China esto muestra el nivel de control y la capacidad de seguir controlando, esto es importante porque en ocasiones se aplica la política o estrategia, con nuestra propia concepción de cómo funciona la política o estrategia extranjera y presumimos que, con este nivel de descontento producido seguramente, va a hacer estallar el Partido Comunista y yo veo que eso es aplicar a nuestra propia comprensión y no a la comprensión de China.

Bueno aparte de esto también había varios problemas por la naturaleza de Omicron, porque este virus había empezado a saltar fácilmente a pesar de los controles, asimismo las localidades y las municipalidades estaban acabándose su dinero para restricciones y para mí también esto muestra algo diferente, este cambio tan rápido muestra lo siguiente, que a pesar que a veces pensamos que la China comunista, es algo tan autoritario que no responden en nada a los deseos del pueblo. Yo veo que se puede imponer muchos abusos, pero también hay canales de sensibilidad sobre lo que piensan las personas y por lo menos cuando el liderazgo, decide cambiar hay sí, esos medios de comunicación de percibir lo que es deseable y cambiar son útiles. Eso no garantiza que el partido siempre siga lo que desea el pueblo, pero, da canales para que el partido entienda lo que está ocurriendo generalmente en el pueblo.

Esta situación de COVID-19, es lo más espantoso que yo he visto en China, se estima que durante los tres años de desde diciembre y cuando cambio de política que aproximadamente 250 millones de personas se ha contagiado de Omicron, que no es una variante tan letal hay algunas estimaciones que podrían llegar hasta 8 mil millones de personas casi 3/4 de población China infectada, y aunque se menciona un bajo nivel de muertos esto implica según la Organización Mundial de la salud, la posibilidad de un millón de muertos en los próximos meses, lo que podría producir un impacto en el sistema hospitalario impresionante.

Por otro lado, hay diferencia entre impacto médico, impacto político, impacto económico yo creo que es necesario ser muy claro en esto. Lo interesante de lo político es que hasta ahora que el descontento por los controles en China era tan generalizado, se volvió más difícil culpar al Partido Comunista si hay un millón de personas muriéndose, esto desplaza el descontento dirigido al gobierno, hacia algo más disperso y esto lo hace que políticamente sea más fácil de sobrevivir.

Número dos, no está claro que esto vaya a impactar tan fuertemente la economía, porque aunque hay un pico ahora y habrá otra puntuó alto, cuando todos visiten a sus parientes por el Año Nuevo Lunar y regresen a China, sin embargo, en la segunda mitad de 2023 vamos a ver estos virus más o menos bajo control con un nivel alto de inmunidad y entonces se estima en los cálculos que yo he visto que en parte ciertas cadenas de abastecimiento indirectamente y por largo plazo se acelera la economía China, se estima que podría llegar hasta el 5% de crecimiento este año en lugar de 3%. Esto se deberá en parte a decisiones de ciertas empresas, porque hay ciertas empresas que, por el thecupling de China, decidieron no ubicar cosas de tecnología de chips en China por la situación con los Estados Unidos. Pero por otra parte las empresas que se encontraban frustradas con la política cero COVID y pensaron en mover su producción a Tailandia o Vietnam, esta reapertura impulsa la idea de mantener la producción, dentro de China.

Mi percepción es que van a tener una crisis médica grave, pero la situación política y económico para China y la posibilidad de su expansión en el mundo, será algo más positivo en la segunda mitad de este año.

Segundo tema importante para hablar es esta cuestión de una acción a contra Taiwán y bueno ustedes saben que el Presidente Xi, ha visto esto como algo que él no quiere terminar su liderazgo sin resolver este tema de la Independencia de Taiwán. Por lo que hay muchos cálculos que antes del fin de su tercer periodo en la oficina, si es posible 2027 su objetivo de una manera u

otra incorporar a Taiwán. Yo pienso que hay ciertas cosas que impacta los cálculos de cuando esto pueda suceder: uno es que China tiene el lujo del tiempo, para incorporar las lecciones de Rusia, lecciones tanto militares, como económicas, por ejemplo, que implica el uso de vehículos no tripulados, de armas de precisión, también que implica que el occidente aplique sanciones, donde impacta de forma negativa y no negativa estas restricciones. De este modo pueden ver como China podría adaptar su propia postura para incorporar a Taiwán. También yo creo que hay un cálculo, para bien o para mal respecto a la respuesta occidental. Ustedes saben bien que por el momento estamos entregando muchas municiones de precisión a Ucrania, nuestra base industrial está también movilizándose para producir más municiones, sí hay ciertos tipos de armas que ya estamos reuniendo muchas para enviar a Ucrania.

También la resolución de coordinación política de occidente se ha aumentado sobre el tema de Ucrania. Yo sospecho que China calcula el impacto de nuestro apoyo militar hacia Ucrania, nos hace más vulnerable en la capacidad para poder apoyar a Taiwán, porque se reporta que parte de nuestro apoyo a Taiwán ha sido postergado por nuestro apoyo a Ucrania.



- Acción x Taiwán ante de 2027?
 - Después de observar/responder a **lecciones de Rusia en Ucrania**
 - VNTs, armas, SWIFT, etc
 - **Cunando se acaban municiones** norteamericanos?
 - **6 meses de preparaciones observables**
 - Útil para **evaluar respuesta occidental** de defender Taiwán
 - **Intimidar Taiwanese** a rendirse
 - Cuestión de **impacto en economía mundial frágil**
 - **Chips**, corredor económico/cadenas de abastecimiento, Covid-19, inflación, endeudamiento
 - Campana **global**, con aliados...no solo en Asia?

Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 6

Por otro lado, también el cálculo de la determinación o no determinación de la alianza occidental crea una débil y brinda un buen momento para actuar en contra de Taiwán.

Entonces hay una complejidad de cálculos para cuando actuar en contra de Taiwán, para mí es realmente un tema de cuando más que de si va a suceder o no. A parte de esto también, generalmente se calcula que si China, lo quiere hacer bien le tomaría aproximadamente seis meses de preparaciones, en cuanto a acciones necesarias de incorporación y en cuanto a sus cadenas de abastecimiento, en cuanto a sus fuerzas militares y sus municiones, sin entrar en muchos detalles, pero básicamente estos seis meses son relativamente observables tanto por nosotros como, por los Taiwaneses.

Es muy interesante que esta observación también permite a China continental demostrar lo que tiene destinado para Taiwán y estos sean conscientes del riesgo, ya que si no está definitivamente claro que el occidente los va a defender, los taiwaneses pueden pensar que no tienen esperanza y que China destruirá su país, entonces es mejor rendirse en vez de luchar en una guerra que no pueden ganar y nadie los va a defender, porque lo que Taiwán no tiene, pero Ucrania sí, es la profundidad de defensa o sea hubo semanas que de forma muy valiente los ucranianos pudieron defenderse en contra de los rusos gracias a su profundidad de defensa, hasta que el occidente dijo, saben que parece que los ucranianos son valientes y no van a perder empezamos a encontrar la voluntad política de ayudar, esas dos o tres o cuatro semanas que Ucrania tuvo no las tendrá Taiwán, entonces si no hay una respuesta pronta de occidente Taiwán reconsideraría la guerra.

Todos esos cálculos se hacen en seis meses, otro calculo más es el efecto mundial, ustedes saben que la invasión Rusia a Ucrania genero un caos en los sistemas de logística mundial, los precios del petróleo, los precios de la comida, ha impactado incluso en la estabilidad social y a los grupos más vulnerables, en Panamá, en Ecuador y las protestas en Perú, empezando en Callao y otras partes. Con esto se pueden imaginar lo que pasaría si el mundo perdiera todo lo que fluye a través de los estrechos de Malasia todos los chips de Taiwán y todo esto. Pienso que el impacto económico en todo el mundo que no cuenta con las estructuras seria sin precedentes.

La última parte de China antes de hablar un poco de los otros países, será sobre la orientación desde China hacia el resto del mundo, lo que busca en América latina es algo muy parecido a lo que busca en África y en otras partes del mundo. Por un lado, acceso seguro a recursos

como petróleo, hierro, minerales estratégicos como el litio o el niobio que se encuentra, por ejemplo, en Brasil.



Figura 7

Por otro lado, también está buscando bienes agrícolas, carne de puerco, carne de res, granos soja y productos forestales, taladro, pulpa de madera. Asimismo, busca el acceso a otros mercados. En el transcurso de esto no solo busca tener acceso a los recursos sino captar el valor agregado y no solo comprarlo, sino ser quien realice las operaciones de extracción de las minas y quien realice el transporte.

Cuando hablamos de *one belt* o *one road*, yo creo que lo importante es, que aunque sí los chinos se encuentran en medio de una gran cantidad de proyectos de construcción, de transporte físico como carreteras y ferrocarriles incluso en algunos casos con muchos problemas, a pesar de eso cada vez lo hacen con una mayor sofisticación de sus empresas al tiempo que mejoran las conexiones de persona a persona necesarias para tener una selección eficiente de las empresas de consultoría y maniobrar en situaciones delicadas a nivel local.

Yo sigo con mucho interés este tema de China en Colombia, en Bogotá y en Medellín en octubre del año pasado y me impactó mucho el desastre de este proyecto, desde Medellín al Golfo

de Urabá, pero otro lado el avance del metro de Bogotá, pero bueno es esto, es el río y Bogotá acaban de premiar metro, el antiguo proyecto por Hidro por power China. Mi punto con todo esto es la gran cantidad de proyectos hidrológicos etc.

El punto es que empresas como China harbor y otras están en este entorno tan complicado, con los empresarios, con los liderazgos están aprendiendo a tener las conexiones. Por ejemplo, la última vez que yo había visto la cámara de comercio, Colombo-China solo tenía como 30 empresas y solo 2 eran empresas chinas, ahora tiene como 130 empresas e incluso Check tiene el vicepresidente de esta cámara y yo creo que la mayoría de las empresas en esta cámara son empresas chinas.

Mi punto con todo esto es que, en cosas de transporte, en muchas partes del continente y si queremos hablar de la situación de Brasil con los puertos, podemos hablar de la situación en Ecuador etc. A pesar de los problemas las conexiones humanas, los chinos están logrando combinar el capital con el conocimiento de conexiones humanas, para tener las condiciones de avanzar. Pero también son las operaciones de los puertos y no solo los puertos de, por ejemplo, Panamá o Freeport sino también a puertos como Shanghái, con Cusco en Perú, por ejemplo, Ecuador con el nuevo concepto de reemplazar el puerto de Guayaquil con el puerto Posorja y aunque el uso de este es un poco limitado, me impacta el concepto y el hecho que realmente fue el China harbor quien fue responsable de la expansión y construcción del puerto. Entonces para mí, esta posición de China en los puertos, por ejemplo, el puerto de Kingston tiene un consorcio chino con bajo perfil.

Mi punto con todo esto, es que hay presencia en dos cosas de conectividad económica que va más allá de carreras y tiene que ver con puertos tiene que ver hidrobias, por ejemplo, la hidrobia amazónica que conecta a Quito con este sistema vial, aunque un poco polémico que está impulsado también por China Hidro, la misma cosa sucede en quien opera el río Uruguay, Paraná, lo que es un punto de acceso estratégico no sólo para para Uruguay y Argentina sino también para el sur de Brasil, hasta Bolivia. Entonces se nota que buscan controlar la conectividad y la producción eléctrica y por encima de esto otras cosas como las telecomunicaciones y sistemas de observación.

Prácticamente en todos los tipos de sectores incluso de Ecommerce se encuentran empresas chinas. Los chinos son muy hábiles en utilizar este control de conectividad para apoyar su avance en otras áreas.

Quiero mencionar que aparte de lo económico una cosa que se nota es muchas veces el poder económico también facilita en cazar a que tienen la esperanza de ser socios con los chinos o recibir sus inversiones a los que busca limitar un poquito sus discursos sobre cosas como Xijian, Hong Kong etc. Porque no quieren perjudicar su relación, nadie se preocupa si critican a los Estados Unidos porque Exxon va a dejar de invertir en una región, pero siempre hay un temor a criticar el gobierno de China, sobre Xinjian y los Uigurs debido a que pueden perder a un socio.

Este poder económico les otorga una palanca fuerte para controlar la naturaleza del discurso, sobre ellos mismos. Aparte de esas dimensiones económicas, hay dimensión política 10 países de la región que tiene relación de socios estratégicos, incluyendo el rol de China en instituciones como el banco interamericano de desarrollo o los BRICS o CELAC con la participación del plan china CELAC, incluso varios compromisos que se establecen a través de este organismo para avanzar proyectos, por ejemplo, hay un comité de foro de defensa que muchos de sus países recientemente acudieron, también hay un foro de CELAC-China sobre el espacio.

Por lo tanto, China utiliza ciertos mecanismos para lograr avances de forma multilateral. Por supuesto las actividades militares y la venta de bienes que generalmente ha sido a países más orientado hacia los Estados Unidos, inicialmente fue Venezuela que compraron los casas K8 o por ejemplo, durante tiempos un poco menos amable y entre los Estados Unidos y Ecuador que firmó para recibir 700 camiones militares que realmente eran necesidad de las fuerzas armadas de Ecuador aunque también fue la fuerte institucionalidad de Ecuador, e incluso los radares que no sirvieron, así mismo Ecuador es uno de los primeros países que canceló un contrato militar con China por incumplimiento de las condiciones del contrato amparo. Bolivia y la compra de los cazas Z9 o por ejemplo algunos blindados, básicamente manteniendo una presencia en la región incluyendo la educación profesional militar etc.



Japón



- **Doctrina Yoshida:** seguridad defensiva + crecimiento
- Prosperidad, pero **estagnación** desde **crisis de '87**
 - Todavía lento: $\uparrow 1.5\%$ PIB '23
- \uparrow **importar energía** después **Fukushima** (marzo '11)
- **Población envejecido** \rightarrow Obstáculo económico
- 2023 cabeza de **G7**
- **Nuevo estrategia de defensa, NDS**
 - Re-pensamiento fundamental, ante de amenazas de RPCh, Rusia, Corea de Norte
 - **Presupuesto:** $\uparrow 2x$ a **\$100MM/año en 5 años**
 - Nombra a **RPCh** como **desafío principal**
 - **Defensa x misiles** \rightarrow **Counterstrike**
- Compromiso **defender Taiwán** si atacado?
- \uparrow coordinación político y militar con **EE.UU**
 - **Regimiento de Inf de Marinas** en **Okinawa**
 - Visita por **PM Kishida** a **EEUU** (ene '23)
- \uparrow **Cooperación:** AUS, Corea, UE, RU (acuerdo **acceso recíproco**), ASEAN, OTAN, India (ej. de **cazas**)...
- **Trilats** (con **EEUU y Corea**; **EEUU y AUS**)



Primer Ministro: **Fumio Kishida** (**LDP**, desde 2021)



Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civil@army.mil revanellis.com

Figura 8

De manera rápida quiero mencionar algunas cosas sobre la región: número uno a Japón, ustedes saben que Japón tradicionalmente ha adoptado una postura de defensa limitada, aunque tiene capacidades muy extensivas, la realidad es que durante las últimas semanas rehízo su estrategia de defensa para literalmente duplicar en los próximos 5 años sus gastos en defensa. Lo que es algo revolucionario y es un reflejo del temor que Japón tiene ante el creciente poder de China con su gobierno actual, también es visible que Japón está aumentando su cooperación estratégica con otros países también y cooperación como con los Estados Unidos, incluso durante esta semana el ministro de defensa y el canciller de japonés, están acá en Washington, llevando acabo diálogo 2 por 2. Recientemente Japón ha formado un trato con Inglaterra, para abrir espacio a ejercicio conjuntos, por primera vez entre Inglaterra y Japón. Otras formas de cooperación fue la compra de cazas a India o ejercicios, su colaboración con Australia y Corea etc.




Republica de China (Taiwán)




Presidente: **Tsai Ing-wen**
PPD Desde 2016

- Prospero, pero crecimiento económico **lento**
- Política **mas independiente** de Tsai → **conflicto** con RPCh?
- Ahora unificación negociado **"impensable"**
- Aumento de amenazas constantes por RPCh (eg. **71 cazas** 27 de dic '22)
- Elección de **ene '24** (Sin **Tsai**) clave? PPD salió mal en elecciones locales de Nov '22 → Tsai **resignó** como líder PPD
- Postura militar: **sobrevivir unos días** hasta ser rescatado por EE.UU (explorado en **Juego de guerra** por **CSIS**)
- **Armas modernas**, propio industria de defensa, alto tasa de **gastos** en defensa, pero mucho menos que RPCh
 - Balanza entre **armas tradicionales** vs **resistencia?** Misil anti-ave **HF-3**, Fragatas, **submarino** construido domésticamente
- Población **"listo para guerra"** como Ucrania?
 - **↑ Conscripción**: 4 meses → **1 año** (empezando '24)




Análisis personal del presentador: [Dr. R. Evan Ellis](#) +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 9

Obviamente en cuanto a Taiwán, es notable que bajo este gobierno que llegó al poder el PPD remplazo a un gobierno un poco más que estaba orientado de una forma más amable hacia china. Este gobierno de Tsai Ing-wen que llego en el 2016, quizás lo que China ha hecho en cuanto a reprimir la democracia y en Hong Kong, rompe su compromiso de Chile de honrado independencia de Hong Kong sumado a las acciones de China de enviar cazas, de amenazar a Taiwán me hace pensar que la tensión al llegado al punto que el concepto de la incorporación pacífica o voluntaria de Taiwán a China, bajo este concepto de dos sistemas es casi impensable y aunque en elecciones locales este noviembre pasado al partido PPD no le fue muy bien y esto llevo a que Tsai Ing-wen, retirara su participación en el partido, parece que a nivel nacional, está muy sólido para las elecciones del 2024. Eso nos lleva a cuál es la situación política y cuál es la preparación de China, en cuanto a la posibilidad de un ataque o intentar amenazar.

Parte de esta cuestión es el invertir en cosas que se podría decir son de resistencia versus prepararse de forma más convencional, con cruceros y cosas así. Realmente los Taiwanese han hecho un poco de las dos. Este siempre es un debate, sobre cuál es el tipo de preparación apropiado

junto con la importancia de sus lazos con otras partes del mundo, por ejemplo Japón que cumple con la función de dar una bases desde la cual los Estados Unidos y otros aliados podría ayudar en defender Taiwán en contra de China, es algo clave y obviamente nos lleva a ver la importancia de su relación con los Estados Unidos no sólo en lo militar sino en lo diplomático, en el coordinar con los países de la región y otros países como Honduras, Guatemala, Belice y Paraguay que todavía reconocen a Taiwán diplomáticamente. Esta situación y la coordinación con el occidente es cada vez más clave y por supuesto su rol en la región ah con los muchos 14 países que reconocen a China en la región.

Corea del Norte, obviamente todos sabemos del incremento de su programa misilístico cada vez a más a largo plazo.




Corea del Norte




- Fundador [Kim Il Sung](#) (*autosuficiencia*), pasó poder a hijo [Kim Jong Il](#) (1980), ahora [Kim Jong Un](#) (2010) Presidente: **Kim Jong Un**
- **Aislación casi total** (económico, político, humano)
- Infraestructura **envejecida**, **escasez de comida**, **Dependencia de la RPCh** (ej. Oleoducto envejecido 3.8M bbl/año)
- **Conflicto con Corea de Sur**
 - ~~Corbeta Cheonan~~ en 2010 → respuesta por Corea del Sur x Isla Yeonpyeong
- **66 misiles** en '22 (23/un día), incl. **Hwasong-14**, **Hwasong-17** (alcance global), combustible **solido**
 - Prueba para **lanzar satélite?**
 - ↑ táctico a esconder: **TELS**, **submarinas**, **trenes**
- **¿Prueba nuclear bajo tierra?** (*primer desde '17*)
- Ahora tiene **20-30 armas nucleares?**
- Envía de misiles/municiones **para Rusia** x Ucrania




Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 10

Ustedes pueden ver la dependencia la dependencia económica de Corea del Norte hacia China, esta última ve a Cora del Norte como útil, ya que crear problemas para las alianzas occidental hasta el punto en que Corea del Norte realiza acciones tan provocativas que inspira a que el occidente tome acciones que amenaza directamente de China, por ejemplo, hace unos años debido a la amenaza nuclear misilística de Corea del Norte, los Estados Unidos desplegó un

sistema antiaéreo que podría impactar también la capacidad de China continental de lanzar misiles, es lo que lleva a China a actuar en contra de ese problema, porque con eso se impactó el programa misilístico de China que decidieron preocuparse un poco más con ese problema.

Se estima que Corea del Norte, tiene más o menos ahora como 20 o 30 armas nucleares. literalmente ayer el Presidente de Corea del Sur hablo de la posibilidad de desarrollar sus propios misiles nucleares. Es la primera vez en la última generación que un líder de Corea de Sur ha hablado de la posibilidad de adquirir misiles nucleares propios.




Corea del Sur




- Históricamente un **peón** entre **Japón** y **China** (ocupado por Japón 1905-1945)
- Como Japón, **prospero**, pero **económicamente estancado**, población **envejecido**, enfoque en **exportaciones**, rol de **Chaebol** en economía
- Nuevo Gobierno [Ctro-derecha] **Marzo '22**: ↑ relaciones **con los EEUU**, ↑ interés en **mundo**?
 - Nuevo **Estrategia Indo-pacífico** (Dic '22)
- Relación complicado con Corea del Norte:
 - Percepción que política de **acomodación** de antecesor **Moon Jae-in no funcionó**
 - **Reacción**: desarrollar propios **armas nucleares**, pedir **regreso** de **FFAA** de **EEUU**
 - Antes aceptó **THAAD** (**molestando RPCh**)
- Industria de **defensa** (ej. **KF-X**), exportaciones a **América Latina** (cazas, buques, etc.)
- Acuerdo con **Japón** para compartir **inteligencia**,
 - **Históricamente relaciones complicados**

Presidente Yoon Suk Yeol (PPP)





Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civil@army.mil revanellis.com

Figura 11

Algo interesante de Corea del Sur es que tiene un nuevo gobierno, el PPP con el Presidente Yoon Suk Yeol, yo estuve en Seúl en mayo en el evento de su relación con América latina. Porque muchos de los grandes grupos empresa hoy se llaman chaebol, aunque para los coreanos esto es como un nombre un poco sucio que implica algo como corrupto, pero grupos como, Samsung o HK o Costco, operen en sectores como lo electrónico y Costco en el sector de minería empresas como Hunday, operando en sectores automovilísticos, con una gran presencia incluso en América latina especialmente en Colombia y Perú, en cuanto a la venta y ayuda para la construcción de

barcos por ejemplo con Cotekmar en Colombia y Cima en Perú y también con la posibilidad de vender sus cazas y la capacitación en los KA50 algunos otros insumos.

Hay una relación interesante desde allá, pero lo interesante en Asia es ver como este nuevo gobierno un poco más conservador, está tomando un rumbo poco diferente que su antecesor tenía una política de intentar hacer algo más suave con Corea del Norte. Pero este nuevo Presidente quiere cooperar más fuertemente con Japón con los Estados Unidos para establecer una defensa fuerte y no intentará complacer a Corea del Norte.

Pasando a Vietnam, algo interesante es que tiene un partido Comunista, sin embargo, por la mala experiencia de Vietnam con China, siempre han existido resentimientos hacia China. Otra característica, son los problemas de corrupción visibles especialmente con el COVID-19 y algunos escándalos sobre evacuaciones de diplomáticos y algo relacionado con pruebas de COVID-19, lo que ha causado inestabilidad dentro del sistema político dentro del partido.

Vietnam

Presidente: Nguyễn Xuân Phúc
Since Abr '21

- Dominancia de **partido comunista**
 - Pero **reformas en PCV...mas abierto?**
- Entorno **positivo** para **inversionistas extranjeros**
 - **↑6.7%** PIB: Crecimiento mas rápido de 2023
 - Pero empresas estatales **ineficientes**, problemas con **infraestructura** provincial
- Motor económico principal es **RPCh**
 - Busca **balanza** relaciones EE.UU-RPCh
 - Alta **corrupción**, integración con economía RPCh
- Pero **pro-US (84% positivo)**...por **miedo de RPCh?**
- Adquisición de barcos **clase Hamilton** de EEUU
- MCS: Quiere resolver disputa **pacíficamente**
 - Reclamando **2 islas** en mar china sur, incluso **armas en recifes;**

Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 12

Generalmente Vietnam es uno de los países de la región que tiene más un entorno pro negocios y un entorno relativamente pro Estados Unidos, esto se refleja en su perfil de crecimiento ya que Vietnam está por encima de todos y en el sureste de Asia en cuanto a la tasa de crecimiento,

por ejemplo, Japón con su tasa de crecimiento 1.5% el año pasado es el más bajo, Vietnam yo pienso que es el más alto. Por supuesto esta reapertura de la economía China, le va a ayudar a Vietnam.

  **Filipinas**  

- Elección de 2022: [Ferdinando Marcos Jr.](#)
 - *hijo de ex dictador...* ganó por mucho
- Regreso a relaciones amables con EEUU
 - Expansión de Acuerdo de Cooperación en Defensa (EDCA), visita por VP Harris
 - \$100M en nueva ayuda militar / ↑ acceso a bases?
- Balanza con **cortejar la RPCh**
 - Viaje a RPCh Ene '23 → **10 acuerdos** (inversión, energía, infraestructura, turismo?): **Más** que RPCh ofreció **Duterte**
 - ↑ sociedad estratégico "**comprehensivo**"
 - **Ganó** caso de **arbitración** contra RPCh en 2016, pero RPCh no respetó (ej. GCC "**swarming**")
- Problemas **terrorista**
 - Abu Sajaaf, Frente de Liberación Islámico Moro, grupos en **Mindanao**

Presidente: **Ferdinand Marcos** (Junio 2022) 



Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civil@army.mil reवानellis.com

Figura 13

Ahora los filipinos tienen un nuevo Presidente el hijo de ex dictador Fernando Marcos, el cual también se llama Fernando Marcos y es interesante porque el Presidente anterior de Filipinas mantuvo una política que tendió a favorecer a China y poner un poco de distancia con los Estados Unidos con el cual han tenido una relación histórica buena a su vez que un poco complicada.

Lo interesante es ahora, el Presidente Marcos está intentando reconstruir la relación con los Estados Unidos e incluso está buscando expandir el acuerdo de cooperación de defensa que permitir acceso estadounidense a cinco bases militares, quizás más. Al mismo tiempo está intentando no alejarse tanto de China, simplemente la semana pasada fue a China, donde negoció algunas cosas sobre las diferencias en el uso de los territorios en disputa para la pesca e incrementar las compras de productos chinos y filipinos.

Yo mencione el asunto musulmán, sólo hay que destacar que los filipinos han tenido algunos problemas de grupos islámicos radicales, que han causado problemas especialmente en las islas más remotas en los últimos años Malasia.

Malasia

- Guardian de **estrechas de Malaca, Singapur**
- **Disputa marítima:** con RPCh: **Luconia Shoals**
- Decisión comprar caza **KA-50 coreano**, no **JF-17 chino**
- También Disputa con Indonesia (**Sabah**)
- **Terroristas musulmanes** de filipinas: **ISIS Kuala Lumpur '16**
- Política **polarizado por raza:** **Malays** (Musulmanes) vs. **Chinos** y **Indios**
 - **UMNO [Malay]/Coalición Nacional Barisan (BN) '57-'18**
 - **Corrupción (\$1.7B robado de fondo soberano)→Ganó oposición**
- **Coaliciones frágiles:**
 - **3 Gobiernos** durante Covid-19
- Elecciones **Nov '22** entre **5 coaliciones:** **Pakatan Harapan** obligado formar coalición **amplio**; ↓ UMNO; BN→PH coalición
- **↑PAS** (partido islámico, aunque oposición, control de **4 estados**)
- **Regreso a estabilidad?**

Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Primer Ministro: Anwar Ibrahim (Pakatan Harapan)

Figura 14

Lo más interesante de Malasia, es su ubicación justo en los estrechos que son una ruta de mar de mar clave para todo el comercio que sale y entra de China, otorgándoles una posición estratégica. Es importante considerar que también tiene algunas disputas con China y es interesante que por esta razón decidió comprar un caza coreano en lugar de uno chino, para reducir su dependencia con China.

También Malasia, cuenta con varios grupos étnicos de los cuales el grupo más grande son los malayos, quienes tenían mayor participación política, sin embargo, recientemente tuvieron dificultades, con el frente político Coalición Nacional Barisan, han perdido poder y ahora ha sido un periodo de inestabilidad política, para estas próximas elecciones los malayos ya han formado una coalición, lo que genera cierta incertidumbre política, basada en las relaciones étnicas.



Myanmar / Burma



- **Blanco estratégico** para la RPCh, para influencia económico y político, para tener **acceso a océano indiano**
 - Acceso preferencial (85%) a **Puerto Kyauk Pyu** (parte de FyR), + **oleoducto?**
 - Permita RPCh evitar **estrechas de Malaca**
 - **\$7.8MM+** en proyectos
 - **Ayuda** por RPCh, esp. Durante régimen militar
- **Violencia Budista-Musliman**, esp. Estados **Shan** y **Kach**
- **Musulmanes Rohingya: 600,000+** desplazados
- **Crisis política de ahora:** Victoria de **Liga Nacional para Democracia** Marzo '16 (**Aung San Suu Kyi**)
- **FF.AA toma poder** Feb '21 → **Guerra civil**
 - US sanciona **\$1MM** cuentas, **condenación mundial...**
 - **Amplificación**, incl. **Grupos étnicos armados**, Milicias locales, hasta en áreas usualmente leales a FF.AA
 - **2,500** civiles + **20,000** soldados muertos
 - Militares solo controlan **17%?** **↓20% PIB**
- **"Gobierno de Unidad Nacional"** en exilio (amplio)
 - Propone **solución federal** a etnicidades (**135** grupos)
- Ahora Gob propone **nuevas elecciones** (por **"corrupción"**)



Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 15

Otro caso interesante es Burma/Myanmar, ya que existía un gobierno popular de izquierda extremista, pero los militares ya decidieron que el riesgo no era aceptable y tomaron control, lo que desde ese momento fue la expansión básicamente de una guerra civil. Existe un gobierno en el exilio representando varios grupos, al parecer hay muchas partes de Myanmar que están fuera de control del desgobierno militar y este gobierno ha intentado hacer varias cosas para resolver la situación, incluso recientemente llamo a nuevas elecciones para reemplazar las antiguas donde gano el líder de izquierda. Además de esto hay otros vecinos como por ejemplo en Tailandia, que se encuentran incómodos por el nivel de violencia.

Pero otra cosa interesante si ustedes observan para China, Malasia representa una forma para acezar al mar, por Bengala para no depender del estrecho de Malaca, por lo que contar con este acceso es estratégico para China. Por lo que China ha invertido mucho para tener buenas relaciones políticas con el gobierno militar de Malasia y en infraestructura que le brinde acceso a este puerto. Esto es parte del estilo chino, de construir este tejido de relacione, políticas, militares y económicas para obtener los accesos estratégicos que necesita.



Tailandia



Rey **Vajiralongkorn** (**Bhumbol Adulidej se murió** Oct '17)
 Primer Ministro: * **Prayut Chan-o-Cha** (**Palang Pracharat**)



- ↑ **Influencia** de \$\$\$ **RPCh**, **Rusia**?
- Interés en resolver **lucha** en **Burma** (**ASEAN**)
- Gobierno llegó a poder por **coup** (2014)
 - Desde 2001 **ganan** **pobres** en **norte** (**Yingluck Shinawatra**)
 - **FF.AA** **reversó** su **victoria**
- **Elección** **Mar '19** Pero **partidos** **limitado** legalmente: **Mismo** **líder** **militar** **Prayut** **ganó**
 - Elecciones en '23: ¿**Oposición** **avance**?
- **Ataques** **Ago 2016** por **insurgentes** **islámicos** **malaya** en **Hua Hin** y **Phuket**
- **Generales** **favorecen** a **RPCh**?
 - **Comprando** **armas** **chinas** (ej. 3 **submarinas**)
 - **Co-producción** **tanques** **chinos** en **Khon Kaen**?
- **Turistas** **chinos** (**300,000** '23): **ayudan** a **economía**?



Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis76.civ@army.mil revanellis.com

Figura 16

Muy brevemente Tailandia, aunque tiene un gobierno técnicamente civil, es un exmilitar y los militares tienen una influencia realmente muy alta en esto. Tailandia tiene una influencia económica muy fuerte por parte de China y el final de los controles fuertes de COVID-19, significa que muchos chinos van a viajar a Tailandia lo que ayudara a la economía con el turismo, reconociendo esta influencia económica los tailandeses han retirado cualquier tipo de requisito de ingreso para los chinos. Resumiendo, existe una relación muy fuerte entre Tailandia y China.



Indonesia



Presidente: **Joko Widodo** (**Jokowi**) **desde 2014**



- **"No-alineado"**...pero algo **pro** **EE.UU.**, en **ASEAN**
- **"Super Garuda Shield"** (**Sumatra**) con **EEUU**:
- **5,000** **tropas** de **14** **países**, incl. **AUS**, **JAP**, **MAL**, **Corea**
 - **Disputa** con **RPCh** **Islas Natunas** (**Mar China Sur**)
 - Pero **preocupaciones** sobre **AUKUS**
 - Busca **fondos** de **RPCh**, compra **petróleo** **ruso**
- Comunidad **Musliman** / Sentimientos **anti-chinos**
 - **Amenaza** **islámica** (**ISIS** en 2016)
 - **Violencia** en **Papua** (¿**insurgencia**?)
 - 11 → **52** **incidentes/año**
- **FF.AA** **tradicionalmente** **poderoso** (bajo **Sukarto**)
 - Pero ha **separado** **la** **policía** y han **salido** de su **rol** **económico**
 - Enfoque en **Ops. De Paz**
 - **Disputas** con **Australia**, incluso **emigración**



Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis76.civ@army.mil revanellis.com

Figura 17

Indonesia, siempre ha sentido la amenaza de China, tiene cierta historia de dificultades étnicas con la comunidad China en Indonesia. Mantienen buenas relaciones con los Estados Unidos y otros países. Su vecino al sur Australia, siempre ha sido un puente de inmigración desde Indonesia hacia Australia, entonces, aunque Indonesia está más que nada preocupada por China, también ve a Australia como una posible amenaza. Indonesia es otro país de la región que en su sistema político las fuerzas armadas, también tienen una gran influencia en el mismo.



Australia



- Proximidad **geográfico, económico, étnico** RPCh
- **Tensiones** con RPCh bajo Gob. **Liberal**
 - **Pacto de seguridad** con **PNG, Vanuatu**
 - **Influencia de \$\$\$/inteligencia chino** en política domestico→Ley de elecciones
 - **Sanciones por RPCh x agricultura de australia por atrever cuestionar orígenes de Covid-19)**
 - **Detención de reportero australiano Cheng Lei**
- Victoria por **Labor** (Mayo '22)
 - Enfoque **climático** (43% 2030)
 - Intento **mejorar relaciones** con RPCh (visita a RPCh por Canciller **Wong**)
- **Seguir profundización de alianza con EEUU de Gob. Liberal de Scott Morrison, si molesta a RPCh?**
 - **eg. Cuad, AUKUS, Submarinas**

Primo Ministro:
Anthony Albanese
(Labor)
desde Mayo '22




Análisis personal del presentador: Dr. R. Evan Ellis +17033287770 Robert.e.ellis78.civ@army.mil revanellis.com

Figura 18

Ahora, hablando de Australia, esta anteriormente bajo el gobierno liberal tenía una mala relación con China, basada en la influencia que China quería tener en su política sumado a la manera en que China corto las compras de bienes agrícolas y mineros del país. Este nuevo gobierno ha intentado reparar un poco esta relación incluso, el nuevo primer ministro recién me realizo una visita a China.

Pero por otro lado Australia, también sigue manteniendo estructuras de cooperación para la seguridad en contra de China, por ejemplo, con su colaboración de Australia, Reunido y los Estados Unidos que incluyo la compra de submarinos.

Y solamente para terminar mencionar que, desde la aceptación de China en la Organización Mundial del Comercio en 2001, hemos visto cómo se han disparado las compras económicas, las importaciones y exportaciones entre China y América Latina, comparado con otros países de Asia y América latina. Al ver esto de forma relativa, lo que se puede observar es que la expansión de la proporción de comercio entre Asia y América latina, más bien la expansión del comercio China hacía, principalmente ha venido al costo del rol de Japón y hasta cierto punto el rol de Corea, incluso Taiwán ha perdido un poco, pero esto se debe a la pérdida amigos en la región y bueno solo para mostrar algunos de los datos de comercio libre aunque en lo que respecta a México, Chile, Perú y hasta cierto punto Panamá quizás son los países que hasta cierto punto establecen de forma más fuertemente estos intercambios, con la región para enlazarla fuertemente con el continente.



Figura 19

ANALISIS DE LOS GRUPOS DE TRABAJO DEL SEMINARIO: “SITUACIÓN MUNDIAL, ANALIZANDO LA GEOPOLÍTICA GLOBAL Y EL IMPACTO EN EL HEMISFERIO OCCIDENTAL”

Tte. Nav. (MSc.) Ricardo Figueroa Ibarra
Secretaría Armada de México,
División de Investigación del CID.

Antecedentes.

Los días 11 al 13 de enero del 2023 se llevó a cabo el Seminario: **“Situación mundial, analizando la geopolítica global y el impacto en el hemisferio occidental”**. Durante la conferencia se realizaron discusiones académicas en grupos de trabajo integrados por asistentes del Comando Sur de los Estados Unidos de América (US Southern Command) y delegados de la Junta Interamericana de Defensa.

Como parte de las discusiones, se incluyó un análisis sobre el Estado moderno y sus desafíos, identificándose como principal reto el surgimiento de nuevos actores no estatales que hacen uso de herramientas no tradicionales. Sumado a estos, se encuentran retos propios del hemisferio como el crimen transnacional, la pobreza, cambio climático, pandemias, crisis humanitarias recurrentes y migración, entre otros.

Se resaltó que, ante este nuevo contexto, los Estados se ven en la necesidad de establecer acciones multidominio de manera multilateral como la forma más probable para alcanzar el éxito en el manejo, disminución o disipación de las problemáticas actuales. Se visualizó la relevancia de los Mares y Océanos que conforman nuestro planeta, fungiendo como punto de encuentro entre los Estados y por consecuencia, la necesidad de fomentar una responsabilidad compartida de los mismos.

Mencionándose como amenazas las siguientes:

- 1 – Piratería
- 2 – Tráfico de armas
- 3 – Vertido de petróleo
- 4 – Pesca ilegal
- 5 – Trata de persona
- 6 – Migración

- 7 – Terrorismo
- 8 – Protección de cables marítimos e infraestructura
- 9 – Desastres naturales.

Otro punto importante fue la discusión del mar como la principal vía de comunicación en el mundo, su vital importancia para el desarrollo de la humanidad, por el alto porcentaje del comercio mundial que se realiza a través de los océanos (85% aprox.); además es una fuente de alimentos, combustibles, energía y minerales. Durante estas conferencias se habló de La Convención de las Naciones Unidas sobre el derecho del Mar (CONVEMAR), como el ente legal que regula el uso de los mares.

En lo que respecta a la temática de Ciberespacio, se mencionó que nos encontramos en la cuarta revolución industrial, con tecnologías aceleradas que generan innovaciones disruptivas con cambios en todos los aspectos y niveles de interacción. Identificándose los siguientes elementos, relevantes en esta revolución:

- 1 – Inteligencia artificial
- 2 – Blockchain
- 3 – Nanotecnología y Biotecnológica
- 4 – Machining learning
- 5 – Internet de las cosas
- 6 – Autonomía de las armas.

Adicionalmente, el desarrollo de la tecnología digital en Latinoamérica es incipiente y el nivel de madurez bajo, convirtiéndose en un ambiente propicio para los hackers y el hacktivismo. Se concluyó que los Estados de la región deberían desarrollar capacidades y ejecutar acciones coordinadas para defender sus infraestructuras críticas de ataques de terroristas cibernéticos.

También se mencionó a China y su nueva participación a nivel global, identificándola como un nuevo actor que está cambiando la dinámica mundial, fueron señalados varios de sus objetivos entre los que está obtener un rol global más predominante en la diplomacia. Lateralmente se estudió la región del Sur de Asia, donde se identificaron diferentes conflictos y tensiones regionales, originadas principalmente por cuestiones étnicas, mismas que se agravan por el manejo de los recursos y una aguda pobreza.

Se consideró la situación en Europa, en la cual predominó la temática de los cambios generados por la invasión de Rusia en Ucrania, principalmente la reacción de la mayoría de los países que se han visto en la necesidad de modernizar y fortalecer sus sistemas de defensa; desarrollándose una carrera armamentista en la región, con la inversión de grandes cantidades de dinero en materiales de defensa. Sobre esta misma línea de pensamiento, se resaltó que la invasión de Rusia generó lo contrario a lo esperado que fue el fortalecimiento de la OTAN tanto con el ingreso de nuevos miembros como Finlandia, así como con apoyo político de occidente.

Cerrando la temática, se realizó una revisión sobre el continente africano, del cual se hizo énfasis sobre la diversidad cultural, el militarismo tradicional, la dificultad para generar una profesionalidad militar y la existencia de diferentes campañas de desinformación, así influencia de Rusia y China en el continente. Como elemento agravante de la situación en el continente se identificaron la profunda crisis alimentaria, las consecuencias del cambio climático y los desplazamientos humanos que terminan en olas migratorias que afectan otros Estados, incluso en Europa.

CONCLUSION

Tte. Nav. Ricardo Figueroa Ibarra
Secretaría Armada de México,
División de Investigación del CID.

El contexto geopolítico que prevalece a nivel mundial se ha tornado aún más complejo que el año anterior. El surgimiento de nuevas dinámicas de poder ha modificado el orden mundial y, por ende, generando entornos competitivos en bloques dentro de un mundo de recursos limitados, entre ellos los recursos energéticos, que se constituye en una fuente de dependencia para los Estados, lo que anuncia el surgimiento de nuevos conflictos por los mismos.

La guerra entre Rusia y Ucrania da muestra del cambio en el sistema de las relaciones internacionales, donde la multipolaridad prevalece; presentando nuevas características de los conflictos y las que tradicionalmente permanece. Claramente la tecnología se introduce de una manera disruptiva convirtiéndose en un gran aliado capaz de nivelar los conflictos entre cualquier tipo de rivales, a su vez que constituyen una nueva amenaza, a la que los Estados tienen que atender protegiendo primordialmente sus infraestructuras críticas.

Entre los temas se habló de la intención de algunos Estados extracontinentales que se proyectan hacia la conquista de nuevos espacios, no solo terrestres, marítimos y económicos; sino también discursivos y diplomáticos, creando un escenario más complejo que el vivido durante la “Guerra fría”.

Durante las conferencias de este seminario, los participantes pudieron obtener conocimientos relevantes de distintas regiones del mundo como Asia, Europa y África, proporcionados por especialistas. Además de las conferencias dirigidas a los alumnos de la clase 62, el Colegio Interamericano de Defensa realizó un ejercicio para el desarrollo de conocimiento, creando grupos de trabajo de alto nivel para el diálogo de los temas impartidos en las conferencias. Estos grupos analizaron las dinámicas del escenario mundial y su impacto en el hemisferio occidental. Todo ello, bajo la lógica de un pensamiento crítico con el fin de enriquecer la toma de decisiones estratégicas en los sectores de defensa y seguridad.

Actualmente las amenazas son de tipo transnacional, lo que requiere acciones interagenciales y respuestas que involucran a diferentes países de la región, por lo que este tipo de

conferencias en un ambiente académico, permite discutir con total libertad académica y respeto, soluciones compartidas para problemas complejos comunes.


Una vez concluidos los días de presentaciones se solicitó a los ponentes que resumieran sus comentarios para esta publicación. El IADC no se hace responsable de las opiniones vertidas en los artículos publicados. Las opiniones, conclusiones y recomendaciones expresadas o que queden implicadas en sus distintos artículos son las de sus autores y no reflejan necesariamente la política o posición oficial ni del Colegio Interamericano de Defensa, ni de la Junta Interamericana de Defensa, ni de la Organización de Estados Americanos, ni la del país u organización representada por el autor.

Expresamos nuestro agradecimiento al Comando Sur de los Estados Unidos de América (US Southern Command) por su apoyo económico, para la realización de este Seminario.

Las actas del *Seminario de Situación Mundial* se publican bajo una licencia de Creative Commons Attribution – Non Commercial 4.0 Internacional (CC BY NC). Su contenido es de distribución gratuita, los usuarios pueden leer, descargar, copiar, distribuir, imprimir o crear un enlace que dirija a esta publicación. El derecho de utilizar este material no releva al usuario de la responsabilidad de otorgar el crédito correspondiente a los autores y a la publicación proveyendo una descripción bibliográfica completa del trabajo. El usuario debe notificar a los autores y a la publicación si intenta realizar algún cambio. El CID no cobra a los autores por presentar sus ponencias y tampoco cobra por la utilización de este material. Para más información sobre esta licencia puede visitar el sitio <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/> o envíe una carta a Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA. Para más información sobre el CID, por favor, visite nuestra web www.iadc.edu. Publicada en Washington, D.C. (EE. UU.).



ISBN 978-1-7379232-2-0



ISBN: 978-1-7379232-2-0